

Trovante e Soares: êxito nos 15-20 anos

Hoje no Sete Ponto Sete

Diário de Lisboa

ANO 56 N.º 22 060

Terça-feira, 13 de Maio de 1986

Preço 40\$00

Parry and Son:
administração
decidiu dar
"luz verde"
ao processo
de falência

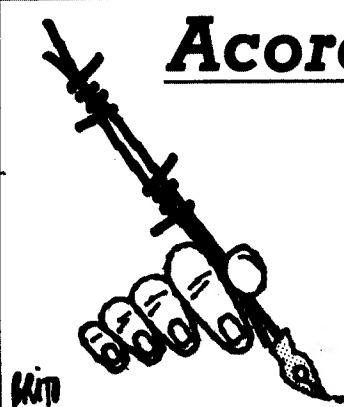
Pág. 12

'INFANTES' ESPERAM BACALHAU E VINHO



Evaristo não tem lá disso

Pág. 16



Acordo já foi subscrito por sete países

É assim se esta redação adotar nova ortografia

Pág. 11

Ontem leu o Evangelho e desmentiu demissão

NEGÓCIOS E SAUDADE RETIVERAM CAVACO

Mário Soares regressou esta tarde a Lisboa, no final da visita oficial a Londres, comemorativa dos 600 anos da Aliança Luso-Britânica. Cavaco Silva ficou ainda. O Primeiro-Ministro tem hoje um encontro com homens de negócios ingleses, programado pela Câmara de Comércio Luso-Britânica de Londres, e deverá ainda matar saudades da Universidade de York, onde, no período de 1971 a 1973, fez o seu doutoramento em Economia Pública. O regresso do Primeiro-Ministro —, que ontem na capela de São Jorge leu versículos do Evangelho segundo São João («amai-vos uns aos outros como eu vos amei...»), atacou os comunistas e desmentiu a sua eventual demissão —, está previsto para amanhã.

Pág. 6



Multinacionais em todas as frentes

Pierre Drouon

Polvos do capitalismo ou antenas da CIA? Porque não haviam de ser as empresas multinacionais uns e outras? — pensam os comunistas de velha cepa. Imagens fortes do inimigo sempre ajudaram o combate militante. No entanto, será cada vez mais difícil conservar nesta mitologia satânica o seu poder de repulsa.

De um lado, por causa da crise, os países do Terceiro Mundo acolhem sem grandes preocupações as filiais de empresas norte-americanas e de outros países do Norte. Ainda mais, eles próprios produzem multinacionais.

Por outro lado, a Leste, as «organizações internacionais de gestão» representam em certa medida idêntico papel das empresas com ramificações internacionais. Que são estas «multinacionais vermelhas»? Como funcionam? O professor Giovanni Graziani, um dos melhores especialistas destes temas pouco estudados, acaba de nos dar sobre elas informações preciosas (1).

As organizações económicas intergovernamentais de Leste são conhecidas e não podem ser identificadas com as multinacionais ocidentais já que exercem em especial funções de coordenação no seio do COMECON. A única excepção é constituída pelos dois bancos que apresentam lucros: o Banco Internacional de Cooperação Económica (câmara de compensação dos pagamentos) e o Banco Internacional de Investimentos que financia os investimentos comuns dos países do COMECON.

Em contrapartida, as «organizações internacionais de gestão» (OIG), podem ter por principal função uma actividade comercial de pesquisa e de produção. Os seus membros são empresas, monopólios, confederações, associações dos países fundadores, dotados de autonomia financeira e na dependência jurídica do Estado em cujo território se situa a sua sede.

Existem dois grandes grupos destes OIG: 1) os que englobem praticamente todos os países do COMECON (por vezes com a Jugoslávia) e concentram as suas actividades em quatro áreas muito dinâmicas: o nuclear, a química, a construção mecânica e os transportes; 2) os que se apresentam sob a forma de empresas comuns apenas a dois países e que se interessam em especial pela indústria extractiva e pelo tratamento das matérias-primas. A justificação económica destas «montagens» consiste na complementaridade dos factores de produção.

Como determinados países do Ocidente e sobretudo do Terceiro Mundo pretendem negociar, com empresas estrangeiras que neles se querem instalar, um «código de bom comporta-

mento», os Estados do Leste foram obrigados a definir regras muito estritas para as operações conjuntas. Aqueles temem com efeito que estas interfiram com a sua independência. Não se trata de um receio fútil. Os dois bancos do COMECON têm a sua sede em Moscovo e os seus presidentes são soviéticos.

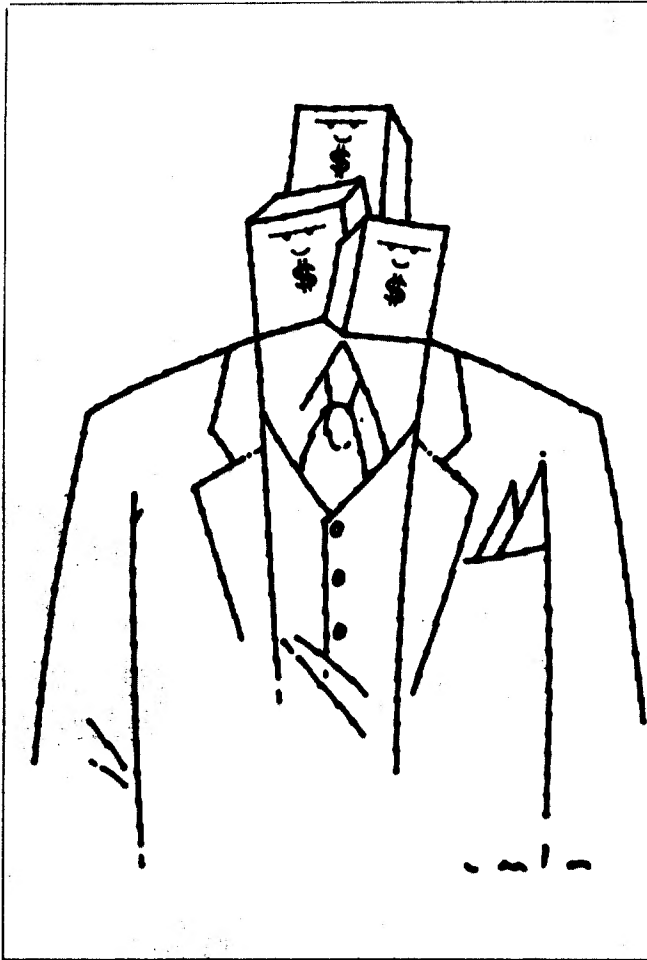
De acordo com uma hipótese ocidental, o primeiro tipo de OIG poderia ter sido criado para permitir à União Soviética, o país mais avançado no campo da tecnologia nuclear, dispor de meios de controlo sobre as actividades de investigação dos restantes países membros do COMECON. Do mesmo modo, as empresas comuns nalguns sectores extractivos têm por objectivo garantir à União Soviética provisões em minerais não ferrosos por uma divisão de trabalho que se assemelha muito à que se opera no Ocidente entre países industrializados produtores de matérias-primas.

Dito isto, as multinacionais de Leste não têm por objectivo principal conseguir lucros e são menos autónomos do que as suas irmãs ocidentais já que toda a actividade económica deve passar, no COMECON, pelo filtro das instâncias centrais do Estado.

Em compensação, as multinacionais oriundas dos países do Terceiro Mundo (2), têm as mesmas funções e muitas vezes o mesmo comportamento que as que têm a sua origem nos países industrializados e estão a desenvolver-se mais depressa do que se teria podido pensar. Com excepção da Argentina, que tinha estendido pontes para os seus vizinhos no final do século passado (as três primeiras multinacionais deixaram de controlar as suas filiais, e algumas delas conseguiram mesmo ultrapassar a sociedade matriz), os investimentos directos no estrangeiro das nações do Sul multiplicaram-se a partir de 1960. Sociedade coreanas constroem no Koweit, e abrem estradas no Equador; empresas de Taiwan constroem siderurgias na Nigéria; firmas filipinas restauram templos na Indonésia; uma companhia indiana ajuda a Argélia e a Nigéria a desenvolver a sua indústria de máquinas-ferramentas.

A Bandeira do Terceiro Mundo

Contam-se de 6000 a 8000 filiais de multinacionais cuja sede se situa em países do Terceiro Mundo. Não há dúvida de que a totalidade do capital dos países do Sul em outros países (com exclusão dos investimentos a crédito) é ainda modesta: qualquer coisa como 10 mil milhões de dólares. No entanto, cada vez maior número de países em desenvolvimento consideram que o jogo vale a pena.



Quatro deles, cujas multinacionais são das mais activas, foram estudadas por Sanjaya Lall e pela sua equipa: Índia, Hong-Kong, Argentina e Brasil. Que lições podemos extrair das suas iniciativas?

Parece insólito que empresas que funcionam com técnicas e competências de nível geralmente «inferior» possam ultrapassar as suas concorrentes ocidentais. Este resultado tem várias explicações: melhor adaptação às necessidades do terceiro Mundo, processos mais rentáveis a uma escala pequena, produtos de consumo que se difundem melhor no mercado que os produtos de marca internacional, capacidade para funcionar melhor no respectivo contexto cultural. Acrescentamos que as multinacionais do Terceiro Mundo têm por vezes acesso a uma mão-de-obra excepcionalmente barata nos seus países de origem. Além disso, são em certos casos propriedade de importantes conglomerados diversificados, explorados por famílias com tradições nos negócios, o que por vezes lhes confere vantagens no que se refere a recursos financeiros, gestonários e técnicos.

Porque investe no estrangeiro uma empresa do Terceiro Mundo? As razões são pouco diferentes das empresas semelhantes do Ocidente. A ameaça de protecção num mercado potencial constitui a incitação mais forte: correndo o risco de não poder exportar os seus produtos, fabricam no local, junto do consumidor. Acrescem ainda motivações es-

pecíficas. As multinacionais de Hong-Kong, por exemplo, voltam-se para o estrangeiro para baixar os dispendios com os terrenos, para encontrar mão-de-obra mais numerosa, e para aceder mais facilmente aos mercados dos países desenvolvidos. Para a Índia e para a Argentina, o investimento no estrangeiro é muitas vezes o processo de fugir às restrições macroeconómicas nacionais: estagnação ou ciclos conjunturais demasiado evidentes.

Se a decisão de conceder licenças não é frequentemente equilibrada com a de investir é evidentemente porque as empresas do Terceiro Mundo não dispõem das técnicas de ponta que podem encontrar nos mercados internacionais.

Quanto ao comportamento das multinacionais das nações em desenvolvimento, não difere substancialmente das outras multinacionais: não conseguem melhor nem pior manipular os governos dos países que as acolhem.

Esta visão de conjunto prova de qualquer maneira uma coisa: qualquer sistema industrial — e não apenas o sistema capitalista — cria estruturas que as fronteiras não podem conter. A divisão internacional do trabalho transcende as ideologias.

(1) *Revue d'économie industrielle*, 2.º trimestre 1984, e *Problèmes économiques* de 20 de Novembro de 1984. Ed. La Documentation Française.

(2) É o título de uma excelente obra de Sanjaya Lall que acaba de ser publicada sob o duplo signo editorial das PUF e IRM (Institut de Recherche de l'Information sur les Multinationales).

A opinião com... Ser de esquerda, hoje em dia

Vasco Riobom

Ser de Esquerda, hoje em dia, é aceitar plenamente o Socialismo. Um Socialismo não desvirtuado, isto é, nem adiado, nem disfarçado com outras roupagens que mais não são, senão condicionais dilatórios! É antes de mais reconhecer no nosso próximo irmão cujas carências são quer idênticas às nossas, ou não o sendo, o poderiam ser!

O «Homo Sapiens» ou o «Homo Faber» mais não são que o mesmo homem, que vivendo sua onticidade, delinea a sua filogenia. Seu modo de estar no mundo, expressão de Heidegger (1), que condiciona hoje em dia a existência boa ou má de todos os outros seres. Haverá ainda quem pergunte, porque? A resposta é aparentemente simples, em toda a complexidade que a envolve!

É simples, porque o homem como qualquer outro «existente» detém em si o impulso de tornar seu ser um permanecer no mundo. Sendo esse «permanecer» sinónimo de fruição de quê, para quê? Fruição de um viver, que se pretende, dinâmico, transformador do universo como o afirmou Marx, quando refuta na sua «Miséria da Filosofia» a obra de outro filósofo, Proudhon, a «Filosofia da Miséria»! (2)

Atendamos à palavra «fruição».

Se a entendermos no sentido espinosiano, diremos que a primeira verdade de qualquer ser é, permanecer nessa essência como ele escreveu na «Ética more geométrico demonstrata».

Portanto, antes de mais nada, temos que admitir que todo e qualquer ser humano — desde a infância à velhice — tem como que a intuição daquilo que deseja para si fruir. E esse fruir é a vida, a sua vida! Quer física, quer mental!

Física como substracto material, por conseguinte real, dessa existência! Mental porque o homem é um «bicho estranho», «muito raro» como o pensou Unamuno! Isto é, capaz de assistir ao desenrolar da sua vida, isto é, capaz de vivências, tanto respeitantes aos seus afazeres programados, como à sua negação, que em última instância é a sua morte.

Mas para que o homem viva é indispensável que o faça em sociedade de outros indivíduos da sua espécie. Já que hoje em dia, não lhe seria possível ser aquilo que é, sem a divisão do trabalho que é o substracto dessa sua existência como homem. De aí a origem da palavra, do pensamento, da ética. Os «Robinsons» são hoje em dia algo de abstracto!

Sendo assim, para podermos viver necessitamos, antes de mais do nosso semelhante para com ele podermos dividir nossas tarefas. Sendo os primeiros semelhantes que se nos deparam nossos progenitores, principalmente nossas mães. Porque sem essa longa protecção infantil, nada mais seríamos que animais

irracionais, já o nosso sistema nervoso não seria capaz de atingir a maturidade que faz de nós homens. E aqui nasce já a primeira característica indispensável à vida do ser humano como tal, a «fraternidade». Fonte de toda a liberdade, isto é, da característica máxima que distingue o homem dos outros bichos, isto é, o saber-se pensar nesta ou naquela circunstância, que é a raiz da abstracção e por conseguinte da liberdade.

E por fim, admitamos a última característica humana: a igualdade. Que é esta igualdade aqui definida? Senão a capacidade de «divisão» do que existe pelos outros, nossos semelhantes, para que sejam também pessoas, isto é, tenham a possibilidade de se assumirem «de um modo determinado», desempenharem determinadas funções sociais, suporte material da divisão do trabalho.

Por último, teremos que entrar em linha de conta com a terceira das condições da possibilidade do humano, que é a igualdade. Ora esta igualdade mais não é, senão uma capacidade de entender da oportunidade da fruição pelo nosso próximo dos recursos materiais existentes no mundo, num determinado grupo social, dominado pelo conceito de «rarefa» do qual falou Jean Paul-Sartre (3), explicitando assim, genialmente, a tríade socioaxiológica que nos legou a gloriosa revolução de 1789!

Entender, pensando-o, ao significado profundo destas categorias do social é avançar para a definição daquilo que é, possa ser o Socialismo! E não é possível ser de Esquerda sem se ser socialista! Embora, inicialmente, tal designação nos tenha advindo do facto de ser essa a posição ocupada nas reuniões dos Estados Gerais franceses que iriam desencadear a Revolução, que permitiria a ascensão da Burguesia e mais tarde uma outra, a de 1917, na Rússia dos soviets com Lénine, sintetizando as consequências histórico-sociais desses dois sucessos, teoricamente estruturados no pensamento de Marx e Engels.

Contudo, este processo, longe de ser estático, é sim dinâmico, isto é, constantemente renovável, porque a vida de uma geração é sempre, não apenas precedida por outra, mas também por uma terceira sucedida! E essa certeza encaminha-nos a pensar naquilo que hajam de ser as oportunidades da vida dos nossos filhos e por conseguinte, da juventude que nos rodeia e fechará nossos olhos, até que outra, feche por sua vez os seus! Mas isso, será pensado noutro artigo que se seguirá a este, que já vai longo. (1) «Sein und Zeit»-Tübingen, 1957. Max Niemeyer Verlag. (2) «Philosophie de la Misère, Misère de la Philosophie» 10/18, Paris. (3) «L'Être et le néant», Sartre NRF Paris.

• Médico HCL

Uma parte importante da saúde

Beja Santos

«O descobrimento de um novo manjar faz mais pela felicidade humana que o descobrimento de uma estrela», observou Brillat-Savarin, o autor de «A Fisiologia do Gosto».

Se a observação é verdadeira, não deixa, entretanto, de passar a rotina e a negligência com que encarnamos os nossos hábitos alimentares e, sobretudo, o pouco significado que encontramos nos alimentos industrializados ou preparados na educação nutricional. Conhecemos a cultura do snack-bar e da lanchonete: nos auto-serviços, nos pronto-a-comer, nos comer-em-pé, as refeições já não são cozinhadas na ocasião, aparecem-nos industrialmente preparadas segundo os cânones norte-americanos.

E mudanças sociais aceleradas precipitam novos hábitos alimentares, e até novas formas de apresentação dos alimentos. A urbanização maciça, o crescimento demográfico, as alterações no rendimento e no nível de vida, o emprego do tempo das mães de família que trabalham, enfim, tudo se conjuga para que a produção em série, distribuição e industrialização da alimentação substitua progressivamente o trabalho artesanal. Aumenta o consumo dos alimentos congelados; a generalidade dos queijos é fabricada por processos automáticos; o uso de aditivos, concentrados, etc., leva a pensar numa afirmação de um investigador das indústrias agro-alimentares: «No futuro, as nossas indústrias serão comparáveis à indústria automóvel. Um primeiro sector de extracção tratará a matéria-prima agrícola como o fazem as indústrias pesadas da metalurgia. Os adjuvantes e complementos serão preparados pelas indústrias especializadas como as que fabricam as jantes, os assentos. No fim da cadeia, juntar-se-ão as peças para compor o prato pronto a servir ao consumidor». Estonteante, mas menos futurável do que alguns pensam.

É muito raro que as organizações de consumidores se pronunciem sobre o futuro ou a massividade desta alimentação sintética, conquanto aqui e acolá se oiçam brados de alarme com os tratamentos que sofrem os produtos agro-alimentares. Há alguns anos atrás, um director do Serviço da Qualidade do Ministério de Agricultura, da França, sustentava que os novos alimentos eram muito sãos e mais abundantes do que nunca. Os tecnocratas têm destas bizarras, mas felizmente não conseguem convencer os consumidores, já que a maioria, mesmo que cercada por condicionamentos sem fundamento psicológico, e, como se disse atrás, em estado negligente para conhecer melhor as suas necessidades nutritivas, anda inquieta com a comida actual, pois a

qualidade diminui constantemente. Carnes de aviários, hortícolas tratados, leites de longa duração, etc., estão longe de ter o saber dos produtos naturais. Por outro lado, sabe-se que todas as substâncias químicas, aditivos alimentares, acumulam-se nos órgãos humanos (fígado, rins, tecidos gordos, etc.) e passam a interferir no metabolismo. É também por isso que não é suficiente confiar nas chamadas «doses diárias admissíveis» destes aditivos, já que nos escapa a questão básica que é o problema da acumulação e a intervenção desses produtos no organismo. E informação de confiança é coisa que não há: os consumidores destes alimentos industrializados sentem-se ludibriados ou ignorantes; a indústria nega-se sistematicamente a dar uma informação imparcial e desinteressada; e graças à exagerada influência da publicidade é excepcional que os produtos industrializados informem o consumidor acerca da composição. Outro problema que se prende com a educação alimentar é a forma como ingerimos as nossas refeições: na cultura do snack-bar ingerimos a ração calórica em dez minutos, e, em consequência comemos demasiado depressa. Esta situação aberrante será evitável se se juntar celulosos ou fibras para

aumentar o volume. Mas temos todos de reaprender de novo a comer lentamente, o que pressupõe adquirirmos os rudimentos da nutrição para a saúde.

Como escreveu a nutricionista Consuelo Nomdedeu na «Informação ao Consumidor», de Abril passado, verifica-se nos últimos tempos uma crescente preocupação, por parte dos órgãos de comunicação social

mais influentes, com a boa e má nutrição e pelas formas enviesadas e obsessivas das correntes alimentares exóticas, onde alguns pretendem encontrar a solução de todos os problemas, acrescentando os equívocos perigosos com o abandono das práticas gastronómicas tradicionais positivas. Os conhecimentos sobre preparar correctamente que devem consumir-se de cada um deles em relação com as necessidades individuais

fixadas para cada idade, o tipo de trabalho, as condições climáticas, deveriam estar integrados no programa escolar do ensino obrigatório porque só desta forma se garantiria a todos os cidadãos a informação necessária para poder tomar uma decisão pessoal bem documentada. E conclui a conhecida nutricionista: «Quando os jovens alunos analisam os factos quotidianos que os rodeiam em matéria de alimentação — hábitos familiares, promoções na venda de determinados produtos, política alimentar do país, modas alimentares, publicidade, e a utilização do conceito de saúde a apoiar o marketing de certos alimentos ou certas formas de se alimentar, estão carecidos de um conjunto de conhecimentos rigorosos que a escola tem o dever de proporcionar. «Um outro reputado nutricionista, o nosso compatriota dr. Emílio Peres, tem insistido que comer bem é comer na justa medida, de modo a manter o peso certo toda a vida; é variar amplamente os alimentos de modo que o organismo receba completa e equilibradamente todos os nutrientes de que precisa, sem falhas nem excessos, como acaba de escrever num artigo da revista do Instituto Nacional de Defesa do Consumidor. E deste autor retenhamos a finalizar um apanhado de recomendações-chave para melhorar os nossos padrões alimentares e dietéticos:

1 — Iniciar o dia tomando sempre um primeiro almoço nutricionalmente completo e caloricamente suficiente.

2 — Comer a intervalos máximos de 3 horas e meia; nunca concentrar a comida necessária para um dia em apenas 1 ou 2 refeições volumosas.

3 — Beber água com abundância de modo a que a urina se apresente sempre clara e praticamente sem cheiro.

4 — Aumentar o consumo regular de leite e seus derivados;

ter em particular atenção que devem fazer sempre parte, em abundância, da alimentação de crianças, adolescentes, grávidas e aleitantes.

5 — Reforçar os consumos regulares de produtos hortícolas e de frutos e torná-los constantes e abundantes nas refeições.

6 — Consumir diariamente pequenas porções de feijão, grão, ervilhas e favas, por exemplo, na sopa.

7 — Dar ao pão o lugar que ele merece, aumentando o seu consumo na alimentação de cidade. Preferir o pão branco de trigo e preferir pão mais escuro, feito com farinhas mais completas, e idealmente de mistura de trigo e centeio.

8 — Reduzir de forma substancial e progressiva, o uso de sal, de gorduras em geral, de gorduras sólidas e degradadas pelo calor (fritos, estrugidos e assados com gorduras), e de açúcar.

9 — Limitar a menos de metade o consumo de bebidas alcoólicas por adultos e afastá-las completamente de crianças, adolescentes, mulheres grávidas e aleitantes.

10 — Acertar as calorias da ração às necessidades de cada um, de modo a manter o peso correcto toda a vida.

11 — Combinar os vários grupos de alimentos de forma completa, variada e equilibrada como a Roda dos Alimentos sugere.

Uma criança mal alimentada dará não só um adulto enfermo como um mau e desatento aluno. Se, por exemplo, se priva a criança de um almoço condigno com alimentos variados proporcionados ao recomendado pela Roda, comida sã e atraente, a parte de tarde não rende. Um dos indícios mais optimistas do nosso tempo é sem dúvida este retorno ao culto do corpo, com higiene e regras alimentares que repudiam as mensagens mais tristes do consumismo.



ANÚNCIO

FAZ SABER que no próximo dia VINTE DE MAIO DE 1986, pelas CATORZE HORAS, no Tribunal Judicial desta Comarca, nos autos de Carta Precatória com o n.º 8/86 da 1.ª Secção e vindos da 8.ª Secção do 3.º Juízo do Tribunal do Trabalho da Comarca de Lisboa, extrai dos de Execução da Sentença com o n.º 144-A/84, em que é Exequente Eduardo Fernandes Barata e Exequente da Enomacânica — Máquinas e Equipamentos Industriais, com sede na Malveira, há-de ser postos em praça para serem arrematados, por metade do valor indicado nos autos, dois tornos de precisão, ambos da marca «SMOLL», um maior que o outro e ambos em bom estado de conservação. — Dos bens é fiel depositário Nuno José Rodrigues Câmelo, sócio-gerente da executada, que mostrará os bens a quem estiver interessado.

Mafrá, 5 de Maio de 1986

A Juiz de Direito,
ass) Maria do Rosário Correia
de Oliveira

O Escrivão de Direito
ass) António Luís da
Conceição Barroso

«DL» 13/5/86 — 2.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL
DA COMARCA DE LISBOA
2.º JUÍZO

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da segunda e última publicação do anúncio.

Execução Sumária n.º 4948 2.ª Secção

Exequentes — CONSTURB—Comércio e Distribuição de Materiais de Construção Civil, Lda.

Executado — SOCIEDADE DE PROJECTOS E CONSTRUÇÕES J. MENDES TAINHA, Lda. — Rua José D'Esaguy, n.º 5-1.º Esq. Lisboa.

Lisboa, 6 de Maio de 1986

O Juiz de Direito
(assinatura ilegível)
O Escrivão Adjunto
(assinatura ilegível)

D.L. 13/5/86 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL JUDICIAL DA
COMARCA DE
TORRES VEDRAS

ANÚNCIO

No dia 3 de Junho próximo, pelas 10 horas, no Tribunal desta comarca, nos autos de carta-precatória extraídos dos de execução sumária n.º 2 996/82, da 3.ª Secção do 15.º Juízo Cível de Lisboa, que a União Fabril Farmacêutica S.A.R.L. move contra a executada Franca & Silva, Lda., com sede em Vermelha, Cadaval, há-de ser postos em praça pela 2.ª vez, para se arrematarem pelo maior lance oferecido acima do valor indicado no processo, os seguintes bens móveis:

1.ª 4 secretárias metálicas com tampo em madeira de fórmica, castanha, de escritório;

2.ª Uma máquina de escrever, da marca Olympia, de teclado nacional em bom estado de funcionamento;

3.ª Uma máquina de contabilidade da marca Olivetti em bom estado de funcionamento, muito antiga, com rolo exterior;

4.ª 4 cadeiras de secretária, pés metálicos e em napa de cor preta;

5.ª 3 cadeiras de escritório com pés metálicos e em napa, de cor preta;

6.ª Duas secretárias para telefone, com duas meias-portas metálicas e tampo de fórmica de cor castanha;

7.ª Uma secretária de máquina, em armação metálica, de cor cinzenta, com o tampo formado por três corpos;

8.ª Uma fotocopiadora da marca 3-M-Druy Foto Copier, 251, em regular estado de conservação com suporte metálico e prateleira em forma de grelha.

Torres Vedras, 6 de Maio de 1986

O Juiz de Direito
Henrique Manuel da Cruz
Serra Baptista
O Escrivão de Direito
Joel Henriques Ferreira da Silva

D.L. 13/5/86 — 1.ª Pub.

COMUNA - TEATRO DE
PESQUISA

HOJE ÀS 21 30H TEL 726 09 18

CALIGULA DE

ALBERT CAMUS - ENGENHAÇÃO DE JOÃO MOTA

VEJA TEATRO A PREÇOS REDUZIDOS

PATROCÍNIO DA F. GULBENKIAN 3.ª/4.ª e 5.ª feira PREÇO ÚNICO 150\$00

PRACA DE ESPANHA - APOIOS F. GULBENKIAN E RADIO COMERCIAL SUB SEC

NATURA

FOI POSTO A VENDA O N.º 375
REFERENTE A ABRIL

Se deseja evitar a doença e curar-vos dos vossos males, pelos meios puramente naturais, assinal já esta utilíssima revista de Higiene Geral e Alimentar de Saúde e Cultura Integral podendo estar certos que pelos ensinamentos recuperais mais bem-estar e alegria de viver.

Director e Proprietário: Dr. INDIVERI COLUCCI

DO SUMÁRIO DESTACAMOS OS SEGUINTE ARTIGOS:

- Visão Panorâmica do «Método Colucciano»
- A enfermidade converteu-se na matéria-prima de uma das indústrias mais rentáveis
- Sétima entrevista com o Dr. Colucci
- A Natureza — Grande armazém vegetal
- Frente a Frente: Indústria química com remédios naturais
- O mel — fonte maravilhosa e benéfica para a humanidade
- Bens alimentares e exercício físico regular: não curam todos os padecimentos nem evitam os acidentes, mas ambos podem preparar para uma vida mais sadia
- A alimentação durante a gravidez
- O resgate
- A magia
- As vitaminas da laranja
- O Ferro da vida
- Lactícios e cálcio
- O alho e a saúde
- Meloterapia — sugestões práticas para um aproveitamento eficaz dos raios solares durante as férias de Verão
- O interesse alimentar dos cogumelos
- Página da cozinha
- Etc., etc.

Estrangeiro: 1500\$00 • Avulsa: 80\$00

RUA ANTERO DE QUELANT 375 - 1.º Andar Intendente

Telefone 55 64 94

Assinatura Anual 900\$00 • Semestral 450\$00

Estrangeiro: 1500\$00 • Avulsa: 80\$00



CÂMARA MUNICIPAL DE SINES

EDITAL N.º 41/86

VIATURAS ABANDONADAS

FRANCISCO MARIA PEREIRA DO Ó PACHECO,
Presidente da Câmara Municipal de Sines:

Faço saber que os veículos abaixo indicados que se encontram depositados no Depósito Municipal, sito no Parque de Viaturas, serão vendidos em hasta pública conforme o preceituado no Dec.-Lei n.º 57/76, se os proprietários os não levantarem no prazo de 30 dias a contar da data do presente Edital.

Os interessados ficarão responsáveis pelo pagamento dos encargos legais estabelecidos.

Nome do Proprietário	Marca da Viatura	Local donde foram retirados os veículos	Matrícula
Ignorado	Opel Rekord	Centro de Convívio (Aldeamento da CNP)	BP-59-77
Ignorado	Austin	Rua da Floresta (junto ao Pedrosa)	HF-79-47

Paços do Concelho de Sines, 22 de Abril de 1986.

O Presidente da Câmara
Francisco Maria Pereira do Ó Pacheco

POLITICA

Constâncio nos Açores e Gama na Madeira: tentar cativar as autonomias

O candidato à liderança dos socialistas, Vítor Constâncio, defendeu ontem o reforço dos poderes das estruturas federativas do PS como «forma de revitalizar o partido e ganhar novos militantes». Constâncio, que falava em Ponta Delgada no início de uma visita de três dias aos Açores, disse que a sua candidatura a secretário-geral visa a «recuperação do PS», afirmando-o com uma «imagem credível de alternativa ao poder». De acordo com o ex-governador do Banco de Portugal, «a coligação com o PSD fez perder a liderança ao PS».

Por outro lado, aquele candidato à liderança dos socialistas mostrou-se favorável à manutenção da autonomia interna de que goza o PS-Açores, manifestando apreço pelo «combate difícil» que este tem travado.

Interrogado acerca da alegada posição do líder do PS daquela região autónoma de condicionar o seu apoio a qualquer dos dois candidatos a secretário-geral a eventuais regalias a conceder aos socialistas insulares, Constâncio disse «aceitar esta posição».

O dirigente socialista, que se desloca às ilhas de S. Miguel, Faial e Terceira, teve ontem à tarde um encontro com o presidente do Governo Regional, Mota Amaral. Durante a sua estada no arquipélago Constâncio tem agendadas sessões de esclarecimento com militantes, contactos com as autoridades da região e uma conferência de Imprensa.

Gama na Madeira

Entretanto, Jaime Gama, o outro candidato à ocupação do lugar que foi de Mário Soares, deslocou-se à Madeira onde teve considerações sobre a importância do próximo conclave dos socialistas. A propósito, Gama manifestou esperança de que «o partido saia mais forte, rejuvenescido, aberto, com ideias novas, depois da realização do congresso».

Quanto à sua participação na disputa com Constâncio, o ex-ministro dos Negócios Estrangeiros disse que «tem permitido um grande debate de ideias, um grande diálogo acerca dos conceitos políticos». «Isso é só por si um estímulo suficiente para que todos aqueles que não tinham um horizonte de militância no PS arcaico possam saber que está a nascer no partido, por virtude das minhas propostas e pelo diálogo que elas estão a propiciar, espaço renovado para a acção política», frisou Gama.

Aquele socialista fez questão de salientar a sua solidariedade estrutural para com as autonomias regionais, com os valores

profundos da descentralização, acrescentando considerar que «socialismo democrático e autonomia devem andar de mãos dadas».

«Não tenho uma concepção estatista, burocrática, dirigista, financista ou intervencionista do socialismo e por isso, é no conteúdo renovador, aberto e criador das minhas propostas e ideias que o projecto de autonomia encontrará sempre uma inserção mais adequada, eficaz e consistente» — sublinhou.

Acrescentou que «um PS antiautonomista por preconceitos de centralismo financeiro ou tecnocrático por deficiências e cultura política seria sempre um perturbador do desenvolvimento e da consolidação de uma das melhores experiências da democracia portuguesa, que é a autonomia regional da Madeira e dos Açores».

Apoios

Mas Vítor Constâncio vai somando apoios na sua caminhada para o Congresso. Agora foi o deputado do PS/Madeira, Mota Torres, também membro da comissão política regional dos socialistas naquela região autónoma que decidiu manifestar o seu acordo para com o candidato. Isto

porque, de acordo com Mota Torres, o Partido «vive de um momento crucial da sua história já que o próximo Congresso Nacional terá de escolher a renovação e a criação de um amplo espaço de qualidade política e de técnica indispensável ao reforço da sua credibilidade junto dos militantes e do eleitorado».

Para aquele deputado o outro caminho que se coloca visa uma acção que contribuirá para que o PS nos próximos actos eleitorais «vá percorrendo um caminho descendente que, começando já nos precários 20 por cento, se veja reduzido a um pequeno partido sem peso nem influência para levar por diante o seu projecto político».

JS: candidato próprio

Sozinha se vai apresentar a Juventude Socialista na corrida para a liderança do Partido. Isto mesmo anunciou José Apolinário que em conferência de Imprensa afirmou que a organização a que preside está a equacionar a hipótese de apresentar formalmente um candidato para poder dispor de maiores apoios por parte do aparelho do Partido.

De acordo com Apolinário a JS está a ser marginalizada pelo aparelho que «apenas está a conceder apoio às estruturas dos dois candidatos à liderança».

Na óptica do jovem socialista, o próximo Congresso «tem de ser caracterizado pela discussão ideológica e pela estratégia política e não apenas pela mera distribuição do poder».

Não poupando críticas, o dirigente da Juventude Socialista afirmou que a curto prazo o PS tem de definir se quer ser um partido novo «ou continuar asfixiado por uma estrutura arcaica que o tem vindo a transformar numa autêntica nomenclatura fechada à modernização».

Setúbal: debate no dia 15

O debate entre os candidatos a secretário-geral do PS Vítor Constâncio e Jaime Gama, dia 15 em Setúbal, vai realizar-se em moldes diferentes — disse uma fonte socialista.

O debate efectua-se nas instalações da Associação dos Socorros Mútuos Setubalenses, a partir das 21h30, e será aberto ao público.

«Aqui em Coimbra mais parecia uma missa», comentou a fonte referindo-se ao debate de segunda-feira em que os militantes foram impedidos de formular questões aos candidatos a líder do PS.

O mesmo informador acrescentou que em Setúbal pretende-se «um debate mais activo», em que os militantes possam intervir e os jornalistas possam assistir.

Estes debates foram combinados entre os candidatos à sucessão de Soares.

Depois de Setúbal, realiza-se um debate no Porto (dia 19) e o último (dia 21) está previsto, tal como o primeiro, nas instalações da «Acção Socialista», e será publicado no jornal do Partido no dia 28.

Grupo de "antifascistas" apresenta moção

"Revigorar e rejuvenescer o PS" sob a tutela de António Sérgio Cortesão e Azevedo Gomes

Um grupo de militantes socialistas unidos pelo facto de «terem participado activa e ininterruptamente na luta contra o fascismo» apresentaram uma moção ao Congresso do Partido Socialista. Entre eles, evocando figuras tutelares como Sérgio Cortesão e Azevedo Gomes, contam-se António Macedo, militante número um Tito de Moraes, Raul Rego e José Ribeiro dos Santos. Mas outros os acompanham, como é o caso de Gustavo Soromenho, Abílio Mendes, Albano Pina, Artur Cunha Coelho, Fernando Valle, Inácio Peres Fernandes, Júlio Montalvão Machado, Manuel Costa e Melo e Mário Cal Brandão. É o seguinte o texto agora divulgado:

«1 — Os signatários, aos quais unanimemente coliga o facto de todos terem participado activa e ininterruptamente na luta contra o fascismo, tomando como guia dessa acção, entre outros, as figuras tutelares de António Sérgio, Jaime Cortesão e Mário de Azevedo Gomes, constituíram o embrião do que, com o andar dos tempos, veio a constituir o Partido Socialista. É nessa militância constante, que já leva algumas dezenas de anos, que encontraram a raiz e a razão que os habilitaram ao que entendem como sendo o seu dever de endereçar esta mensagem a todos os seus companheiros do Partido.

«Além dos aqui signatários, outros igualmente se associam, mas que, por ponderáveis razões, relativas ao seu exercício de funções públicas, se considera não deverem assumir uma tal responsabilidade, que todavia entendem que muito os honraria.

«2 — A presente conjuntura política nacional deve ser observada à luz de factos que não podem deixar de ser determinantes:

a) A eleição de Mário Soares para a Presidência da República e a sua consequente demissão das funções de secretário-geral.

b) Os resultados das últimas duas consultas eleitorais, analisando-os de um modo objectivo e, friamente, exercitam a nossa capacidade de análise e de sermos capazes de extrair as suas consequências.

«Isto é, teremos de aproveitar a dinâmica da vitória nas Presidenciais, sem esquecer, em termos políticos, as causas da derrota expressas nas Legislativas de 6 de Outubro.

«3 — A eleição de Mário Soares e a sua renúncia ao posto de secretário-geral do PS criaram um vazio de poder que só poderá vir a ser preenchido no próximo Congresso. Mas, para que sejamos capazes de defrontar e vencer tais dificuldades, impõe-se, através duma análise clara da situação, defender e manter a unidade do Partido em

torno de um projecto político transparente de que desejamos não abdicar antes reafirmá-lo à luz da experiência obtida durante estes últimos onze anos de democracia vivida.

« — O nosso próximo Congresso Nacional vai realizar-se, pois, num momento particularmente importante e decisivo, dado que se têm de criar as condições necessárias para que o Partido tome o seu lugar de dinamizador da esquerda democrática. Para isso, porém, para que tais objectivos sejam atingidos, isto é, para que o Partido Socialista restabeleça a sua posição de primeiro partido nacional há que reafirmar corajosamente, com vigor e convicção, a sua confiança nos princípios que o inspiraram e a que todos permanecemos indissoluvelmente vinculados.

«5 — Rever a nossa política, como se julga inevitável, não significa diluir a fronteira entre direita e esquerda, nem esvaziar de conteúdo o seu ideário, nem ignorar ou esquecer as raízes históricas do seu programa onde sempre se tem presente o projecto de libertar o homem das diferentes ameaças de alienação. Não significa, pois, descaracterizar o PS nem esquecer os valores éticos e culturais que são património histórico dos Socialistas. Não deverá, porém, deixar de se ter presente que rever é também actualizar de acordo com as regras, a experiência e os ensinamentos da evolução própria do socialismo democrático que se desenvolve no seio do movimento socialista europeu.

«6 — Uma política nova passa também por uma profunda reforma das estruturas do Partido, que permita e até fomenta a participação activa dos militantes na definição e prossecução dessa política, sem esquecer o princípio da direcção colegial dos órgãos de decisão política do Partido, o que sempre se terá como regra inescutível, sempre proclamada, praticada e defendida.

«7 — Finalmente, o próximo Congresso Nacional terá de eleger os novos órgãos de direcção do Partido. Não tomando por agora posição nesta matéria — se não a título individual, se o vierem a fazer — os signatários chamam a atenção para a necessidade de que a escolha recaia nos que, pela sua prática política anterior, pela sua capacidade, inteligência e dedicação, sejam mais capazes de garantir o reforço da implantação social do Partido, do seu projecto político, da sua democratização interna, condições que se julgam garantia de que possa vir a constituir-se e a valer como alternativa à política de direita do actual governo — com o que se julga defendida a indispensável unidade do Partido».

Contrato das fragatas dentro de oito dias

Uma fonte envolvida nas negociações para a construção das fragatas Meko 200 para a Armada portuguesa, disse à Anop que o acordo das contrapartidas «já foi ultimado» e que falta agora «concluir o acordo de construção propriamente dito, que deverá ficar pronto ainda esta semana».

A mesma fonte acrescentou que esse acordo «ainda não foi concluído, porque se viu na necessidade de introduzir certas previsões, quanto a núme-

ro e taxas, e os negociadores dos estaleiros, que se encontravam em Portugal, tiveram de ir à Alemanha Federal para consultas».

Segundo a referida fonte, «tem sido uma tarefa árdua, pois na redacção tudo tem de ficar muito bem explícito, negociam-se todos os pormenores», mas «dentro de oito dias o acordo estará rubricado pelas partes competentes, tendo depois de passar pelo Conselho de Ministros e Tribunal de

Contas para entrar em vigor».

De acordo com o mesmo informador, que a Anop não identifica, o consórcio Meko terá que comprar a Portugal um conjunto de produtos avaliados em 460 milhões de marcos por um período de seis anos, condição estabelecida no acordo de contrapartidas.

«Logo que tudo esteja pronto, Portugal realizará o pagamento inicial que fará para começar o projecto de construção e a verba incluída no Orçamento de Estado deste ano

para este efeito, irá servir para fazer face a este pagamento inicial».

Entretanto, uma fonte da Comissão Parlamentar de Defesa disse ao «DL» que esta Comissão já exigiu do ministro da tutela uma palavra última sobre as questões das contrapartidas. O «DL» pode mesmo adiantar que existem ainda problemas quanto à assinatura do final do contrato, devido à recusa da Holanda em participar com uma tranche de 100 milhões de marcos.

ATÉ 21.000* Km SEM PAGAR COMBUSTÍVEL



Ao comprar um carro novo, a primeira coisa que apetece é conduzi-lo durante milhares de quilómetros sem pensar no custo do combustível. A Ford proporciona-lhe esse prazer. Na compra de um FORD ESCORT ou ORION.

ENTRE 12 DE MAIO E 11 DE JUNHO, Contacte já o seu Concessionário Ford.

a Ford oferece-lhe milhares de quilómetros sem pagar combustível e ainda uma GARANTIA EXTRA DE 2 ANOS para além da garantia normal. Compre agora o seu Escort ou Orion novos e satisfaça esse desejo.



*dependente do modelo

QUALIDADE E INOVAÇÃO

Soares já regressou

Cavaco ficou ainda para visitar York e contactar empresários

Mário Soares regressou já a Lisboa, no final da sua visita oficial à Grã-Bretanha, comemorativa dos 60 anos da aliança luso-britânica. O Primeiro-Ministro, que assistiu igualmente às principais cerimónias da comemoração, ficou ainda em Londres. Cavaco Silva foi, acompanhado da esposa, visitar a Universidade de York, onde fez de 1971 a 1973, a pós-graduação e só amanhã regressa a Lisboa. Dado que Cavaco Silva foi até agora o único Primeiro-Ministro que passou pela instituição, a Universidade de York preparou-lhe uma especial recepção.

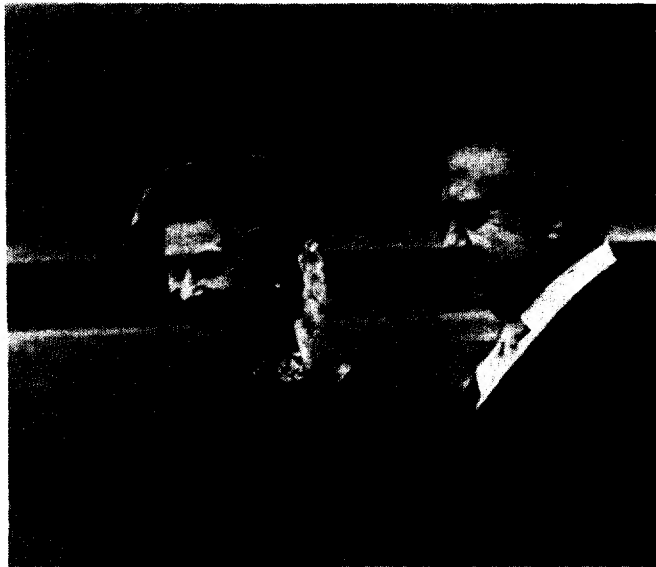
Cavaco:

«...como eu vos amei...»

Antes da ida a York, Cavaco inaugurou um seminário sobre negócios em Portugal, promovido pela Câmara de Comércio e Indústria de Portugal no Reino Unido.

Durante a cerimónia na capela de São Jorge, presidida na manhã de ontem pelo Deão de Windsor, Cavaco Silva deu alguns versículos do Evangelho segundo São João, com a mensagem de Jesus «amai-vos uns aos outros como eu vos amei».

Depois da cerimónia, seguiu-se um almoço em Windsor, oferecido pela rainha Isabel II. O almoço teve a presença de 36 pessoas. Do lado inglês estavam, além da rainha e da prin-



Soares com a rainha

cesa Ana, os ministros dos Negócios Estrangeiros e da Agricultura, o Lord do Selo Privado e a baronesa Young, secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros.

Mário Soares, que considerou «comoventes e emocionantes» as cerimónias na capela de São Jorge, ficou sentado à direita da rainha, e Cavaco à esquerda. Ementa do almoço: croquetes de lagosta, costeletas de carneiro, gelado de mel, queijo, uvas e bananas, vinho branco austríaco, tinto francês e porto Noval-62.

Mais tarde, Cavaco avistouse com Thatcher durante cerca

de uma hora. Disse ter abordado com a sua homóloga britânica os «aspectos mais importantes da política internacional e das relações bilaterais» e no que toca à situação internacional os seus pontos de vista «não são muito diferentes» dos de Margaret Thatcher.

Soares com Thatcher

O Presidente da República esteve 15 minutos com Thatcher. O diálogo entre o PR português e a chefe do Governo inglês, ocorreu na recepção oferecida na Embaixada portuguesa a meio milhar de pessoas. Soares e Thatcher falaram da Cimeira

de Tóquio, do terrorismo, do acidente de Chernobyl e da situação na África Austral.

Mário Soares recebeu depois Isabel II e a princesa Ana na Embaixada. O PR frisou aos jornalistas o facto de ser «raríssimo» que a rainha vá a uma Embaixada. «Mas ela esteve na nossa festa», salientou ainda Soares que foi convidado pela rainha a visitar oficialmente a Inglaterra.

Durante o almoço de Windsor, Isabel II condecorou — recorde-se — o Chefe do Estado português com a Ordem de São Miguel e de São Jorge. Mário Soares retribuiu com dois jarros de Vista Alegre.

Soares na BBC

Entretanto, em entrevista concedida aos serviços portugueses da BBC, Mário Soares considerou que os dois países «estão no espaço das relações multilaterais para o qual muito podem contribuir as relações bilaterais».

Sobre as comemorações dos 600 anos da aliança luso-britânica, Mário Soares considerou que servem «justamente para sublinhar as relações com a Inglaterra também no quadro da CEE».

Ao referir-se à cerimónia de acção de graças na capela do castelo de Windsor, Mário Soares classificou-a de «emocionante, sobretudo quando no final entoaram o hino nacional português».

Cavaco desmentiu em Londres que tivesse ameaçado demitir-se

Cavaco Silva afirmou ontem em Londres que não ventilou a hipótese de se demitir, quando falou no comício de aniversário do PSD realizado sexta-feira em Lisboa. «O que eu disse, sublinhou o Primeiro-Ministro, é que leis como a da comunicação social e da legislação laboral são fundamentais para o País», e que «os partidos de oposição têm que dizer se estão com o partido comunista nestas questões». Cavaco Silva proferiu estas declarações após um encontro com a senhora Thatcher, na residência oficial da primeira-ministra britânica.

Reações do PCP

Entretanto o PCP manifestou em comunicado «enérgico repúdio pelas referências insultuosas que o Primeiro-Ministro se permitiu dirigir ao Partido Comunista Português», no comício que assinalou os 12 anos do PSD.

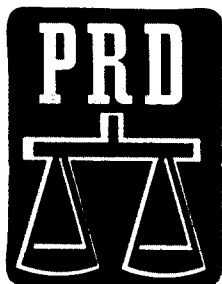
Os novos ataques do Primeiro-Ministro aos partidos da oposição e à Assembleia da República bem como as suas novas ameaças de que poderá demitir-se e exigir eleições legislativas antecipadas sob o seu controlo, evidenciam a crescente insegurança do Governo minoritário do PSD e o pendor

autoritário do seu principal responsável», afirma o PCP.

O comunicado dos comunistas refere ainda que as palavras de Cavaco Silva, «onde se misturam as queixas e as fanfarronices traduzem desespero pelas derrotas que têm sido infligidas a alguns aspectos da sua política reaccionária e pela convergência dos partidos democráticos».

Segundo o PCP trata-se de «uma manobra de chantagem e intimidação junto de certos partidos da oposição para que não se oponham a iniciativas governamentais particularmente atentatórias dos interesses do povo, do país e do regime democrático» e «é o próprio Primeiro-Ministro que associa as suas ameaças à vontade de fazer passar na Assembleia da República a lei dos despedimentos e outras peças do pacote laboral, a lei da segurança interna, as novas leis contra a Reforma Agrária e a legislação que visa a entrega de jornais, rádios e canais de televisão ao grande capital privado».

O PCP acusa ainda Cavaco Silva de «recorrer ao anticomunismo mais primário, ao permitir-se censurar dirigentes de forças políticas por desfilar ao lado dos comunistas nas comemorações do 25 de Abril e ao utilizar contra o PCP insultos tipicamente fascistas».



O PRD promove hoje, dia 13, diversos contactos com os eleitores do Distrito de Lisboa

Horas: 21.30

No concelho da Amadora

Na Sociedade Filarmónica e Recreio Artístico em Falagueira - Venda Nova (ao Bairro do Bosque)

No concelho da Azambuja

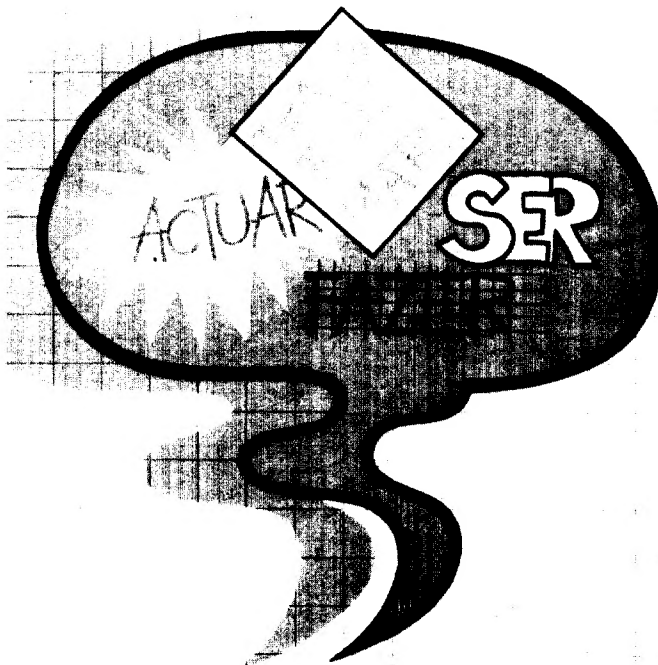
Nos Bombeiros Voluntários da Azambuja

No concelho de Oeiras

No Clube do Teatro «Primeiro Acto», em Algés

No concelho de Vila Franca

Nos Bombeiros Voluntários de Vila Franca



**que juventude somos?
que amanhã queremos?**

Escola Secundária da Amora/18.Maio.1986

CAMARAS MUNICIPAIS ASSOCIADAS DOS MUNICIPIOS DO DISTRITO DE SETUBAL/COMITÊ AZUL/REGIÃO DE TURISMO DE SETUBAL



FUNDO DE FOMENTO DA HABITAÇÃO
Comissão Liquidatária

AVISO

• NOVA FORMA DE PAGAMENTO DE RENDAS •

1. - Avisam-se **todos** os moradores de habitações do FFH/C.L. de que deverão abrir CONTA em qualquer Agência da CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS **até final do corrente mês de MAIO**.
2. - Como foi divulgado, deixarão de ser emitidos os tradicionais recibos de rendas e prestações, passando a utilizar-se uma nova forma de cobrança dos valores respectivos através de meios computarizados, com vantagens para todas as partes.
3. - Facultar-se-á prova complementar do pagamento a quem dela careça.
4. - Para evitarem incómodos e despesas desnecessárias, **TODOS OS MORADORES** deverão proceder como indicado.

DEPARTAMENTO DE GESTÃO DE PATRIMÓNIO,
2 de Maio de 1986.

O CHEFE DO DEPARTAMENTO
António Augusto Serralha Ferreira

Como a pescadinha de rabo na boca...

O senhor embala e depois foge a matéria». Com esta frase, pronunciada ontem já quase no final da 118.ª sessão do julgamento do chamado caso FUP/FP-25, o juiz-presidente, Adelino Salvado, dirigindo-se ao réu, Govern Lopes que prestou declarações pelo quarto dia consecutivo, sintetizou com realismo o que se havia passado no Tribunal de Monsanto.

Como já referimos em crónicas anteriores, Govern Lopes não fala — ele dispara frases a ritmo de metralhadora. Dotado de uma invulgar capacidade de expressão, o «Anarquinho», como é conhecido na gíria, apresenta-se na barra do tribunal com uma finalidade: demonstrar que a acusação não passa de «uma monstruosa montagem da Polícia»; que as FP-25, de que se confessa fundador, nada têm a ver com o Projecto Global de Otelo; que as acções das FP-25 não eram feitas ao acaso, não se destinavam a espalhar terror, tinham uma justificação política muito precisa e estavam ao lado dos pobres e oprimidos deste país.

Ora bem: como ontem aconteceu — e de resto já tinha acontecido nas sessões anteriores — Govern Lopes arranja sempre maneira de «dar a volta» às perguntas do juiz-presidente e a propósito de tudo e de nada traz a tribunal o «enquadramento» para as acções das FP-25 e acusa a Polícia de ter feito a tal montagem.

Ontem, por exemplo, afirmou que os réus «arrepentidos» Macedo Correia e Guedes Monteiro foram «recrutados» pela Polícia Judiciária em 1982 para que «infiltrassem» a sua organização, acrescentando que as suas declarações depois de terem sido «presos» tinham por base aquilo que a Polícia já sabia sobre as FP-25. E o mesmo disse do réu Barradas, também «arrepentido» mas já baleado. Referindo os relatórios preliminares da Polícia, o «Anarquinho» tentou levar o juiz-presidente a reflectir sobre a sua tese de que os «arrepentidos», feitos com a Polícia, tinham prestado as declarações que a Polícia quis que eles prestassem.

Claro que esta tese não é descabida — o diabo é que, como Adelino Salvado ontem lembrou, Govern Lopes fala bem no geral, defende uma tese que poderia ter pés para andar — se

apresentasse factos concretos, provas, dados.

«Sabe uma coisa, sr. Luís Filipe?» (é assim que o juiz trata o réu Govern Lopes). «Há uma coisa que me impressiona: o senhor e, também outros réus, dizem sempre que isto é uma provocação, que a acusação não passa de uma montagem, etc. e tal. Só que depois dizem que está bem montada, que é difícil desmontá-la — e não desmontam, não esclarecem nada. Eu quero, provas, quero dados, quero coisas concretas. Não adianta nada vir para aqui afirmar coisas que não provam.»

E é aqui que está o busilis da questão. Aquilo que Govern Lopes diz dá que pensar, sem dúvida. Quando, por exemplo, o juiz-presidente lhe disse, ontem, que ele, Govern, tem uma obsessão contra a polícia, ele respondeu de imediato: «Não é verdade, sr. doutor. Eu não gosto é da parte da polícia que tem ligações com a extrema direita».

E a partir daqui falou em nomes de agentes e inspectores, nomeou o Júlio Regadas, falou do envolvimento de gente da polícia na rede bombista de 75 que agora estão metidos calmamente nas investigações contra as FP-25, recordou que nada se sabe sobre os assassinos de Ferreira Torres ou do Cabanelas, mostrou como, a seu ver, há uma orientação, não isenta, da actuação da polícia, «comprometida» com uma certa área do Poder. «Eu reconheço até que na polícia há muita gente honesta» — concluiu Govern Lopes...

... Só que, como mais uma vez lembrou Adelino Salvado, os juizes não estão ali para julgar a polícia, mas para julgar as FP-25, e para tanto precisam de factos, de dados, e não de afirmações e interpretações que até podem fazer sentido mas ficam penduradas, sem suporte.

E como acontece com a pescadinha de rabo na boca assim vão

continuando, às voltas, as sessões do julgamento de Monsanto réu Govern Lopes a avançar na sua explicação das coisas: o juiz-presidente a pedir factos concretos. Alguns dos quais, é certo, vão aparecendo, mas muito devagar. Um exemplo? O «Anarquinho» disse ontem que Macedo Correia e a sua «banda» fizeram assaltos atribuídos às FP-25 mas que nada tinham a

ver com esta organização, como tinha sido o caso de um assalto a uma agência bancária de Fiães e a um supermercado de Guimarães. Acrescentou que Macedo Correia fazia uma vida abastada que só era possível porque o dinheiro lhe vinha de algum lado — sugerindo que era a Polícia que lhe pagava e aconselhando o Tribunal a debruçar-se sobre esse aspecto, pois daí po-

deriam surgir conclusões interessantes. Mais adiante, porém, lá foi dizendo que as armas que o Macedo Correia tinha em casa quando foi preso tinham-lhe sido dadas, para guardar, por ele próprio, Govern Lopes...

E assim vai o julgamento de Monsanto. Uns vão bem, outros mal. Como em Portugal... E o juiz-presidente de novo a lembrar ao «Anarquinho»:

«O sr. Luís Filipe não vem para aqui para se defender a si, mas para defender a sua organização e os seus colegas.»

«Pois venho» — rematou Govern Lopes, sorrindo interiormente enquanto cofiava a barba...

O julgamento prossegue esta tarde, ainda com Govern Lopes a prestar declarações.

Ribeiro Carodoso

BANCO ESPIRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

ANÚNCIO

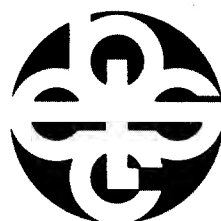
Venda da participação
do sector público
no capital da empresa
«Fábricas Mendes Godinho, SARL»

(PORTARIAS N.ºs 694/82 DE 14/7 E 647/83 DE 7/6)

Aceitam-se propostas em carta fechada e lacrada que deverão ser entregues até às 14 horas do dia 26 de Junho de 1986, na Secretaria da Bolsa de Valores de Lisboa, Praça do Comércio, Lisboa, para aquisição da totalidade da participação do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa no capital social da empresa «FÁBRICAS MENDES GODINHO, SARL».

As normas a que deverão obedecer as propostas encontram-se à disposição dos interessados durante as horas de expediente, no Departamento Financeiro do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, Avenida da Liberdade, 195, Lisboa e Avenida dos Aliados, 21, Porto, e ainda na Secretaria da Bolsa de Valores de Lisboa, na Praça do Comércio, em Lisboa, onde poderão ser consultadas até à data limite da entrega das propostas.

A abertura das propostas será efectuada em sessão pública que terá lugar no dia 26 de Junho de 1986 às 15 horas na Bolsa de Valores de Lisboa.



BANCO ESPIRITO SANTO
E COMERCIAL DE LISBOA

Sobre centrais nucleares

PPM e PCP consideram declarações de Cavaco absurdas e disparatadas

A célula do PCP na EDP de Lisboa e o PPM sustentam não ser necessária a construção de centrais nucleares em Portugal. Comentando de forma diferente declarações do Primeiro-Ministro em Londres sobre a implantação de centrais no nosso país, PCP (célula da EDP) e PPM convergem nas críticas e nos protestos.

Na óptica da célula do PCP na Electricidade de Portugal, em vez de centrais nucleares impõem-se outras alternativas, designadamente a «intensificação do aproveitamento dos recursos nacionais em energias renováveis» e a «continuação do equipamento com centrais termoeléctricas».

«Um fenómeno absurdo político»: eis como a Comissão Política do PPM considera as afirmações de Cavaco Silva à BBC. «As anunciadas intenções do actual Governo de encerrar ou vender a CNP e de criar novas empresas de electricidade não dependentes da EDP perdem qualquer alcance político, económico e social em fase das declarações do Primeiro-Ministro, em Londres».

Toxicomania desce na Europa e sobe em Portugal

Haverá em Portugal 25 mil toxicómanos dependentes da heroína. Este é o número previsionário da responsabilidade de organismos internacionais ligados ao problema da droga, segundo informou ontem de manhã o dr. Pereira Teotónio, director adjunto da Polícia Judiciária, principal responsável pelos serviços de investigação e controlo de droga no encontro com os representantes da Comunicação Social que o dr. José Pestana director do departamento das relações públicas da PJ promoveu.

Esteve também presente o dr. Domingos Neto, médico psiquiátrico e director do Centro Regional do Sul do Centro de Estudos de Profilaxia da Droga que na oportunidade diria ter o consumo de droga pesada (também conhecida por droga dura) aumentou extraordinariamente entre nós nos últimos anos, estimativa que se baseia em indicadores indirectos pois escasseiam os dados estatísticos.

Domingos Neto afirmaria que Portugal e Espanha começaram a ter problemas sérios de tráfico e consumo de droga com dez anos de atraso dos restantes países da Europa Ocidental à excepção do haxixe cujo consumo se verifica desde há 15 anos.

No entanto, adianta aquele especialista, a toxicomania está já instalada em todo o país e não apenas nos grandes centros. E explicaria que o jovem facilmente aliciado para o consumo tem problemas psicológicos, por vezes de origem familiar como por exemplo o divórcio ou separação dos pais. Na sua opinião acaba por se cair num círculo vicioso: por ter problemas psicológicos e ser débil entra no sistema com mais facilidade e daí a destruição progressiva da sua pessoa e a dependência à droga que o leva a prosseguir no consumo.

Normalmente, iniciam-se com haxixe e posteriormente passam a drogas mais pesadas, esclareceu.

Desdramatizar o consumo de haxixe

Segundo o dr. Domingos Neto os pais não devem dramatizar logo que descubram a iniciação dos filhos no consumo de haxixe, embora providenciem para os levar a cessarem essa prática. Observa que o grande perigo vem na fase das drogas pesadas, como por exemplo a heroína.

Os consumidores deste opiáceo como por regra não têm dinheiro para a aquisição do estupefaciente — mil escudos por grama — resolvem o problema aliciando quatro ou cinco amigos a quem passam a fornecer para conseguirem as suas doses pagas com o lucro das vendas.

O perigo do consumo das drogas em especial das injectáveis não está apenas no produto em si mas também das substâncias que lhe misturam para aumentar a margem de lucro e ainda pela ausência de assepsia quer no fabrico quer no acto do consumo.

Por regra, disse o director do Centro Profiláctico, arranjam dinheiro para aquisição da heroína — milhares de escudos —, mas não arranjam para mudar de seringa. Para o heroínico dependente aquela droga passa a ser a razão de viver. Para ela arranja dinheiro de todas as maneiras, entrando no crime ou na prostituição, se necessário.

Lamenta o dr. Domingos Neto a falta de meios técnicos e humanos com que luta a acção de profilaxia da droga em Portugal e acha que é altura de os governantes se responsabilizarem pelo combate aos problemas que estão na raiz do fenómeno e pela diminuição dos seus efeitos na sociedade.

Lisboa principal centro de tráfico de droga

Até há pouco tempo Madrid era considerado o principal centro de tráfico de droga europeu seguindo-se-lhe Lisboa. Neste momento porém, segundo a opinião do dr. Pereira Teotónio, Lisboa ultrapassou nesse aspecto Madrid, quer dos opiáceos provenientes do «triângulo dourado» (Tailândia, Birmânia e Laos) quer da cocaína oriunda da América do Sul com especial relevância para a Colômbia.

Espanha está no bom caminho enquanto nós continuamos sem meios materiais e humanos adequados, refere o director da PJ que aponta como exemplo o caso do Aeroporto de Lisboa onde faltam sistemas modernos de observação como raios X e outros processos. Reconhece porém que é apesar de tudo a Alfândega que cabe o maior número de apreensões, seguindo-se a Judiciária, a PSP, a GNR e a Guarda Fiscal.

Receia porém que venha a agravar-se a entrada de cocaína em Portugal dado que a repressão ultimamente verificada na Colômbia levou a sur-

girem no nordeste brasileiro plantações daquela droga que a partir dali poderão ter facilitado o acesso ao nosso país. Por outro lado os Estados Unidos têm levantado mais barreiras à importação de cocaína da América do Sul pelo que os traficantes procurarão contornar esse obstáculo privilegiando outras rotas que sirvam a Europa e não percam o mercado norte-americano.

Na sua opinião, diz o dr. Pereira Teotónio, Portugal está agora no apogeu do consumo e do tráfico para consumo nacional e reexportação. Enquanto nos outros países europeus o grupo etário dos consumidores se fixa em idades acima dos 30 anos, indivíduos que consomem desde a juventude, em Portugal é ainda entre as camadas jovens que se conta o maior número de toxicómanos. Há assim um crescendo entre os jovens em Portugal que não respeita classes económicas nem densidades populacionais: vai desde as grandes cidades às aldeias, indiscriminadamente.

Segundo este dirigente policial, a legislação portuguesa quanto à droga é a mais avançada da Europa e uma das melhores do mundo, embora sofra algumas críticas no tocante ao controlo sobre receitas médicas, um caso de muito melindre por envolver interesses vários.

Considera que apenas e em média cerca de oito a dez por cento do tráfico de droga que utiliza Portugal como entreposto é apreendida, escapando-se a restante acção das autoridades.

Falando ainda da capacidade de resposta da Judiciária ao tráfico de droga, refere que em todo o País aquela Polícia tem apenas 120 investigadores, 80 dos quais em Lisboa. Para além do que lutam com falta de melhores transportes e comunicações radiofónicas.

Os dois técnicos de profilaxia e prevenção da droga, são unânimes em reconhecer que os factores do aumento do consumo de droga, em especial entre os jovens, são vários e de diferente natureza com especial incidência para as famílias que se demitem da sua responsabilidade e para a crise da sociedade. Há quem peça para lhe prenderem os filhos: um exemplo gritante e triste da mais pura demissão familiar.

Este encontro com a Comunicação Social teve muito interesse não só quanto aos temas expostos pelos especialistas mas em especial pela divulgação de factos por norma mantidos no segredo dos gabinetes e cuja informação aberta e clara permitirá esclarecer a população dos reais perigos da droga bem como contribuir para diminuir os seus efeitos.

D.B.

Mário Castrim



O que é um pragmático?

Pragmático é o que vê tudo segundo a utilidade que tudo possa ter em função da sua conveniência. Sujeito entendedor da poda, num livro-chave (Materialismo e Empirio-crítico), já ouviram falar? disse que um pragmático reduz o próprio Deus a finalidades exclusivamente práticas.

Pragmatismo é pois tudo aquilo que se deve fazer de tal modo que nos possa dar, a nós, a máxima vantagem na suposição de contribuir para benefício de todos.

Não deve intervir no processo a emoção, nem a filosofia, nem a crença, nem vagas concepções de justiça, lealdade, honestidade e outras quejandas velharias.

Por exemplo: o empresário consciencioso procura rentabilizar a sua empresa sem recorrer aos despedimentos. Mas o empresário pragmático manda logo uns quantos pela borda fora dizendo que é bom para a economia do país.

Um governo preocupado em não abrir feridas sociais (feridas que geralmente infectam) aconselha na orientação, subsidia nas dificuldades, comparticipa nos prejuízos. Mas um governo pragmático encerra empresas, não se entende com os trabalhadores, baixa o tecto, dificulta a assistência, define a área dos privilegiados. Tudo a bem da Nação.

O senhor Moreira, por exemplo, fechou negócio com o senhor Ramos. Logo a seguir, o senhor Paiva oferece-lhe melhores condições. Então o senhor Moreira corta com o senhor Ramos e fecha com o senhor Paiva. O senhor Moreira foi desonesto? Deixem-me rir. O senhor Moreira foi simplesmente pragmático...

Vejamos outro caso: o político A prometeu apoiar o político B.

Prometeu e jurou. Mas acabou, no congresso, por apoiar o político C que lhe prometeu mais vantagens.

Foi desleal? Nada disso. Foi pragmático.

A senhora Donodete encontrou o marido em flagrante. Foi uma chatice mas estas coisas acontecem.

Porquê — queria ela saber — porquê fazer tu isso? É por amor? É por interesse? É por doidice? Não és um homem feliz?

— Claro que sou, minha querida — respondeu ele — Mas também sou um homem pragmático.

Donodete ouviu, calou, ficou naquilo que lhe pareceu. Esposa pragmática, a Donodete.

Era um "correio" inglês

Quilo e meio de cocaína apreendida no aeroporto

Desmantelada rede em Ponte de Lima

Um cidadão inglês de apelido Allan, de 50 anos de idade, proveniente do Rio de Janeiro, foi preso domingo no Aeroporto de Lisboa com 1,5 quilogramas de cocaína no valor de 30 mil contos — disse uma fonte da Direcção-Geral das Alfândegas.

O mesmo informador acrescentou que o «correio» internacional trazia a cocaína simulada no interior de um vídeo-gravador na base de um jogo de xadrez electrónico, nas solas e tações dos sapatos e no fundo falso de um saco.

O inglês tinha também em seu poder dois passaportes e vários bilhetes de avião para se movimentar para qualquer outro país.

As autoridades alfandegárias do Aeroporto de Lisboa admitem que o turista inglês prosseguiria viagem para Londres.

O Allan e a droga foram entregues pelas au-

toridades da Alfândega do Aeroporto de Lisboa à Polícia Judiciária.

Desde Janeiro os funcionários do Aeroporto de Lisboa apreenderam a um colombiano, de apelido Parra, 558 gramas de cocaína nos intestinos e a um inglês de apelido Jason, 400 gramas da mesma droga.

Em Fevereiro apreenderam a um outro colombiano de apelido Orzco, 1.640 gramas de cocaína escondidas numa viola.

Detectaram em Março, a um americano de apelido Pherson 2.230 de cocaína nas malas, 1,1 quilos de heroína a uma nigeriana de apelido Mustafá, 644 gramas de cocaína a um colombiano de apelido Santos, e 260 gramas de heroína nos intestinos do nigeriano Feliz.

Entretanto a Polícia Judiciária do Porto capturou ontem de madrugada em Ponte de Lima

duas mulheres e quatro homens, um dos quais espanhol, acusados de tráfico de droga.

Este grupo de traficantes era responsável pela entrada de droga vinda de Marrocos, para ser negociada no Porto.

O grupo foi preso quando procedia à venda de oito quilos de droga, avaliada em 1600 contos.

Com esta operação, a Judiciária do Porto apreendeu aos traficantes 21 quilos de haxixe, quatro viaturas no valor de milhares de contos, quatro pistolas e um revólver.

Os detidos eram portadores de 3500 contos em escudos, 250 mil pesetas e 1150 francos franceses, dinheiro que também foi apreendido.



Segundo foi anunciado por adjunto de Eurico de Melo

Portadores de "altos riscos" criminais serão mais vigiados na fronteira

«Portugal vai exercer uma maior vigilância nas suas fronteiras de forma a impedir a entrada aos indivíduos portadores de altos riscos no mundo do crime», segundo revelou ontem à tarde o secretário de Estado-Adjunto do ministro da Administração Interna, Durão Barroso, ao dar posse ao director e ao director-adjunto do Serviço de Estrangeiros, respectivamente Pinto Pereira e Renato Miranda.

Referindo-se aos traços fundamentais a que deverá obedecer a reestruturação orgânica do Serviço de Estrangeiros, Durão Barroso que estava acompanhado de Eurico de Melo, disse: «É mais do que necessário e oportuno pôr termo às anomalias, às indefinições e às deficiências reveladas ao longo de quase dez anos, reorganizando racionalmente o Serviço e delimitando com rigor as suas competências, fazendo-as corresponder às respectivas atribuições institucionais».

O adjunto de Eurico de Melo salientou depois que ao Serviço de Estrangeiros compete «informar os pedidos de visto de entrada em Portugal, controlar desde a entrada nas fronteiras a situação dos estrangeiros e impedir a entrada dos que possam constituir ameaça para os interesses do Estado, bem como promover nos termos da lei, à expulsão dos

estrangeiros que não respeitem as condições fixadas para a sua permanência e executar as decisões de expulsão proferidas pelos tribunais».

Durão Barroso considerou que «a livre circulação de pessoas e o gradual desaparecimento das barreiras alfandegárias nos países que integram a Europa comunitária não podem significar ausência ou desnecessidade de controlo, pois a nossa condição de país com grandes fluxos de turistas e de importante ponto de passagem das rotas internacionais, coloca-nos em situação de grande vulnerabilidade face às ameaças e perigos vindos do exterior».

Para corresponder aos objectivos fixados, o Serviço de Estrangeiros de acordo com Durão Barroso, passará a ter institucionalizada uma «carreira de investigação e fiscalização» que exige «elevado grau de tecnicidade, exclusividade funcional, total disponibilidade e imprevisíveis riscos» re-compensados com «estímulos compensatórios». Ao que disse, a criação de uma divisão de Telecomunicações em todo o território nacional e de uma divisão de Informática para tratamento de registos, documentos, notícias e informações são outras das inovações no Serviço de Estrangeiros.

Eurico de Melo e o seu adjunto Durão Barroso que, ontem, deram posse aos novos responsáveis do Serviço de Estrangeiros

Preso um casal de violadores

Um homem e uma mulher, ambos divorciados e agindo em cumplicidade, violaram desde finais de 1984, sob ameaça de armas, nove raparigas na idade da puberdade, residentes no centro do país — revelou a Directoria de Coimbra da Polícia Judiciária.

Essas práticas sexuais de um carpinteiro de 38 anos, residente na zona do Bombarral e de uma doméstica, de 46 anos, moradora nas Caldas da Rainha estavam a ser investigadas pela PJ desde Agosto de 1985.

Em 6 de Agosto desse ano apareceu junto ao parque de campismo da praia de Pedrogão (Leiria), uma rapariga de 12 anos queixando-se de ter sido raptada e violada por um casal que dias antes a tinha ido buscar a casa dos pais como empregada doméstica.

A jovem referiu que, depois de transportada num automóvel branco para localidade que desconhecia, onde pernitoou, foi, na noite seguinte conduzida para um local ermo na mesma viatura. Depois de ameaçada de morte, que foi obrigada a práticas sexuais e violada, tendo sido abandonada pelo casal. A mesma forma de actuação foi usada contra mais oito vítimas, recrutadas entre raparigas novas mas precoces, recrutadas em pequenas povoações.

Depois de contactados os pais e as raparigas, e prometido um bom ordenado, estas eram levadas para casa da mulher, nas Caldas da Rainha.

Nessa casa ou nos trajectos, sempre em locais ermos e de noite, as adolescentes eram violadas e depois abandonadas com a ameaça de que seriam mortas

se revelassem o acontecido.

A avaliar pelo arsenal encontrado em casa do carpinteiro e da mulher não escasseavam «argumentos» para conseguir o silêncio das vítimas.

Três espingardas caçadeiras e outras tantas de pressão de ar, uma espingarda de chumbinhos, um revólver, uma pistola de alarme, uma faca de moto e diversas munições foram encontradas na residência do carpinteiro proxeneta.

Na viatura branca utilizada pelo casal de marginais e que foi apreendida, encontrou a PJ uma espingarda caçadeira e um revólver devidamente municiados.

No domicílio da mulher apanhada destas façanhas as armas era de outro tipo: grande profusão de panfletos e revistas pornográficas.

Roubados 5500 contos no BNU em Algés

Três jovens, armados de pistolas de guerra e actuando de cara descoberta, assaltaram, pelas 8 e 35 de ontem, a agência do Banco Nacional Ultramarino (BNU), em Algés, levando, em princípio, cerca de 5500 contos em dinheiro.

Testemunhas oculares afirmam que os assaltantes, que denunciaram algum nervosismo, metaram o dinheiro acabado de sair da «caixa forte», em sacos de praia tendo abandonado o local numa carrinha de cor preta que os aguardava no exterior do edifício.

O assalto, ainda não reivindicado, foi o décimo quinto do ano, tendo o anterior ocorrido na sexta-feira em Almancil, no Algarve, à agência do Banco Borges e Irmão. O Banco Nacional Ultramarino já fora assaltado, em 31 de Janeiro deste ano.



Parte do tabaco apreendido pela GF em Cascais

Dezoito mil contos de tabaco apreendido

A Guarda Fiscal apreendeu, no sábado na zona de Cascais, tabaco de origem norte-americana, avaliado em mais de quatro mil contos — informou o chefe do Estado-Maior da Instituição.

Na sequência da apreensão do contrabando, a Guarda Fiscal deteve dois cidadãos nacionais, que não foram identificados, cuja prisão foi posteriormente confirmada pelo Tribunal de Cascais, de acordo com o mesmo oficial.

O chefe do Estado-Maior da Guarda Fiscal informou ainda que, na sexta-feira e sábado, forças da corporação apreenderam, nas zonas de Caminha e Viana do Castelo, maços de tabaco norte-americano de contrabando, cujo valor total foi estimado em 13 mil e 700 contos.

Nesta operação, a GF deteve seis cidadãos nacionais, que, de acordo com o citado oficial, foram apanhados em flagrante na acção de contrabando.

Os barcos de fabrico soviético sulcam os oceanos, mares, lagos e pequenos rios de todos os continentes!

O nosso programa de exportação inclui:

- Navios-tanques, navios de carga e arrastões.
- Docas flutuantes e paquetes.
- Dragas, lanchas e barcos de recreio.
- Motores potentes ou pequenos interruptores.
- Tudo para equipar um barco moderno!

A Organização soviética do Comércio Externo SUDOIMPORT, participante da Feira Internacional de Lisboa de 1986, apresenta entre o seu equipamento naval: GERADORES DIESEL; MEDIDORES DE TEMPO.

Peça informações sobre os artigos expostos, bem como sobre o programa de exportação da V/O SUDOIMPORT.



Contacte a representação comercial da URSS em Portugal:

Av. das Descobertas, 4 • 1400 LISBOA
ou V/O SUDOIMPORT
103006, MOSCOVO, URSS, USPENSKI per., 10
Telefone: 299-02-14, 299-58-77, 251-05-05
Telex: 411272 SUDO SU, 411387 SUDO SU, 411443 SUDO SU



VISITE-NOS NA FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA DE 13 A 18 DE MAIO NO PAVILHÃO DA UNIÃO SOVIÉTICA



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 28 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Serviços Regional, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP-Electricidade de Portugal-E.P., Direcção de Estabelecimento na freguesia e concelho de Alenquer, de uma linha aérea a 30 KV n.º 3104/R-4, com 13 metros, do poste n.º 4, da linha n.º 3104/R-4 à Subestação SE n.º 4222 (Paredes). Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser apresentadas na referida Direcção de Serviços Regional, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 30 de Abril de 1986

Pelo Engenheiro Director de Serviços,
Joaquim Gonçalves dos Santos

DÉCIMO QUINTO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

AVENIDA DUQUE DE LOULÉ, N.º 104 - CAVE

Certifico para efeitos de publicação, que, por escritura de 21 de Abril em curso lavrada a folhas oitenta do livro n.º 387-C, deste cartório, foi constituída entre Marie Nelly Loison, Claude Gilbert Dalet, Magali Nicole Yvonne Dalet e Franck Emmel uma sociedade comercial por quotas, de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos artigos a seguir fotocopiados, em 4 laudas, na parte que, para aquele efeito interessa

PRIMEIRO

A sociedade adopta a denominação de GILNO — SOCIEDADE DE IMPORTAÇÃO, EXPORTAÇÃO E REPRESENTAÇÕES, LIMITADA, e tem a sua sede, provisoriamente, na Avenida Duque de Loulé, número noventa e quatro, segundo andar, lado direito, freguesia de Coração de Jesus, em Lisboa, e terá duração indeterminada e o seu início conta-se desde hoje.

PARÁGRAFO ÚNICO

Por simples deliberação da gerência a sede poderá ser transferida para qualquer outro local do País.

SEGUNDO

A sociedade tem por objecto as actividades de importação, exportação e representação comercial de grande variedade de artigos, as quais prosseguirá quer directamente quer actuando por conta de terceiros como agente comercial.

TERCEIRO

O capital social é de um milhão de escudos, encontrando-se integralmente subscrito e realizado, em dinheiro, correspondente ao somatório das quatro quotas seguintes:
Claude Gilbert Dalet, trezentos mil escudos;
Marie Nelly Loison-Dalet, trezentos mil escudos;
Franck Emmel, duzentos mil escudos; e
Magali Nicole Yvonne Dalet, duzentos mil escudos.

QUARTO

Não serão exigíveis aos sócios prestações suplementares de capital, porém, os sócios poderão fazer à sociedade empréstimos, nas condições de reembolso e remuneração que vierem a ser fixadas em assembleia geral.

QUINTO

A gerência da sociedade, dispensada de caução, e com ou sem remuneração, conforme for deliberado em assembleia geral, é confiada ao sócio Claude Gilbert Dalet, o qual é, desde já nomeado gerente, ficando a sociedade obrigada, activa ou passivamente, apenas com a sua assinatura.

SEXTO

O gerente em exercício pode delegar os seus poderes de gerência, no todo ou em parte, na pessoa de outro sócio, mas em relação a terceiros, apenas se for autorizado em assembleia geral.

SÉTIMO

O gerente não pode obrigar a sociedade em actos e contratos estranhos ao objecto social, tais como fianças, abonações, letras de favor e outros semelhantes.

OTTAVO

A sociedade pode constituir mandatários nos termos e para os fins do artigo duzentos e cinquenta e seis do Código Comercial.

NONO

A divisão e cessão de quotas entre os sócios é livre, dependendo do consentimento da sociedade e cessão de quotas a estranhos, assistindo aos sócios, em qualquer caso, direito de preferência nas aludidas cessões.

DÉCIMO

Pode a sociedade, se assim o entender, amortizar quotas dos seus sócios, quando estas sejam objecto de penhora ou apreensão judicial.

DÉCIMO PRIMEIRO

Quando a lei não exigir outras formalidades as assembleias gerais serão convocadas por meio de cartas registadas com aviso de recepção, dirigidas aos sócios ou seus representantes, com antecedência mínima de quinze dias.

DÉCIMO SEGUNDO

A sociedade dissolve-se nos casos previstos na lei, competindo aos sócios a sua liquidação e partilha nos termos que acordarem.

É certidão de narrativa e fotocópia de teor parcial que vai conforme ao original, nada havendo que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte fotocopiada.
Lisboa, vinte e dois de Abril de mil novecentos e oitenta e seis.

O Escriitório-Superior

(Maria Manuela Pereira Rocha)

«DL» - 13/5/1986

Novas tecnologias médicas causam problemas

Transplantações e inseminação vão passar a dispor de leis próprias

Os inúmeros problemas provocados pelas novas tecnologias médicas poderão ser ultrapassados em Portugal a curto prazo, uma vez que para o efeito foi ontem empossada pelo ministro da Justiça uma comissão destinada a preparar o enquadramento normativo de questões aparentemente simples, mas tão delicadas como esta: até que ponto será consentida a inseminação artificial para que um «casal» de mulheres homossexuais possa ter «filhos»? Ou, ainda: quais os limites para a utilização dos bancos de espermatozoides? Qual o conceito jurídico de morte?

Tudo isto está em questão, entre nós. Para que se não repitam dúvidas como as que têm vindo a ser suscitadas pelos últimos acontecimentos das novas tecnologias médicas, foi empossada uma comissão presidida por Pereira Coelho, cuja missão fundamental é responder num futuro não muito longo — segundo disse aquele coordenador — aos vários problemas postos pelo direito genético. Isto é: à comissão cabe preparar leis. Mas não só: espera-se que equacione problemáticas prévias, que selecione e sugira critérios, que confronte experiências comparísticas e, sobretudo — como afirmou Mário Raposo —, realidades humanas, já que estão em causa a vida da pessoa e a definição do seu estatuto temporal no que esta tem de mais decisivo e significativo: a vida e a morte.

Nesse sentido, deverá ser criado, em breve, um «registro nacional» que permita aos portugueses decidir ou esclarecer se após a sua morte, querem ou não ser doadores de órgãos, como disse Mário Raposo no colóquio «A Sociedade e o Estado», promovido pelo Instituto de Novas Profissões, a que presidiu Fernando Amaral.

A iniciativa do Instituto de

Novas Profissões tem directamente a ver com a própria posse da comissão acima referida, à qual compete preparar o enquadramento normativo dos problemas originados pelas novas tecnologias médicas. Caber-lhe-á ainda, disse o ministro da Justiça, assumir uma «função consultiva quase que de carácter permanente».

Evitar o bloqueio à recolha de órgãos

Se o «registro nacional» vier a ser criado, será implicitamente dador quem não tenha feito declaração expressa em sentido contrário — afirmou o ministro da Justiça.

Mário Raposo salientou que não se poderá criar «um bloqueio à recolha de órgãos» por razões de ordem legal, acentuando também que, pela legislação actual, se podem recolher órgãos a qualquer pessoa que, em vida, não tenha manifestado desejo contrário.

O ministro reconheceu, no entanto, que se trata de uma «ficção legal, pois serão pucos os que, em vida, se terão lembrado da declaração». Daí a vantagem do referido «registro nacional», que torna a manifestação dessa intenção «mais activa», como disse o ministro.

Várias questões para legislar

Mário Raposo centrou a sua intervenção nas «novas situações que o legislador tem de enfrentar» devido a avanços tecnológicos como a fecundação *in vitro*, as transplantações e o prolongamento artificial da vida.

«As pessoas parecem estar cada vez mais condenadas a nascer *in vitro* e a morrer *in machina*» — ironizou Mário Raposo. No entanto, segundo o ministro, na adaptação da legis-

lação «tem sempre de preservar-se a natureza do homem», acrescentou o ministro.

O Ministério da Justiça está muito activo, sendo esta apenas mais uma das suas muitas acções e iniciativas, segundo o seu titular. Mário Raposo lembrou, ao conferir ontem posse à comissão para as novas tecnologias, que na Justiça se estão a imaginar e a concretizar várias medidas legislativas, além de outras já tomadas e que até então não tinham ocorrido, como a disciplina das cláusulas contratuais gerais, a criação dos tribunais marítimos como tribunais judiciais especializados, a reformulação (em moldes actuais) da organização judiciária e da aparelhagem processual, do direito comercial marítimo e de alguns institutos do direito comercial comum (como o contrato de agência e o estatuto do empresário de responsabilidade limitada).

Quanto aos novos métodos de reprodução artificial, Mário Raposo frisou que a nossa lei apenas se refere, de uma forma muito simples, à inseminação artificial, uma técnica — disse — por assim dizer «não tecnológica», porquanto «tem quase dois séculos, já que foi iniciada em 1791 por Hunter, na Inglaterra, e em 1804 por Thour, em França. Dela, no entanto, resultam vertentes até há pouco desconhecidas. Até que ponto — questionou — será consentível a inseminação para que um «casal» de mulheres homossexuais possa ter «filhos»? e quais os limites para a utilização dos bancos de esperma que em França já são cerca de 20? Será praticável, em termos normativos, a inseminação *post mortem* do doador? e qual a posição a adoptar quanto à comercialização do esperma?»

Divisa-se a possibilidade da utilização de óvulos fecunda-

dos «a posteriori», que poderão vir a ser doados a um outro casal após largos anos. Mas, então — perguntou Mário Raposo — a quem pertencerá o óvulo? E o que acontecerá se o casal morrer? Quanto às mães de substituição, que é, aliás, uma prática geralmente reprovada, a quem pertencerá o filho: à mãe ovular ou à mãe fecundante?

Mulher não poderá ser laboratório biológico

Depois de aberto em Portugal um campo da fertilização «In Vitro» e das transplantações de órgãos, torna-se necessário regulamentar e enquadrar normativamente os problemas colocados pelas novas tecnologias médicas, como acima se disse.

«É necessário construir um direito genético que assente na biologização da reprodução, no produtivismo da vida, na artificialização do que a lei da natureza destinou a ser espontâneo» — afirmou Mário Raposo.

Segundo o ministro da Justiça, «haverá que pôr barreiras normativas a que o corpo da mulher se transforme num laboratório biológico, pois o que poderá aparentar a sua libertação contribuirá em muitos casos para novas formas de servidão».

Para Mário Raposo, «é necessário evitar a nacionalização do cadáver, embora a saúde ou a vida de uma pessoa seja um valor decisivamente relevante que não poderá ser prejudicado».

Entre as soluções normativas para os casos de recolha de órgãos, segundo o ministro da Justiça deverá figurar a hipótese de ser dada a cada pessoa a possibilidade de declarar a sua oposição, valendo o seu silêncio como consentimento.

Reestruturação no centro de produção

Telescola ficou sem professores

Quarenta dos 43 professores do centro de produção do Norte da Telescola foram dispensados ou demitiram-se das funções — informou uma fonte daquele departamento.

As lições que diariamente são apresentadas na televisão, foram gravadas com antecedência e o material disponível, de reserva, assegura a continuação das aulas sem perturbações, suprimindo assim a falta de professores — acrescentou a mesma fonte.

Esta situação é atribuída a um plano de reestruturação do Centro de Produção do Norte, que foi elaborado e tem vindo a ser aplicado pelo director regional da Telescola, o presidente do Instituto de Tecnologia Educativa (entidade tutelar) e o secretário de Estado do Ensino Básico.

A telescola é um serviço do Instituto de Tecnologia Educativa que proporciona o ensino do ciclo preparatório a cerca de 60 000 alunos no país e com postos nas regiões autónomas da Madeira e dos Açores.

Um despacho recente da Secretaria de Estado do Ensino Básico estabeleceu os moldes de reestruturação e funcionamento interno e, ao abrigo deste despacho, 32 professores das equipas pedagógicas foram substituídos.

Por solidariedade para com os colegas nesta situação e por discordarem dos critérios estabelecidos para a reestruturação, oito professores que não foram abrangidos por estas medidas demitiram-se das funções.

Outro despacho interno, do Ministério da Educação, impede que os professores da Telescola prestem declarações aos órgãos

de Comunicação Social, «sob pena de procedimento disciplinar», pelo que a fonte de informação contactada pela Anop solicitou o anonimato.

Segundo esta fonte, o despacho de reestruturação e funcionamento da Telescola «interfere com a parte pedagógica» e «as condições de funcionamento comportam algumas contradições».

«A reestruturação, tal como vem sendo praticada, estaria correcta se houvesse correspondência da parte técnica» — acrescentou o informador.

A mesma fonte explicou que «há faltas de material técnico que afectam a parte pedagógica, impedindo designadamente a actualização e renovação das lições necessárias do ponto de vista pedagógico, para tornar as aulas mais úteis».

Alguns professores põem também em causa o processo de recrutamento de novos quadros, bem como os critérios de selecção, já que estes não obedecem a concurso público, antes estão a ser feitos por convites pessoais, através da Direcção-Geral do Ensino Básico.

Na falta de professores e de condições técnicas para a gravação de lições, está prevista a repetição, nos próximos anos lectivos, das lições que estão gravadas e são apresentadas neste ano escolar.

As equipas pedagógicas da Telescola entendem ser inconveniente esta repetição, por impedir «a necessária correcção e a recomendável renovação das aulas».

Língua Portuguesa passa a ter ortografia unificada

Delegados de Portugal, Brasil, Angola, Moçambique, Cabo Verde e S. Tomé e Príncipe assinaram ontem, no Rio de Janeiro, um protocolo de princípios fundamentais unificadores da ortografia da Língua Portuguesa.

Reunidos durante sete dias no I Encontro Internacional para a Unificação da Ortografia da Língua Portuguesa, os delegados dos países dos países de língua oficial lusa, a que faltou a Guiné por circunstâncias alheias à sua vontade, manifestaram-se a favor das «bases da ortografia simplificada acordadas em 1945 e consolidadas em 1986».

No documento que aprovaram recomendam que cada governo decida quanto ao «modus faciendi» de semelhante tarefa a que, tomadas lei nacional, as «bases» referidas sejam comunicadas a todos os países de expressão lusa.

Recomendaram ainda os delegados que os sete países editem conjuntamente um vocabulário ortográfico da Língua Portuguesa, com registos da variante ou peculiaridade lexicais nacionais de cada um.

Devem para tal, refere o documento, comprometer-se a não proceder a quaisquer modificações ou aperfeiçoamentos do sistema ortográfico, sem audiência e concordância recíproca e comum, o que deverá de dez em dez anos ser aprovado por novo encontro.

Foi recomendado ainda que cada país estude já as possibilidades de credenciar um organismo próprio para dialogar

com os outros seis sobre os problemas da língua.

Por fim, as delegações propuseram que o próximo Encontro dos sete países de língua oficial portuguesa seja convocado pelo Governo de Lisboa.

Assinaram o documento, por Portugal, Jacinto Nunes; Angola, Luísa Dolbeth Costa; Cabo Verde, Corsino Fortes; Moçambique, Filipe Pereira; S. Tomé e Príncipe, Albertino Sequeira Bragança; e Brasil, Austregesil de Athayde.

Apoio de Sarney

Entretanto, José Sarney, presidente da República Federal do Brasil, afirmou já ir empenhar-se no sentido de, «com a brevidade possível», encaminhar para o Congresso Nacional o protocolo assinado pelos delegados dos países de

língua oficial portuguesa.

«Retornado de recente viagem a Portugal e Cabo Verde, tive a oportunidade de sentir, ao lado dos vínculos históricos -culturais que unem os nossos países, a importância da língua comum, para manter mais próximos os nossos povos» — lê-se na mensagem do presidente do Brasil, já no Rio de Janeiro.

José Sarney sublinha ainda na sua mensagem que o «protocolo agora assinado representa mais uma conquista para a nossa história colectiva e de cada uma das nossas pátrias».

Macau: um caso perdido?

Refira-se, por agora, que, quanto a Macau, mais de quatro séculos de acção administrativa foram insuficientes para levar os administrados a adoptar o Português, sequer como língua segunda.

Mas o idioma de Camões nunca deixou de ser, por força da lei, a língua oficial, apesar de tranquila e quotidianamente desconhecida por 97 por cento da população cuja língua materna é o chinês.

O interesse dos chineses em aprender o português suficiente para manter um curto diálogo, manifestou-se enquanto houve uma garnição militar em Macau (extinta em 1976, como reflexo do novo estatuto do território).

Merceeiros, alfaiates, anti-quários, todo um pequeno comércio que girava à volta dos militares com poder de compra: movimentou-se para conseguir «vender o produto», já que os clientes usavam apenas o seu idioma. O s intérpretes nem sempre estariam disponíveis. O reverso na aprendizagem deu-se, também, mas com menos acuidade.

"Expresso"/ "Semanário"

— duas publicações com lucros

Os dois semanários de grande informação que se publicam ao sábado tiveram, ambos, resultados positivos no ano passado: o «Expresso» arrecadou 17 mil contos e o «Semanário» quase cinco mil.

A empresa proprietária do «Expresso», a Sojornal, apresenta no relatório de 1985 cerca de 17 mil contos de resultado líquido, dos quais 12 mil transitaram para reservas. Ao pessoal foram distribuídos 2,5 milhares de contos e aos accionistas 2 milhares.

A Sojornal queixa-se, no entanto, de a conjuntura geral da economia portuguesa ter sido «muito desfavorável» no ano passado e de não ser fácil «ultrapassar o quase insuperável alargamento do prazo médio das cobranças pelos serviços prestados».

Por seu turno, a Edipress, proprietária do «Semanário», declara-se optimista perante o futuro face à sua «estabilidade empresarial».

Iate naufragou nas águas açorianas

O nevoeiro e o mar alteroso da zona foram as causas do naufrágio do iate inglês «Scalloway», ocorrido sábado na costa Norte da ilha açoriana do Faial, disseram as autoridades marítimas locais.

O iate, tripulado pelo navegador solitário Robert David Cook, provinha do arquipélago das Bermudas, na que era a sua primeira viagem.

Robert Cook, que dormia quando o naufrágio ocorreu, saiu ileso do incidente mas o seu barco ficou irrecuperável.

O naufrágio nadou do iate sinistrado para a costa da ilha.

Este velejador solitário, pedreiro de profissão, vive em Maldon, Reino Unido, e o iate que tripulava foi por ele construído.

Entre as Bermudas e a ilha do Faial, Robert Cook tinha gasto 20 dias de viagem e o nevoeiro evitou que detectasse a proximidade da ilha.

O velejador efectuará o seu regresso à Inglaterra a bordo do iate «Lenox Ton» tripulado por um amigo, também velejador solitário.

Vendedor de cassetes piratas condenado em tribunal

O tribunal de Vila Nova de Famalicão condenou, ontem Claudino Marques da Silva em 70 contos por comercializar cassetes piratas — anunciou em Lisboa a União de Editores de Vídeo e Áudio.

O réu foi condenado ainda, segundo a UNEVA, a pagar uma indemnização de 20 contos à Sociedade Portuguesa de Autores, como também foi ordenada a destruição de todas as cassetes apreendidas.

Criança portuguesa morre soterrada em França

Uma criança de origem portuguesa, Filipe de Lima, de 12 anos, que brincava domingo num monte de areia em Roissy-en-France (arredores de Paris), morreu asfixiada por uma avalanche de areia que se desprendeu.

Conduzido num estado desesperado ao hospital de Gonesse foi de imediato considerado morto a nível cerebral.

Filipe, que se divertia a brincar no monte de areia de uma empresa de obras públicas, da qual o seu pai é o guarda, foi apanhado por uma súbita derrocada de areia, ficando soterrado.

O seu irmão, que assistiu à cena, preveniu de imediato o pai, que com a ajuda de uma pá mecânica conseguiu meia hora depois desenterrar o filho, mas era demasiado tarde.

Explosão a bordo do "Alentejo" provoca três feridos

Três feridos ligeiros é o resultado de uma explosão, ontem registada a bordo do barco de passageiros «Alentejo» que efectuava a ligação fluvial entre Lisboa e Barreiro.

A explosão foi originada por uma avaria na casa de máquinas do barco.

João Gonçalves Felisberto, 46 anos, Manuel Matos Lopes, 33 anos, e Secundino José Dias Gomes, 45 anos, é a identidade dos feridos.

Município pode participar na reconstrução do "Maria Vitória"

Câmara de Lisboa recusou nova tarifa de saneamento

A Câmara Municipal de Lisboa recusou ontem a nova tarifa de saneamento proposta pelo presidente da edilidade, Nuno Abecasis. Na reunião, foi ainda decidido fundir as três propostas existentes sobre o futuro do Terreiro do Paço para, dentro de 15 dias, ser apresentada ao executivo uma proposta única.

«Manifestámos reservas que se procedesse a uma alteração com um significado tão importante, nomeadamente por um aumento muito grande dos consumidores do primeiro escalão». Assim explicou ao «DL» o vereador Vasco Franco as razões da oposição da bancada socialista à proposta de tarifa de saneamento apresentada pelo presidente da câmara que, como revelámos na nossa edição de ontem, se traduziria num aumento de cerca de 100 por cento dos preços da água dos consumidores do primeiro escalão.

As preocupações manifestadas pelos vereadores socialistas, encontraram também eco na vereação social-democrata, tendo o presidente em exercício, Lívio Borges, sustentado que tal proposta prejudicaria 99 mil consumidores os que de acordo com as estatísticas da EPAL, se encontram no primeiro escalão. E, como estas duas forças tinham apoiado a primeira versão da tarifa de saneamento apresentada por Abecasis e aprovada na reunião de 8 de Abril, a atitude

do PS e do PSD constituiu surpresa. Para a APU, como sublinhou o vereador Rui Godinho, a posição continua a ser de oposição de princípio, pois a obra que será financiada com o aumento do preço da água — o grande vnterceptor de esgotos — deve ser comparticipada pelo poder central.

No entanto, como adiantou ao «DL» o vereador Vasco Franco, após a realização de um estudo sobre qual o nível da receita com uma taxa variável de 10 escudos por metro cúbico — a proposta de Abecasis contemplava uma taxa fixa de 75 escudos, a que se adicionaria uma variável de 15 escudos por metro cúbico de água consumida — a câmara voltará a debater-se sobre a questão na próxima segunda-feira. Recordando-se que a apresentação de uma nova proposta de Abecasis se

deve ao facto da EPAL ter alegado razões de ordem administrativa que inviabilizavam a recolha daquelas receitas, pois a Empresa Pública de Águas de

Lisboa está a tentar implantar uma tarifa única.

Praça do Comércio: proposta-síntese

A câmara decidiu ainda promover a elaboração de uma proposta-síntese sobre o futuro do Terreiro do Paço, tendo para o efeito sido nomeada uma comissão de vereadores das forças políticas que tinham apresentado propostas e que integra Cunha Serra, da Aliança Povo Unido, Victor Reis, do Partido Social-Democrata e Pombo Cardoso do Partido Socialista. O fim do estacionamento na placa central, a libertação do espaço das arcadas e o lançamento de um concurso de ideias sobre o adequado aproveitamento da praça para fins culturais, turísticos e comerciais constituem as três linhas de orientação que norteiam o trabalho da comissão.

O facto da decisão ter sido tomada por consenso e o facto de, pela primeira vez neste mandato, a Aliança Povo Unido, que não tem pelouros atribuídos pelo presidente, integrar uma comissão de vereadores, foram considerados positivos por Rui Godinho. «Foi uma solução de consenso, o que

nos apraz registar», sublinhou aquele vereador.

CML na reconstrução do Maria Vitória

Sob proposta do presidente, a câmara decidiu empreender as diligências necessárias para que rapidamente sejam reconstruídas as áreas danificadas do Teatro Maria Vitória, em consequência do incêndio ali registado no passado sábado, propondo-se a edilidade a participar nessa mesma reconstrução.

Esta deliberação, tomada por unanimidade, coloca ainda à disposição do teatro as instalações do Teatro Municipal Maria Matos, sem prejuízo de outras actividades que aí se devam exercer.

Neste campo, foi decidido promover um amplo movimento de solidariedade para ajuda de emergência aos profissionais daquela sala de espectáculos.

Por fim, a câmara aprovou uma proposta através da qual se associa às comemorações do sexto centenário do Tratado de Windsor, que deu forma à aliança luso-britânica, nomeadamente pela edição e divulgação de um opúsculo salientando os principais aspectos e consequências da aliança.

Inflação baixou dez pontos nos últimos doze meses

A inflação acusava em fins de Abril sensivelmente dez pontos percentuais a menos que em idêntico período do ano passado, seja aferindo-a pela média anual, que era de 15,9 por cento (menos 10,6) seja comparando-a com o mês equivalente de 1985 (12,3 contra 22,3 por cento).

No mês de Abril os preços subiram 1,3 por cento (em Abril do ano passado tinham aumentado 1,2), tendo a subida mais fraca sido sentida na Alimentação e Bebidas (9,3) e a mais alta nos diversos (15,6).

Hotéis Dom Pedro inauguram nova unidade em Vilamoura

A cadeia hoteleira Dom Pedro, que actualmente mantém em funcionamento unidades na Madeira, no Algarve, na Costa Verde e em Lisboa, prepara-se para dar no próximo fim-de-semana um importante passo em frente no exercício da sua actividade em Vilamoura com a inauguração de um novo hotel e o lançamento da primeira pedra da sua terceira unidade naquela praia algarvia.

O hotel a inaugurar com a presença de entidades oficiais e representantes da Comunicação Social, é o Portobelo Dom Pedro, em cerimónia marcada para as 18 e 30 do próximo sábado, momentos após ter sido lançada a primeira pedra do Marina Dom Pedro, um hotel a construir no enquadramento da marina de Vilamoura.

Bruno Kreisky vem a Lisboa falar da EFTA e da CEE

O ex-chanceler austríaco Bruno Kreisky é o principal orador do seminário sobre «Relações Económicas entre Portugal e a EFTA no quadro da adesão às Comunidades Europeias» promovido pelo «Fundo EFTA para o desenvolvimento industrial de Portugal», marcado para amanhã de manhã no Forum Picoas.

O seminário tem o suporte logístico do Banco de Fomento Nacional, na sua qualidade de Comissão Executiva do Fundo EFTA. Colaboram as confede-

rações patronais da Indústria e do Comércio em Portugal, a Câmara do Comércio e Indústria Portuguesa e a Associação Industrial.

Para além da intervenção de fundo a cargo de Bruno Kreisky, participa neste seminário o secretário-geral adjunto da EFTA e um representante da Comissão Executiva, em Portugal, estando também previsto um debate sobre a cooperação industrial entre Portugal e a EFTA.

Regionalização está em estudo

Distribuição de electricidade vai ser toda entregue à EDP

O ministro da Indústria e Energia afirmou ontem que «a regionalização da EDP é um dado adquirido», escusando-se todavia a revelar quaisquer detalhes sobre a reestruturação da empresa. Santos Martins falava aos jornalistas à saída de uma reunião com a Comissão Parlamentar de Economia e Finanças e sublinhou que as possíveis vias de concretização daquele objectivo estão dependentes das propostas a apresentar por uma comissão que vai ser nomeada pelo Governo. No seu encontro com os deputados, o ministro deu-lhes a conhecer algumas das decisões tomadas pelo Conselho de Ministros em 30 de Abril acerca do futuro da EDP.

Uma dessas decisões determina a integração na empresa dos serviços de distribuição da energia eléctrica, nos concelhos onde eles ainda não estavam entregues à EDP, indicou o ministro.

Outra das resoluções ontem objecto das explicações governamentais prevê a melhoria do sistema de cobranças da EDP.

As dívidas à empresa ascendem a 150 milhões de contos, dos quais 98 milhões são da responsabilidade de autarquias, 43 milhões de empresas privadas e 7,6 milhões das EP's.

A criação de uma comissão

que tem um prazo de dois meses para estudar e propor soluções para o processo de regionalização da EDP foi a terceira das decisões comunicada ao Parlamento.

Esta comissão, que deverá ouvir a Associação Nacional de Municípios e as associações de consumidores, é formada pelo presidente da EDP, pelo inspector-geral de Finanças, director-geral de Energia, director do Desenvolvimento Regional e ainda pelos presidentes de todas as comissões de coordenação regional.

Trabalhadores e autarquias

O deputado Carlos Carvalhas (PCP) lamentou que não esteja prevista a audição dos representantes dos trabalhadores, enquanto os socialistas fizeram a entrega de um documento de trabalho sobre o assunto em debate.

Além de Santos Martins, participaram ainda no encontro os secretários de Estado da Administração Local, da Indústria e do Tesouro.

«A situação financeira da EDP adquiriu tal gravidade e dimensão e resulta pelo menos em parte de vícios de tal natureza que exige o directo empen-

nhamento do Governo» — diz a proposta do PS.

«Mas, a correcção de deficiências de implantação local e de relacionamento com os utentes e o desenvolvimento de uma correcta articulação com o poder local, são aspectos essenciais da missão de serviço público que igualmente solicitam a intervenção dos poderes políticos» — acrescenta.

O PS considera ser urgente a concretização dos estatutos da EDP publicados em 1982 no que se refere à representação das autarquias em diversas instâncias da empresa.

O PS diz também que o Governo actuou ilegalmente no que diz respeito à entrada em vigor do IVA.

«Estima-se que esta ilegalidade custa à EDP cerca de 16 milhões de contos, numa base anual, pelo que a empresa deve ser indemnizada em correspondência, impondo-se que o Governo respeite a legislação referente ao IVA», afirma o documento.

Sindicatos e partidos

Entretanto Raul Guedes, da Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores das Indústrias Eléctricas, afecta à CGTP, disse que os representantes dos traba-

lhadores são «contra qualquer tentativa de desmembramento da empresa» mas concordam com a regionalização da empresa, entendida como uma participação das autarquias na gestão. Este sindicalista salientou que os estatutos da empresa prevêem a regionalização da forma que defendem.

Quanto aos partidos da oposição, a Anop ouviu João Cravinho, do PS, que afirmou que a regionalização é «necessária e possível pelos estatutos da EDP» e «não é um mal mas um bem, se for bem feita».

A primeira fase da vida da empresa esta ultrapassada — a da integração de várias pequenas empresas essencialmente de distribuição de energia — devendo iniciar-se agora a fase de descentralização, disse João Cravinho.

Ivo Pinho, deputado do PRD, declarou que o partido não tem ainda uma posição sobre a questão mas que está contra o regresso à situação anterior à criação da EDP.

Finalmente, Octávio Teixeira, deputado do PCP, afirmou que o partido está contra qualquer tentativa de desmembramento da EDP e que seria necessário conhecer o projecto do Governo para poder pronunciar-se sobre o assunto.

Portugal volta ao mercado londrino

Após ausência de um século, Portugal volta hoje ao mercado da libra, ao lançar em Londres um empréstimo obrigacionista de 50 milhões de libras (11 milhões de contos), anunciou o Banco de Portugal.

O empréstimo, com um prazo de 30 anos, é assinado pelo vice-governador do Banco de Portugal, Vaz Pinto, e pelos representantes das instituições financeiras que lideram a operação.

O último empréstimo que Portugal colocou no mercado da libra foi em 1877. Tratou-se também de um empréstimo obrigacionista, cuja emissão teve características semelhantes à que hoje será contratada. A primeira vez que Portugal recorreu a um empréstimo internacional fê-lo no mercado da libra, em 1802.

Foi também uma das primeiras operações feitas por um governo estrangeiro no mercado de capitais de Londres.

O Banco de Portugal considera que este regresso ao mercado da libra, curiosamente verificado na semana das comemorações dos 600 anos do tratado de Windsor, «reflecte a crescente credibilidade externa do país».

Estaleiros da Parry and Son vão abrir falência

Os accionistas da Parry and Son decidiram ontem apresentar a empresa à falência, tendo a decisão sido tomada na Assembleia Geral Extraordinária de accionistas, por proposta do IPE, Investimentos e Participações do Estado, e da Lisnave. O outro accionista é a família Lacerda.

Fonte da empresa explicou que os accionistas decidiram apresentar a Parry à falência por não ter sido aceite pelo Governo uma proposta idêntica à que, há cerca de dois anos, havia sido também inviabilizada pelo executivo de então.

A proposta apontava no sentido da integração da Parry and Son no processo de viabilização da Lisnave.

«A Lisnave manifestou disponibilidade para absorver a Parry e encaixar a resolução dos problemas desta no âmbito do seu acordo de viabilização», informou a mesma fonte.

Um representante da família Lacerda disse à agência NP que

o facto de ter sido agora retomada uma proposta idêntica à que foi inviabilizada há dois anos, prova que «aquele era o caminho certo para a viabilização da Parry and Son».

Para Jaime Lacerda, o Estado, ao inviabilizar há dois anos uma solução encontrada pelos accionistas, ficou com a responsabilidade de apresentar uma proposta alternativa.

O Governo, por seu turno, considera que a Parry and Son é uma empresa privada e, como tal, trata-se de um problema meramente empresarial, que tem de ser resolvido pelos seus accionistas.

A esta posição, os accionistas contrapõem que o Estado é, na prática, quem detém a maioria do capital da empresa e afirmam não compreender porque é que há dois anos o Governo utilizou os seus poderes para inviabilizar uma solução e agora se abstém de o fazer, considerando o problema «meramente empresarial».

Também a Comissão de Trabalhadores da Parry and Son responsabiliza o Governo pela «grave situação social» que resultará do encerramento da empresa, a qual tem actualmente 438 trabalhadores.

Armando Neri, da CT, disse que, hoje mesmo no estaleiro de Cacilhas se realiza um plenário de trabalhadores, no qual serão decididas formas de luta tendentes a evitar a apresentação da empresa à falência.

O passivo da Parry ascende a cerca de dois milhões de contos, incluindo cerca de 600 milhões de contos para provisões com juros de mora.

Os trabalhadores da empresa não recebem salários há 20 meses, sendo o segundo maior credor da Parry, a seguir ao Estado, em cerca de 300 mil contos. Os prejuízos acumulados ascendem a dois milhões de contos e a percentagem de inactividade da empresa ultrapassa os 60 por cento.

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade)	
	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	54\$50	60\$50
ALEMANHA FED. (marco)	66\$25	67\$45
ÁUSTRIA (xelim)	9\$35	9\$55
BÉLGICA (franco)	3\$088	3\$288
BRASIL (cruzado)	4\$00	6\$50
CANADÁ (dólar - notas de 1 e 2)	104\$55	107\$05
(notas de 5 a 1000)	105\$05	107\$55
DINAMARCA (coroa)	17\$90	18\$30
ESPAÑA (peseta)	1\$013	1\$133
EUA (dólar - notas de 1 e 2)	144\$30	147\$80
(notas de 5 a 1000)	144\$80	148\$30
FINLÂNDIA (marka)	29\$25	29\$85
FRANÇA (franco)	20\$80	21\$50
HOLANDA (florim)	58\$20	59\$90
IRLÂNDIA (libra)	202\$65	206\$65
ITÁLIA (lira)	\$088	\$098
JAPÃO (iene)	\$857	\$892
NORUEGA (coroa)	20\$85	21\$35
REINO UNIDO (libra)	223\$70	228\$20
SUÉCIA (coroa)	20\$55	21\$05
SUIÇA (franco)	79\$50	84\$00
VENEZUELA (bolívar)	7\$00	8\$00

Observações:

- 1 - No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 - Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Roma mantém silêncio "prudente"

Maioria dos diplomatas expulsos da Líbia são italianos

O governo italiano manteve um silêncio prudente perante a decisão líbia, de expulsar 36 diplomatas de sete países da Europa Ocidental, 25 dos quais, o maior contingente, são italianos.

Um porta-voz do Ministério italiano dos Negócios Estrangeiros limitou-se ontem a informar que dos 25 italianos cuja expulsão foi decidida pelo governo de Trípoli, «alguns são funcionários e outros empregados», mas não especificou o número de uns e outros.

A mesma fonte sublinhou que os diplomatas dispõem de 10 dias para deixar a Líbia e que o restante pessoal diplomático dos sete países da CEE que não foram atingidos pela decisão de expulsão não poderão abandonar a área de Trípoli sem uma autorização especial.

Entretanto, em Bruxelas, o ministro espanhol dos Negócios Estrangeiros, Fernandez Ordoñez, qualificou de «injusta indiscriminada» a decisão do governo líbio de expulsar 36 diplomatas de países da CEE,

entre os quais figuram dois espanhóis.

Por seu lado, o Ministério alemão-federal dos Negócios Estrangeiros, ao confirmar a expulsão de quatro diplomatas da sua Embaixada em Trípoli, disse que o governo líbio não deu qualquer justificação paga essa decisão.

Uma fonte do mesmo ministério acrescentou que o governo de Bona espera poder substituir os quatro diplomatas expulsos por igual número de outros funcionários na sua embaixada em

Trípoli.

Em 23 de Abril, a Alemanha Federal deu ordem de expulsão a 22 diplomatas e pessoal da Embaixada líbia em Bona, que ficou reduzida a 19 representantes, ao mesmo tempo que mandava regressar três diplomatas seus da Embaixada em Trípoli.

As 12 nações da Comunidade Económica Europeia chegaram a um acordo em 21 de Abril para a redução do número de diplomatas de Trípoli acreditados nas suas capitais, além da exigência de mais requisitos para a concessão de vistos de viagem a cidadãos líbios e da limitação da venda de certos produtos à Líbia.

As medidas tomadas pela CEE foram aprovadas poucos dias depois do ataque à Líbia pela aviação norte-americana, que Washington justificou pelo alegado envolvimento dos dirigentes de Trípoli no terrorismo internacional.

Protesto da Espanha

O embaixador espanhol na Líbia foi incumbido de protestar, em Trípoli, contra as «actividades irregulares» da Embaixada líbia em Madrid, disse o Ministério espanhol dos Negócios Estrangeiros.

Esta acção segue-se às prisões de um coronel de extrema-direita e de extremistas apoiados pela Líbia, em Espanha, um dos quais, de nacionalidade portuguesa, admitiu ter participado no recente atentado contra os escritórios em Lisboa da companhia aérea francesa Air France.

Um porta-voz do ministério disse que o embaixador espanhol Ricardo Pedro vai exprimir o «descontentamento» pelas actividades líbias ao governo de Trípoli.

Cardeal de Luanda afirma

Autoridades angolanas têm dado mostras de "coragem e realismo"

O cardeal de Luanda e presidente da Caritas Internacional, D. Alexandre Nascimento, afirmou que as autoridades angolanas têm demonstrado coragem e realismo ao avaliarem os males que afectam o país.

D. Alexandre Nascimento, que hoje preside em Fátima às cerimónias do 13 de Maio, disse que a Igreja não pretende «possuir informações privilegiadas» sobre a situação global em Angola, quando acerca dela interrogado.

«Declarações têm vindo a lume por parte da competente autoridade. E a mim parece que tem dado provas de coragem e são realismo na análise e, depois, na denúncia dos males, mesmo do aparelho estatal» — afirmou em entrevista concedida à agência Notícias de Portugal.

O cardeal de Luanda, que de-

pois de Fátima se deslocará ao Vaticano para a tradicional visita «ad limina», juntamente com os dispo angolanos e de São Tomé e Príncipe, disse que nos contactos a estabelecer nessa ocasião estarão sobretudo em foco os aspectos pastorais, embora não deixem provavelmente de abordar outros temas.

Mas adiantou: «É claro que pretendemos ter bem assentes no chão os pés, isto é, não podemos pôr de parte a realidade quotidiana, nas suas múltiplas dimensões».

D. Alexandre Nascimento disse, a propósito do futuro de Angola, que «parte está nas mãos dos homens». «Por isso escrevemos, os bispos de Angola, a recente carta pastoral Firmes na Esperança» — Reflexão Pastoral Após Dez Anos de Independência», a qual disse conter «um tom eminentemente construtivo».

Segundo Moscovo

Vítimas do acidente de Chernobyl elevam-se a oito

Seis pessoas feridas na sequência da explosão na central nuclear soviética de Chernobyl sucumbiram às queimaduras e radiações sofridas — noticiou a agência soviética Tass, citando um comunicado do Governo.

As mortes anunciadas fazem elevar para oito, ao que parece, o número de vítimas fatais do acidente.

Nos dois únicos balanços oficiais, divulgados a 29 de Abril (três dias depois do acidente) e a 6 de Maio, indicava-se que a explosão causara duas vítimas e depois que estas duas tinham perecido, uma com queimaduras e a outra atingida por «objectos projectados» na altura da explosão.

No segundo comunicado informava-se também que 204 pessoas haviam sido hospitalizadas, 18 das quais em estado grave.

O balanço de ontem parece não incluir as duas primeiras vítimas.

Ontem o Kremlin responsabilizou funcionários locais de Chernobyl pelo atraso de 68 horas em contar ao mundo a verdade sobre o acidente nuclear e por terem descurado a transferência de 92 000 pessoas que vivem perto do reactor.

O último relatório sobre a descontaminação, publicado no jornal governamental «Izvestia» afirma que os edifícios da fábrica e de áreas vizinhas estão a ser drenados com um sistema de filtro especial para a libertar da radioactividade material.

A camada superior do solo na «zona de perigo» está a ser retirada e a área coberta com cimento, disse o «Izvestia», não revelou qual a amplitude da área.

Três funcionários locais do Partido Comunista já foram punidos por terem minimizado o alcance do acidente de 26 de Abril no reactor número quatro

de Chernobyl e por terem actuado com desleixo na transferência das pessoas, revelou o jornal «Pravda».

Importações suspensas

Os ministros dos Negócios Estrangeiros da Comunidade Europeia chegaram ontem a acordo em Bruxelas relativamente a medidas que visam evitar a comercialização de produtos alimentares frescos contaminados na sequência do acidente nuclear de Chernobyl.

A decisão dos ministros surgiu após complicadas discussões, uma semana depois de iniciado o processo conducente à tomada de medidas, e duas após ter sido confirmado o acidente nuclear.

As medidas incluem a suspensão das importações de produtos alimentares frescos de países do Leste — aspecto externo — e a definição de regras aplicáveis no comércio inter-comunitário — aspecto interno.



Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Químicas do Sul



ASSEMBLEIA GERAL ELEITORAL/1986 3.4. Junho



comunicado n.º 3

UMA SÓ LISTA CONCORRENTE

1. A Mesa da Assembleia Geral faz saber a todos os associados que, terminado no passado dia 3 o prazo de apresentação de candidaturas às eleições do Sindicato, apenas foi recebida uma Lista, designada «Unitária», sob o lema: **Renovar a esperança de Abril; pelo trabalho; pela paz, e à qual foi atribuída a letra «A».**
2. A Mesa da Assembleia Geral faz igualmente saber que o respectivo processo de candidatura se mostra conforme os requisitos estatutários pelo que foi aceite.
3. Assim, a Lista «A» será a única concorrente ao acto eleitoral, pelo que vai a mesma, conjuntamente com o respectivo Programa de Acção, ser afixada nos seguintes locais:
 - Sede do Sindicato — Av. 5 de Outubro, 19-1.º, Setúbal
 - Delegação de Santo André (Sines) — B.º Azul B-6
 - União dos Sindicatos de Faro — Rua Reitor Teixeira Gomes, 11
 - União dos Sindicatos de Portalegre — Rua do Carmo, 12-1.º Dto.
 - União dos Sindicatos de Beja — Praça Diogo Fernandes, 9
 - União dos Sindicatos de Évora — Alcaçova de Cima

CADERNOS ELEITORAIS

4. Nos termos e para os fins constantes do Artigo 91.º dos Estatutos, os Cadernos Eleitorais estarão afixados nos locais acima referido a partir do dia 18.
5. De acordo com o mesmo Art.º, podem os associados nos 10 dias seguintes àquela data (até ao dia 29 de Maio) reclamar de qualquer omissão ou irregularidade neles detectados.
6. A reclamação deverá ser feita à Mesa da Assembleia Geral, por escrito e devidamente fundamentada, naquele prazo.
7. Em conformidade com os artigos 20.º e 85.º dos Estatutos, têm direito a voto os associados cuja inscrição e admissão no Sindicato se tenha verificado até ao final do mês de Abril do presente ano, e tenham a quotização, quando devida, regularizada.

NOTA: A localização das mesas de voto e os respectivos dias e horários de funcionamento serão oportunamente divulgados.

VOTAR É UM DIREITO, VOTAR É UM DEVER

Setúbal, 8 de Maio de 1986

A Mesa da Assembleia Geral

Cimeira Reagan-Gorbachev ainda não tem data marcada

A Casa Branca considerou improvável uma reunião entre o presidente norte-americano, Ronald Reagan, e o líder soviético Mikhail Gorbachev antes das próximas eleições legislativas norte-americanas, marcadas para Novembro.

Embora ainda seja «possí-

vel» que a reunião possa ser aprazada para Julho, é «improvável» que corra antes das eleições, disse Larry Speakes, porta-voz do chefe da administração norte-americana.

Para além da falta de acordo sobre a fixação de uma data para aquele que constituirá o

segundo encontro entre Reagan e Gorbachev, as perspectivas para a «cimeira» sofreram outro revés quando Moscovo decidiu suspender uma reunião preparatória, a nível ministerial, em resposta ao ataque norte-americano de 15 de Abril contra a Líbia.



CÂMARA MUNICIPAL DA MOITA

EDITAL

VENDA DE HABITAÇÕES DE PREÇOS LIMITADOS

JOSÉ LUIS LOPES PEREIRA, Presidente da Câmara Municipal da Moita, FAZ SABER QUE:

1. — A partir do dia 12 de Maio e até ao dia 3 de Junho de 1986, estará aberto concurso para a atribuição, por sorteio, do direito à aquisição dos fogos, construídos ao abrigo de contratos de desenvolvimento para habitação e sujeitos ao regime e ónus das casas de renda limitada, a seguir indicados:

- 1.º — 1.º andar n.º 20 do Bloco K da Rua Eça de Queirós, Célula H 2, da Urbanização da Quinta da Fonte da Prata, freguesia de Alhos Vedros.
Tipologia: T4
Preço: 1750 contos
- 2.º — 2.º andar n.º 22 do Bloco C da Rua Ferreira de Castro, Célula H 2, da Urbanização da Quinta da Fonte da Prata, freguesia de Alhos Vedros.
Tipologia: T3
Preço: 2000 contos
- 3.º — 2.º andar n.º 15 do Bloco AB da Avenida Luís de Camões, Célula H 3, da Urbanização da Quinta da Fonte da Prata, freguesia de Alhos Vedros.
Tipologia: T1
Preço: 1550 contos
- 4.º — 1.º andar n.º 21 do Bloco A da Rua Florbela Espanca, Célula H 2, da Urbanização da Quinta da Fonte da Prata, freguesia de Alhos Vedros.
Tipologia: T2
Preço: 1750 contos
- 5.º — 2.º andar n.º 10 do Bloco R da Avenida Luís de Camões, Célula H 3, da Urbanização da Quinta da Fonte da Prata, freguesia de Alhos Vedros.
Tipologia: T1
Preço: 1550 contos
- 6.º — 3.º andar esquerdo do lote 28 da Avenida José Almada Negreiros, Banda B 4, da Urbanização do Vale da Amoreira, freguesia da Baixa da Banheira.
Tipologia: T2 (c/ arrec. n/ cave)
Preço: 1900 contos
- 7.º — 2.º andar n.º 14 do Bloco D da Avenida Luís de Camões, Célula H 2, da Urbanização da Quinta da Fonte da Prata, freguesia de Alhos Vedros.
Tipologia: T2
Preço: 1750 contos
- 8.º — Rés-do-chão esquerdo do lote 28 da Avenida José Almada Negreiros, Banda B 4, na Urbanização do Vale da Amoreira, freguesia da Baixa da Banheira.
Tipologia: T2 (c/ arrec. n/ cave)
Preço: 1850 contos
- 9.º — 1.º andar n.º 4 do Bloco J da Avenida Luís de Camões, Célula H 2, da Urbanização da Quinta da Fonte da Prata, freguesia de Alhos Vedros.
Tipologia: T2
Preço: 1800 contos
- 10.º — Rés-do-chão direito do lote 3 da Avenida José Almada Negreiros, Banda D 1, da Urbanização do Vale da Amoreira, freguesia da Baixa da Banheira.
Tipologia: T2 (c/ arrec. n/ cave)
Preço: 1800 contos
- 11.º — 1.º andar n.º 12 do Bloco B da Avenida António Aleixo, Célula H 2, da Urbanização da Quinta da Fonte da Prata, freguesia de Alhos Vedros.
Tipologia: T1
Preço: 1150 contos
- 12.º — 1.º andar n.º 14 do Bloco L da Avenida António Aleixo, Célula H 2, da Urbanização da Quinta da Fonte da Prata, freguesia de Alhos Vedros.
Tipologia: T2
Preço: 2000 contos
- 13.º — 7.º andar esquerdo frente (ou 7.º D) do Lote I da Rua Dr. Carlos Alexandre Sequeira, freguesia da Moita.
Tipologia: T2
Preço: 1808 contos
- 14.º — 2.º andar n.º 10 do Bloco AB da Avenida Luís de Camões, Célula H 3, freguesia de Alhos Vedros.
Tipologia: T1
Preço: 1552 contos
- 15.º — 4.º andar n.º 20 do Bloco G da Avenida António Aleixo, Célula H 2, da Urbanização da Quinta da Fonte da Prata, freguesia de Alhos Vedros.
Tipologia: T3
Preço: 2000 contos
- 16.º — 3.º andar n.º 50 do Bloco A da Rua Florbela Espanca, Célula H 2, da Urbanização da Quinta da Fonte da Prata, freguesia de Alhos Vedros.
Tipologia: T2
Preço: 1970 contos
- 17.º — 3.º andar n.º 44 do Bloco M da Rua Soeiro Pereira Gomes, Célula H 2, da Urbanização da Quinta da Fonte da Prata, freguesia de Alhos Vedros.
Tipologia: T2
Preço: 1850 contos
- 18.º — 3.º andar n.º 59 do Bloco M da Rua Soeiro Pereira Gomes, Célula H 2, da Urbanização da Quinta da Fonte da Prata, freguesia de Alhos Vedros.
Tipologia: T2
Preço: 1550 contos
- 19.º — Rés-do-chão n.º 12 do Bloco A da Rua Florbela Espanca, Célula H 2, freguesia de Alhos Vedros.
Tipologia: T3
Preço: 2500 contos
- 20.º — 2.º andar n.º 16 do Bloco G da Avenida António Aleixo, Célula H 2, da Urbanização da Quinta da Fonte da Prata, freguesia de Alhos Vedros.
Tipologia: T2
Preço: 1900 contos
- 21.º — 6.º andar direito do Lote 10 da Rua José Escada, Banda H 3, na Urbanização do Vale da Amoreira, freguesia da Baixa da Banheira.
Tipologia: T3 (c/ arrec. n/ cave)
Preço: 2179 contos
- 22.º — 1.º andar n.º 18 do Bloco Z da Avenida António Aleixo, Célula H 3, da Urbanização da Quinta da Fonte da Prata, freguesia de Alhos Vedros.
Tipologia: T1
Preço: 1525 contos
- 23.º — 5.º andar direito Lote 32 da Avenida 1.º de Maio, Banda B 5, na Urbanização do Vale da Amoreira, freguesia da Baixa da Banheira.
Tipologia: T3 (c/ arrec. n/ cave)
Preço: 2100 contos
- 24.º — Rés-do-chão n.º 10 do Bloco M da Rua Soeiro Pereira Gomes, Célula H 2, da Urbanização da Quinta da Fonte da Prata, freguesia de Alhos Vedros.
Tipologia: T2
Preço: 1782 contos

- 25.º — 2.º andar n.º 15 do Bloco C da Rua Ferreira de Castro, Célula H 2, da Urbanização da Quinta da Fonte da Prata, freguesia de Alhos Vedros.
Tipologia: T3
Preço: 2300 contos
- 26.º — 1.º andar n.º 8 do Bloco D da Avenida Luís de Camões, Célula H 2, da Urbanização da Quinta da Fonte da Prata, freguesia de Alhos Vedros.
Tipologia: T2
Preço: 1700 contos
- 27.º — 1.º andar do Bloco AB da Avenida Luís de Camões, Célula H 3, da Urbanização da Quinta da Fonte da Prata, freguesia de Alhos Vedros.
Tipologia: T1
Preço: 1500 contos
- 28.º — Rés-do-chão n.º 8 do Bloco H da Rua Eça de Queirós, Célula H 2, da Urbanização da Quinta da Fonte da Prata, freguesia de Alhos Vedros.
Tipologia: T1
Preço: 1000 contos
- 29.º — 2.º andar n.º 20 do Bloco B da Avenida António Aleixo, Célula H 2, da Urbanização da Quinta da Fonte da Prata, freguesia de Alhos Vedros.
Tipologia: T1
Preço: 1200 contos
- 30.º — 1.º andar n.º 19 do Bloco H da Rua Eça de Queirós, Célula H 2, da Urbanização da Quinta da Fonte da Prata, freguesia de Alhos Vedros.
Tipologia: T4
Preço: 2300 contos
- 31.º — 3.º andar n.º 49 do Bloco A da Rua Florbela Espanca, Célula H 2, da Urbanização da Quinta da Fonte da Prata, freguesia de Alhos Vedros.
Tipologia: T2
Preço: 1800 contos
- 32.º — 2.º andar n.º 32 do Bloco AA da Rua Alves Redol, Célula H 3, da Urbanização da Quinta da Fonte da Prata, freguesia de Alhos Vedros.
Tipologia: T2
Preço: 2300 contos
- 33.º — 2.º andar direito Lote 47 da Urbanização de S. Sebastião, freguesia da Moita.
Tipologia: T3
Preço: 2300 contos
- 34.º — 1.º andar n.º 9 do Bloco D da Avenida Luís de Camões, Célula H 2, da Urbanização da Quinta da Fonte da Prata, freguesia de Alhos Vedros.
Tipologia: T1
Preço: 900 contos
- 35.º — 3.º andar n.º 63 do Bloco A da Rua Florbela Espanca, Célula H 2, da Urbanização da Quinta da Fonte da Prata, freguesia de Alhos Vedros.
Tipologia: T2
Preço: 1650 contos
- 36.º — 2.º andar esquerdo frente (ou 2.º D) do Lote I da Rua Dr. Alexandre Sequeira, freguesia da Moita.
Tipologia: T2
Preço: 1808 contos
- 37.º — 3.º andar n.º 9 do Bloco J da Avenida Luís de Camões, Célula H 2, da Urbanização da Quinta da Fonte da Prata, freguesia de Alhos Vedros.
Tipologia: T2
Preço: 2000 contos
- 38.º — 2.º andar n.º 14 do Bloco G da Avenida António Aleixo, Célula H 2, da Urbanização da Quinta da Fonte da Prata, freguesia de Alhos Vedros.
Tipologia: T2
Preço: 2010 contos
- 39.º — 2.º andar n.º 11 do Bloco D da Avenida Luís de Camões, Célula H 2, da Urbanização da Quinta da Fonte da Prata, freguesia de Alhos Vedros.
Tipologia: T1
Preço: 1300 contos
- 40.º — Rés-do-chão n.º 5 do Bloco H da Rua Eça de Queirós, Célula H 2, da Urbanização da Quinta da Fonte da Prata, freguesia de Alhos Vedros.
Tipologia: T4
Preço: 2400 contos
- 41.º — Rés-do-chão n.º 8 do Bloco V da Rua Almeida Garrett, Célula H 3, na Urbanização da Quinta da Fonte da Prata, freguesia de Alhos Vedros.
Tipologia: T1
Preço: 1236 contos
- 42.º — 2.º andar n.º 40 do Bloco A da Rua Florbela Espanca, Célula H 2, da Urbanização da Quinta da Fonte da Prata, freguesia de Alhos Vedros.
Tipologia: T2
Preço: 2085 contos
- 43.º — 6.º andar direito do Lote 4 da Avenida Almada Negreiros, Banda D 1, Urbanização do Vale da Amoreira, freguesia da Baixa da Banheira.
Tipologia: T3 (c/ arrec. n/ cave)
Preço: 2300 contos

2. — Os interessados na compra de qualquer destas habitações devem inscrever-se, dentro do prazo indicado no n.º 1 nos Serviços Municipais de Habitação (edifício dos Paços do Concelho), das 9,15 às 12,00 e das 14,00 às 15,30 horas dos dias úteis, mediante entrega de um boletim fornecido pelos mesmos Serviços, devidamente preenchido, confirmado e assinado e de documentos comprovativos dos rendimentos do agregado familiar bem como de outros que possam vir a ser exigidos nos termos legais.

3. — No acto da inscrição deverá ser depositada a quantia de 5% do preço do fogo, que será devolvida aos concorrentes não contemplados.

4. — As condições de admissão ao concurso e todos os demais requisitos, os trâmites do concurso e as regras a que o mesmo obedece constam do Programa do Concurso que deve ser consultado pelos interessados nos Serviços Municipais de Habitação nos dias e horas indicados no n.º 2. No mesmo local serão prestados todos os esclarecimentos considerados necessários.

5. — Os sorteios para a atribuição dos fogos realizar-se-ão pela ordem constante do n.º 1, no dia 25 de Junho de 1986, nos Serviços Municipais de Habitação, com início às 14,30 horas.

E para constar se lavrou o presente Edital e outros de igual teor que vão ser afixados nos locais do costume.

Moita, 8 de Maio de 1986

O PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DA MOITA
JOSÉ LUIS LOPES PEREIRA



Cunha Manuel Correia

Ciclismo: "GP" Rota da Luz

Emídio Pinto "ganhou a aposta"

O jovem (20 anos) ciclista do Sporting, Manuel Correia (primo do já credenciado Eduardo Correia) foi o vencedor do Grande Prémio Rota da Luz organizado — com rara eficiência — pelo nosso colega «O Comércio do Porto» e que teve como director da corrida o companheiro Joaquim Queirós, director de «A Gazeta dos Desportos».

No final, o jovem vencedor da prova confessava que esta teria sido «a vitória mais saborosa da sua carreira» enquanto Emídio Pinto — treinador do Sporting — adiantava: «se não tivéssemos ganho o Grande Prémio seria uma desilusão para mim, porque depois de termos feito o reconhecimento da subida de S. Macário... apostei em Manuel Correia com o aviso de que haveria a necessidade de desviar o Manuel Cunha e o Venceslau Fernandes. Manuel Correia é um jovem cheio de valor que sobe muito bem». Por seu turno Manuel Cunha — recente vencedor da Volta ao Algarve — aceitava desportivamente o triunfo do seu opositor do Sporting e fazia rasgado elogio à capacidade de Manuel Correia dizendo: «Julgo que está bem entregue o Grande Prémio».

A derradeira etapa (Viseu-Aveiro) teve por vencedor Manuel Cunha (Lousa) gastando no percurso o tempo de 3.47,06 seguindo-se o pelotão liderado pelos seus companheiros de equipa Américo Silva e Carlos Santos que gastaram mais 28 segundos.

Classificações finais: Geral individual: 1.º MANUEL CORREIA (Sporting), 15h22m15s; 2.º António Alves (Boavista), 15h22m40; 3.º Ant.º C. Araújo (Ajactio/M. Richards), 15h23m07s; 4.º F. Carvalho (Lousa/Trin./Akai), 15h23m40; 5.º Fernando Fernandes (Sporting), 15h23m43; 6.º Eduardo Correia (Sporting), 15h23m43s; 7.º José Passos (Boavista), 15h23m54s; 8.º João Paulo (Torreense/Sicasal), 15h23m59s; 9.º Manuel Zeferrino (Lousa/Trin./Akai), 15h24m18s; 10.º José S. Santos (Sang./Recer), 15h25m48; 54.º Joaquim Carvalho (G. Joalheiro), 16h31m55s.

Por equipas: 1.º BOAVISTA, 46h06m28s; 2.º Sporting, 46h06m56s; 3.º Lousa / Trin. / Akai, 46h09m39s; 4.º Sangalhos/Recer, 46h13m16s; 5.º Ajactio / Morphy Richards, 46h13m44.

Pontos: 1.º Eugénio Passos

(Boavista), 16 pontos; 2.º António Costa Araújo (Ajactio / Richards), 10; 3.º Manuel Cunha (Lousa / Trin. / Akai), 10.

Motanha: 1.º Eugénio Passos (Boavista), 22 pontos; 2.º Manuel Cunha (Lousa / Trin. / Akai), 17; 3.º Raul Matias (Tavira / Bic. Esmaltina), 10.

Cobinado: 1.º Eugénio Passos (Boavista), 16 pontos; 2.º Manuel Correia (Sporting), 20; 3.º Manuel Cunha (Lousa/Trin. / Akai), 22.

Prémio Juventude: 1.º Orlando Neves (Seleção B de Aveiro); 2.º António Araújo (Seleção A de Aveiro); 3.º Viriato Duarte (Seleção A de Aveiro).

«Giro» de Itália: Acácio no 23.º lugar

O italiano Sérgio Santimarina venceu a primeira etapa do «Giro», disputada entre Palermo e Sciacca Terme, na distância de 140 quilómetros, gastando 3 horas, 34 minutos e 35 segundos, à média de 39,145 km/hora. Com esta vitória o italiano arrebatou a «maglia rosa» ao suíço Urs Freuler, que ganhou o prólogo disputado de manhã no centro de Palermo. Na segunda posição ficou o italiano Paolo Rosola e na terceira o seu compatriota Guido Bontempo.

Na classificação geral individual, Santimarina tem 3 horas, 35 minutos e 33 segundos, seguido dos seus compatriotas Paolo Rosola a 2 segundos e Guido Bontempo a 3, e do suíço Urs Freuler a 11 segundos.

O veterano Francesco Moser está na 6.ª posição a 13 segundos, e o português Acácio da Silva encontra-se no 23.º lugar, a 16 segundos do líder.

A etapa inicial, ficou tristemente assinalada com um grave acidente (queda) sofrido pelo italiano Emilio Ravaso de 24 anos, o qual foi transportado ao Centro de Emergência de Sciacca Terme em estado de coma.

«Vuelta»

O francês Marc Gomez, da Reynolds, venceu ao «sprint» a 20.ª etapa da Volta à Espanha em bicicleta, com o tempo de 8 horas, 7 minutos e 49 segundos para os 239 quilómetros entre Puerto Real e Jerez de La Fronteira.

O espanhol Álvaro Pino, da Zor, manteve a camisola amarela como guia da classificação geral individual.

Futebol

Torneio complementar sem equipas de primeira

O torneio complementar de futebol, a iniciar domingo e que deveria incluir equipas das primeiras e segunda divisões, vai ter só a participação de 13 equipas dos escalões secundários.

O torneio, para manter as equipas em rodagem devido ao final antecipado dos campeonatos nacionais, tem quatro séries, sendo três com três equipas e a última com quatro conjuntos.

A prova terá 10 jornadas entre 18 de Maio e 21 de Junho, com as meias-finais a 28 de Junho e 6 de Julho, e a final, em campo a marcar oportunamente, no dia 13 de Julho.

Participam no torneio as equipas do Paços de Ferreira, Felgueiras e Leixões; (Série A); Espinho, Feirense e Lourosa (Série B); Académico de Viseu, Beira-Mar e União de Leiria (Série C); Juventude, Lusitano de Évora, Barreirense e Cova da Piedade (Série D).

Na primeira jornada defrontam-se no domingo Paços de Ferreira - Felgueiras, Espinho - Feirense, Académico de Viseu - Beira-Mar (nas três pri-

meiras séries) e Barreirense - Juventude de Évora e Lusitano de Évora - Cova da Piedade na Série D.

Nas meias-finais, defrontam-se na primeira «mão» os vencedores das séries «A» e «B», «D» e «C», com os encontros da segunda «mão» no dia 6 de Julho, nos campos do adversário.

Chiquinho lesionado

O futebolista brasileiro Chiquinho, do Flamengo do Rio de Janeiro, e que deve integrar a equipa do Benfica na próxima época, lesionou-se domingo no encontro com o Botafogo, para o campeonato carioca.

Chiquinho entrou aos 70 minutos, substituindo Carlinhos, e um minuto e meio depois, numa disputa de bola, sofreu uma grave lesão na perna esquerda, sendo substituído por Vinicius. Os médicos do Flamengo não revelaram ainda a gravidade da lesão do futebolista.

Torneio juvenil em Alverca

Duas equipas espanholas e quatro portuguesas vão partici-

par no segundo torneio internacional de futebol juvenil, que decorre nos dias 17 e 18 de Maio em Alverca do Ribatejo.

A prova, organizada pelo Futebol Clube de Alverca, disputa-se em quatro jornadas, tendo as seis equipas sido divididas em duas séries, cujos vencedores jogarão a final.

A série «A» é integrada pelo FC Alverca, Alhandra SC e Sevilha FC (vencedor da primeira edição do torneio) e da «B» fazem parte o Belenenses, o FC do Porto e o Sevilha Atlético.

Na primeira jornada a disputar no sábado de manhã, o FC de Alverca defronta o Sevilha FC e o Belenenses joga com o FC do Porto. À tarde, terá lugar a segunda jornada, com os jogos FC Alverca - Alhandra e Belenenses - Sevilha Atlético.

No domingo de manhã realiza-se a 3.ª jornada, que inclui as partidas Sevilha FC - Alhandra e FC Porto - Sevilha Atlético. O torneio encerra com o jogo da final, entre os vencedores das duas séries, que se seguirá às partidas para apura-

mento dos terceiro ao sexto lugares.

Portimonense na pesca

O brasileiro César (Setúbal) é desejado pelo Portimonense.

Salgueiros firma-se

Depois de ter contratado Rodolfo Reis (que salta das Antas para o comando técnico do Salgueiros) o «team» de Paranhos tem quase certas as contratações de Costa (Guimarães), Walsh e Vitoriano (Porto) e José Mário (Paços de Ferreira).

Silvinho e Renato na «agenda» de Manuel José

Depois de João Alves foi agora a vez do técnico «leoniño» Manuel José dar uma «saltada» ao Brasil para assistir a encontros que tinham por intervenientes alguns jogadores que eventualmente possam interessar para valorizar o quadro sportinguista. Entre eles encontra-se Silvinho (avançado

do Internacional) e Renato (defesa do Fluminense).

Outro zaireense para o Benfica

Depois de Tueba chegou ontem a Lisboa o internacional zaireense Nkama recomendado por Valter Ferreira, antigo jogador do Sporting e do Varzim que se encontra há algum tempo a trabalhar naquele país. Nkama é avançado, tem 26 anos e mede 1,87.

Sorteio do «nacional» já tem data

A FPF marcou para as 18,30 horas do dia 5 de Julho, no auditório da RTP, a data para o sorteio do campeonato nacional da I divisão.

Brasil: campeonato carioca...

O Botafogo venceu domingo o Flamengo por 2-1, na quarta jornada do futebol carioca da segunda volta do campeonato

do Rio de Janeiro, enquanto o Fluminense empatou no campo do Mesquita e manteve o comando da segunda volta, com 7 pontos, a um do Vasco da Gama, que venceu a Portuguesa por 2-0 mas tem menos um encontro.

O resultado do jogo de quarta-feira entre o Vasco da Gama e o Americano não está ainda decidido, em virtude da invasão do terreno por adeptos do Vasco a 15 minutos do termo da partida, e quando os visitantes venciam por 3-2.

Resultados da quarta jornada: Flamengo - Botafogo, 1-2; Mesquita - Fluminense, 1-1; Portuguesa - Vasco da Gama, 0-2; Americano - Olaria, 0-0 e Campo Grande - América, 1-1.

... E Paulista

O Santos venceu o Ferroviário por 2-1 e assumiu o comando do campeonato paulista de futebol, a uma jornada do fim da primeira volta, beneficiando da derrota da Portuguesa por 3-0 na deslocação ao Comercial.

Pedro Cordeiro e Cunha e Silva: figuras exponenciais da "Oporto Cup"

João Soares, Pedro Cordeiro e João Cunha e Silva são «cabeças de série» do torneio internacional de ténis «Oporto Cup», que se inicia amanhã no Clube de Ténis do Porto. Pedro Cordeiro, que (no domingo) garantiu a Portugal a qualificação para a 2.ª eliminatória da Taça Davis, foi o jogador mais zafado pela sorte, pois até às meias-finais vai defrontar jogadores da qualificação, que se iniciou na 2.ª feira. O quarto «cabeça de série» da prova será o suíço Jarek Srensky, convidado especial da organização.



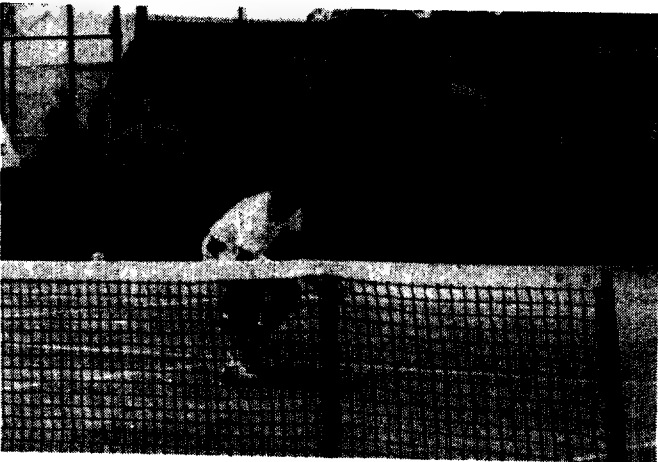
Manuel Sousa: o 4.º nacional já ganha na «Oporto Cup»

Lobo, 6-1, 6-1; Jerónimo Paulo - Luís Pinto Ribeiro, 4-6, 6-4, 6-1; paulo Coelho - Miguel Corte Real, 6-2, 6-2; Carlos Alves - Luís Damasceno, 6-3, 2-6, 6-2; José Tanqueiro - Miguel Caldas, 6-1, 6-0; Marcos

Barbosa - Gonçalo Torres, 6-1, 6-0; Francisco Gallego - Mário Alves, -5, 6-1; Rafael Reichow - Arsénio Marta, 3-6, 6-4, 6-2; Armandino Simões - Eugénio Carvalho, 6-2, 6-1; Larry Passos - A. Flores Marques, 6-4, 6-0 e José Guilherme - Rui Alegre, 6-3 e 6-1. A 2.ª jornada decorre durante o dia de hoje.

Este quadro principal ficou constituído da seguinte maneira: três jogadores com entrada directa pela classificação nacional (Pedro Cordeiro, Cunha e Silva e José Maria Santiago), três convidados pela organização a quem foram atribuídos «Wild Cards» (Nuno Marques, Alberto Miguel e Marco Seruca), seis jogadores estrangeiros, primeiras categorias dos seus países, convidados pela organização (João Soares, do Brasi.; Jean Fisette, da Bélgica; Benno Van Veggel, da Holanda; Angel Arbelló e Ernesto Vasquez, da Espanha; Jarek Srensky, da Suíça). A estes, vão juntar-se os quatro tenistas apurados da qualificação.

A «Oporto Cup», acontecimento relevante na nossa temporada tenística, prolonga-se até sábado. Planificada e organizada pelo arquitecto Jaime de Sousa, tem apoio da «Kispo», «Sogrape», TAP - Air Portugal e Porto Sheraton Hotel: só com o auxílio destas empresas seria possível (por exemplo) ter jogadores do nível de Soares, Pedro Cordeiro e Cunha e Silva nos «courts» do Clube de Ténis do Porto, competindo por prémios que ultrapassam os 1300 contos.



João Lobo: 1-6, 1-6 perante Manuel Sousa



Assembleia Municipal Vila Franca de Xira EDITAL

JOSÉ ANTÓNIO VERÍSSIMO SILVA, Presidente da Assembleia Municipal de Vila Franca de Xira, FAZ SABER, em cumprimento da deliberação tomada pela Assembleia Municipal na sua sessão de 30 de Abril de 1986, que foi definida a seguinte composição do novo Conselho Municipal:

COMISSÕES DE TRABALHADORES	
- Câmara Municipal	1
- Serviços Municipalizados	1
- Diversas	2
SINDICATOS COM DELEGAÇÃO NO CONCELHO	
COMISSÕES DE MORADORES	2
COOPERATIVAS	1
ESTRUTURAS DE SAÚDE	
- Hospital Distrital de Vila Franca de Xira	1
- Centros de Saúde Pública	1
ESTRUTURAS DE EDUCAÇÃO	
- Conselhos Directivos do Ensino Básico e Secundário	1
- Representantes dos Professores do Ensino Primário	1
- Associações de Estudantes	1
ASSOCIAÇÕES HUMANITÁRIAS	
- Bombeiros Voluntários	1
- Misericórdias	1
COLECTIVIDADES	
- Cultura e Recreio	1
- Desporto	2
ASSOCIAÇÕES DE BEM-ESTAR INFANTIL	
CERCIS	1
REFORMADOS, PENSIONISTAS E IDOSOS	1
MOVIMENTO DEMOCRÁTICO DE MULHERES	1
CASAS DO POVO	1
ASSOCIAÇÕES DE COMERCIANTES	1
ESCUTEIROS	1

Nos termos da Lei 100/84, de 29 de Março, convido os sectores e organizações acima referidos a designar os seus representantes no Conselho Municipal até 30 de Maio. A instalação do Conselho Municipal será depois efectuada, em data a anunciar, logo que a Assembleia Municipal possua os elementos necessários para o efeito.

Assembleia Municipal de Vila Franca de Xira, 5 de Maio de 1986

O Presidente da Assembleia Municipal
José António Veríssimo Silva



Tudo estava calculado "ao milímetro". Afinal...

Primeira falha: engano na corrente eléctrica impede utilização de material médico

• Carlos Manuel ressentido-se da lesão na coxa direita

Depois de alguns imprevistos (Venâncio, Veloso) e forçadas ausências de há muito calculadas (Eurico, Chalana) um toque de pouca sorte bate à porta da selecção portuguesa que se encontra no México: Carlos Manuel ressentido-se da lesão na coxa direita que o tem aborrecido durante larga fatia da temporada.

Carlos Manuel não participou ontem nos treinos em Saltillo: e foi observado graças aos equipamentos clínicos mexicanos postos à disposição da equipa portuguesa. O dr. Camacho Vieira (médico-chefe da selecção) disse que Carlos Manuel, que logo no 1.º treino foi notado pela sua pouca actividade, está já a ser tratado, esperando-se que dentro de dois dias tudo esteja resolvido.

As cicatrizes de antigas roturas musculares na coxa direita, que poderão vir a dessencadear uma lesão mais séria, levaram ao afastamento do médio do Benfica do treino de ontem feito pelos «infantes», limitando-se a fazer exercícios adequados à sua condição. De qualquer modo, foi necessário recorrer aos serviços clínicos mexicanos, colocados à disposição da selecção portuguesa, porque (de Portugal, ainda não chegaram a Saltillo os equipamentos médicos necessários para o tipo de lesão de Carlos Manuel. Esta deficiência parece ficar a dever-se a um problema de electricidade: é que, em Lisboa, terá sido esquecido, até às vésperas da partida, que a corrente eléctrica no México é de 110 «volts» e não de 220 «volts».

Entretanto, José Torres modificou a constituição das linhas para um jogo entre «infantes» brancos e «infantes» em tronco nu. O

preparador físico Monge da Silva, que não poupou os «infantes» no primeiro dia de estágio «a sério», disse que Torres fez alinhar equipas mais estruturadas, tendo em vista o onze-base para o «mundial» que se inicia a 31 do corrente. Dada a lesão de Carlos Manuel, as equipas alinharam apenas com 10 elementos. Os brancos: Bento, João Pinto, Morato, Frederico, Inácio, Diamantino, Jaime Pacheco, Futre, Sousa e Gomes. Os outros: Damas (Jorge), Bandeirinha, José António, Sobrinho, Álvaro, Oliveira, Jaime Magalhães, Ribeiro, André e Rui Águas.

Futre esteve em grande plano no jogo de cerca de uma hora e no final, viu-se rodeado por jornalistas de Monterrey e Saltillo, que seguem atentamente a preparação da equipa portuguesa. Jornalistas e muita segurança foram os principais espectadores do treino: e Saltillo parece uma cidade que tenta deixar de ser um pequeno nome no mapa para ganhar a sua carta de alforria graças à estadia dos «infantes».



Futre: espectáculo já no primeiro treino.

Primeiro treino

Os «Infantes» defrontaram-se no piso um pouco irregular de um novo complexo desportivo, pertencente ao Sindicato dos Professores de Saltillo, e situado a 2 quilómetros do Hotel La Torre, sede da equipa portuguesa. Um cartaz saudando a presença da selecção, e desejando-lhe sorte no campeonato, aguardava junto ao relvado a comitiva nacional.

Após 20 minutos iniciais de aquecimento, fez-se uma «peladilha»: sem guarda-redes e só com golos de cabeça válidos. Depois, já com guarda-redes e golos de pés e de cabeça, golearam os «brancos». Avultaram os bons tentos marcados por Gomes, as boas indicações do «infante» de última hora (Bandeirinha), a aplicação e rendimento de Diamantino, Álvaro, Ribeiro e Jaime Pacheco.

Apesar de o dia ser ainda de recuperação da desgastante viagem para o México, e o horário completo desta primeira semana de preparação só hoje se ter iniciado, José Torres não poupou os jogadores a 50 minutos de

jogo, por vezes com fases bem disputadas.

Marcaram: Gomes (3 vezes), Ribeiro, Álvaro e Rui Águas para os «brancos». No jogo seguinte marcaram Gomes (3), Álvaro, Ribeiro, Jaime Pacheco e Bandeirinha para os «verdes», e Rui Águas (2) e Futre para os «brancos».



O «show» da segurança

A deslocação para o campo de treino foi novo «show» da segurança mexicana: o autocarro da selecção foi escoltado por quatro carros, dois dos quais da Polícia (cheios de agentes fardados e à paisana) que durante todo o treino se postaram vigilantes nas imediações do recinto. Amândio de Carvalho (coordenador da selecção) revelou que nenhum elemento da comitiva oficial pode abandonar La Torre sem ser em grupo devendo avisar os responsáveis pela segurança

com 24 horas de antecedência.

Uma boa notícia para a selecção será a chegada, prevista para hoje da encomenda de 120 quilos de bacalhau e de vinho português além de outros ingredientes para adaptar melhor a alimentação aos costumes lusitanos. Álvaro Evaristo (supervisor da alimentação) mostra-se razoavelmente satisfeito e não obstante as deficiências técnicas na cozinha do hotel e de dispor apenas de um cozinheiro local. Por isso, tem ele tido praticamente de cozinhar tudo, procurando com os condimentos mexicanos dar um paladar português à comida dos «infantes».

Horário de trabalho

A partir de agora a selecção tem o seu horário definido para a primeira semana de preparação em Saltillo. Levantar às 08.45, treinar das 10 às 12 horas, contactos com a Imprensa entre as 14 e as 15 e das 21 às 22, treino entre as 15 e as 17, e recolher às 23 e 30. O esquema aplica-se a esta primeira semana, porque na próxima haverá treinos mais intensos tanto em Saltillo como em Monterrey (a 80 quilómetros de distância).

Espera-se que durante o dia de hoje fiquem confirmados os quatro jogos-treino solicitados pela selecção portuguesa às equipas locais. As datas desejadas por Torres são os dias 19, 22, 25 e 28 e os encontros devem realizar-se no Estádio do Clube Nuevo, em Monterrey.

Vão ser três semanas de treinos diários e cada vez mais a sério, porque (como diz Torres) «tirar a bola a um jogador, é como tirar um rebuçado a uma criança».

O relvado onde a equipa treina um autêntico oásis no meio do sol árido do México, fica situado à beira de uma estrada solitária, tendo a segurança cortado o tráfego e instalado uma barreira, onde é obrigatória a identidade para a livre circulação.

Bento, Morato, e outros jogadores tiveram (por várias vezes) de atravessar a estrada para irem buscar a bola perdida como se fossem miúdos que estavam a jogar à bola na rua.

«O, Bento, vê lá se és atropelado», disse um jogador ao guarda da selecção nacional.

A selecção portuguesa efectuou o treino cerca das 17 horas locais (meia-noite em Portugal), debaixo de uma temperatura de 30 graus.

É sensacional a boa disposição de Carlos Manuel e Jaime

Pacheco. O benfiquista tem sido um autêntico «artista» contribuindo para a alegria dos «infantes». Ontem, no treino, quando Jorge Martins chutou para fora uma bola, Carlos Manuel logo se apressou a ironizar: «oh Jorge, olha lá a altitude!»

A lesão de Carlos Manuel

O centro-campista da Luz limitou-se a fazer exercícios de alongamento e «endurance», sob a orientação de Monge da Silva. Carlos Manuel diz que sentiu fortes dores no final da breve sessão de preparação física. Estava bem no início, mas na parte final senti fortes dores mas penso que a lesão não é preocupante.

O dr. Camacho Vieira revela que se trata de uma sequela na região da coxa direita, com um nódulo fribozo. Segundo o dr. Camacho Vieira, não foi detectada qualquer inflamação ou sinais de rotura. Carlos Manuel já foi observado por um fisioterapeuta de Saltillo.



Para passar tempo

As diversões não abundam no Motel La Torre e os únicos atractivos dos jogadores são apanhar banhos de sol na piscina e jogar xadrez, damas e dominó. O seleccionador José Torres tem sido, um entusiasta do dominó, passando, varias horas a jogar com o seu adjunto Jaime Graça e com Monge da Silva.

Aos pares

Manteve-se a sã rivalidade de distribuir jogadores de clubes diferentes no mesmo quarto no La Torre. Os dois veteranos guarda-redes da selecção nacional (Bento e Damas) ficaram no mesmo quarto e na divisão dos alojamentos a rivalidade fez questão de colocar ainda jogadores do FC Porto com o Sporting e Benfica. A divisão dos quartos ficam assim distribuída: Futre e Sousa, Gomes e Rui Águas, Bento e Damas, Diamantino e Ribeiro, Oliveira e João Pinto, Carlos Manuel e Frederico, José António e Jaime Magalhães, Sobrinho e Álvaro, Jaime Pacheco e André, Inácio e Morato, Bandeirinha e Jorge Martins.

Os restantes membros da comitiva portuguesa estão instalados em quartos individuais.

Saltillo: segurança a sete chaves

A segurança no interior do complexo turístico La Torre ultrapassa as raias da imaginação, dado o elevado número de agentes naquelas funções. Em cada canteiro, esquina, fonte ou acesso ao motel há sempre um membro da segurança.

Mesmo junto às habitações onde estão instalados os jornalistas há grupos de membros de segurança que vigiam as entradas e saídas 24 horas por dia. De noite, é frequente verem-se carros da segurança a circular pelas ruas internas do complexo turístico, para se certificarem que tudo está em ordem.

O maior aparato de vigilância situa-se à entrada da torre do motel, onde funcionam os serviços do complexo, sendo sempre visíveis várias viaturas e polícias armados de pistola à cintura. As saídas individuais dos jogadores não são permitidas, havendo no portão do motel um cordão policial que controla as entradas e saídas.

Papinha para eles

Entrecoste grelhado com batatas fritas foi o prato principal da 1.ª refeição da selecção portuguesa. Mas, ao jantar, os «infantes» tiveram robalo grelhado e espetadas mistas, tendo o cozinheiro Álvaro Evaristo afirmado que o almoço de hoje será cabrito assado, antecedido por

uma canja e, para o jantar, estão programados filetes «au maeunier».

O cozinheiro, natural de Monção (Minho) critica ter apenas um cozinheiro às suas ordens para preparar as refeições dos atletas, tendo sido necessário recrutar várias auxiliares entre as empregadas do motel para as tarefas da cozinha. Segundo o cozinheiro, o bacalhau, o azeite, o vinho, as águas de mesa e os temperos embarcados em Portugal, só hoje devem chegar ao Motel La Torre, junto com o grosso dos equipamentos da selecção, numa carga que ronda os 300 quilos. Álvaro Evaristo está à espera de 225 quilos de bacalhau, 80 litros de azeite, seis quilos de alho, condimentos vários, 100 caixas de vinho e muitos litros de água de mesa, incluindo a mineral.

Inglese com a gente

Os jornalistas ingleses vão ocupar a única torre do motel onde está a equipa portuguesa (em Saltillo), para as suas telecomunicações. Os repórteres ingleses terão linhas telefónicas directas e um aperfeiçoado sistema de comunicação, para transmissão das notícias sobre o «mundial».

A chegada da selecção inglesa está prevista para o dia 24.



Carlos Manuel: coxa direita é problema Amândio de Carvalho, «só sair em grupo».

México digest

Os 22 futebolistas da selecção belga estão aptos a jogar em elevadas altitudes revelaram hoje os médicos da equipa, durante a preparação, na estância de esqui, em Ovronnaz (Suíça). «Após o primeiro dia a equipa mostrou-se exausta e avaliámos em 20 por cento o seu défice energético», disse o médico Walter Redant que, posteriormente, reconheceu uma rápida adaptação às novas condições de trabalho.

O «capitão» e guarda-redes da selecção uruguaia de futebol, Rodolfo Rodriguez, reuniu-se hoje (na Colômbia) à delegação do seu país, que ali se prepara para o «mundial». Rodriguez, sujeito a intervenção cirúrgica à algumas semanas, viajou para a Colômbia junto com diversas mulheres e filhos de jogadores uruguaus.

Os futebolistas dinamarqueses seleccionados para o «mundial» reuniram-se hoje pela 1.ª vez, a cinco dias da partida para o México. Doze dos 22 futebolistas dinamarqueses escolhidos actuam em clubes estrangeiros e só agora puderam juntar-se aos colegas.

Enzo Bearzot, técnico da selecção italiana de futebol, mantém a esperança no eventual renascimento da «vedeta» Paolo Rossi, depois da sua fraca exibição no jogo de preparação com a China. Rosi, o «autor» da conquista do título mundial pela Itália (há quatro anos, em Espanha) jogou apenas na 1.ª parte e nenhum dos golos da sua equipa (2-0) foi marcado pela «estrela» italiana. Comentaristas consideraram que Rossi deu fraca indicação de que poderá regressar aos tempos de excelente goleador; mas, Bearzot mantém-se firme e espera de Rossi uma conquista semelhante (de seis



golos) com que a Itália arrebatou a Taça do Mundo em Madrid.

Três dos árbitros convocados para o México participaram num jogo promovido pelo Partido Revolucionário Institucional (PRI), actualmente no governo. O japonês Takada foi o árbitro do encontro entre o America JV e uma equipa de funcionários de um departamento do Estado. Al Shannar (Arábia Saudita) e Ramirez Marquez (México) foram os juizes de linha. Apesar da distância que separa o Japão do México, Takada foi o primeiro árbitro a chegar à capital mexicana para o «mundial».

A Argentina venceu a equipa de reserva do clube mexicano America (da 1.ª divisão) por 3-1, em jogo de preparação para o «mundial». Jorge Valdano marcou dois tentos e o 3.º pertenceu à «vedeta» argentina Diego Maradona, perante uma equipa em que a idade média ronda os 18 anos. O jogo foi disputado apenas durante 80 minutos e o domínio pertenceu até ao fim aos argentinos, que (no entanto) demonstraram não possuir uma defesa consistente.

A selecção de Marrocos, adversária de Portugal, sofreu hoje três baixas por lesão, no estágio que está a efectuar em Monterrey, disse o prepa-

rador-físico Iorvan Vieira. Os lesionados são o «capitão» Nouredine Bouya Aquiu, o defesa Farei e o guarda-redes Badou Ezani. Os dois primeiros têm lesões no tornozelo e Ezani tem problemas com uma perna.

Eduard Mahofeyev, o técnico que conduziu a União Soviética à fase final do «mundial» foi substituído no seu cargo, apenas a três semanas do início da competição. Valery Iobanovsny, treinador do Dynamo de Kiev (clube vencedor da Taça das Taças) assumiu o comando da selecção.

Despedimentos em massa numa fundição e graves distúrbios de estudantes podem afectar a tranquilidade do «F», do «mundial», em Monterrey. A televisão mexicana deu imagens do dramático encerramento de uma fundição (em Monterrey) que deixa milhares de operários sem trabalho, tendo apenas um mês de salário como indemnização. A fundição contava 86 anos de existência e era a siderurgia mais antiga da América Latina. O governador Jorge Trevino prometeu intervir: mas, a verdade é que os conflitos sociais no México podem minar a harmonia e a paz que se deseja para a competição futebolística.

Em São Luís Potosi (a cerca de 200 quilómetros de Monterrey) houve graves distúrbios de estudantes da Universidade local, tendo os confrontos com a polícia resultado em dois mortos e oito feridos, à bala.

O «mundial» poderá também ser aproveitado pelas classes mais desfavorecidas e pela oposição governamental para a realização de uma série de manifestações contra a crise económica.

Palpite: melhor ataque será jogar à defesa?

Neves de Sousa

Sem qualquer ousadia, desprezando aventuras na incógnita e, simplesmente, acorrendo aos símbolos mais cotados para aí pascar os nomes mais à mão, José Torres acabou por trazer à praça pública 22 nomes onde não existe um menor traço de ousadias: tanto na escolha-selecção, como nas tarefas que (à priori) parecem destinadas a trabalho no México.

De facto, a menos que o responsável pelo «onze» das quinas já fique satisfeito com empates sem golos, fica no ar a sugestão que todo o seu bloco tem pendor defensivo, restando Gomes e Rui Águas para uma ofensiva directa, dando já de barato que Jaime Magalhães (no flanco direito) ou Ribeiro (pela canhotia) será chão que poucas uvas dará: com um meio-campo basicamente forte (Carlos Manuel, Jaime Pacheco, André, Sousa ou Diamantino e Futre, que mais se poderá esperar que um bólide saído da improvisação de Carlos Manuel, uma grande penalidade cobrada na perfeição por André, um relâmpago saído do pé-canhão de Sousa e, por que Jaime Pacheco é exclusivamente um planificador, de régua e compasso, ficará sobrando para a iniciativa de Diamantino ou para a fulgurância espantosa de Paulo Futre um ou outro golito que possa encher de júbilo uma rapaziada quase apenas entregue à tarefa de defender, polvilhar o centro do reduto e confiar que, lá para a frente, junto à ponte levadiça contrária, o ainda «bota de ouro» ou o mano de Lena d'Água consigam rasgar o cimento.

Todavia, e sempre lembrando a incompreensão geral de um país absorto ante o ostracismo a que foi votado o atirador-mor do campeonato (Manuel Fernandes), mesmo ultrapassando situações de apelo que se justificavam, a figuras que ficam fazendo cruzeiros na boca assistindo ao embarque de unidades potencialmente menos aptas (fica Samuel, viaja Oliveira), é forçoso que, neste momento, se sinta como de todos os portugueses o grupo escolhido por José Torres, deixando para segundas núpcias críticas ou azedumes, ainda que custe muito a engolir a falta de confiança na obtenção de golos e, pelo contrário, o estandarte do pequeno exército pareça fadado para fazer pender sobre o extremo reduto toda a luta por pontos e contos.

Se os guarda-redes de primeira fila não estão tocados por qualquer sombra de crítica (Bento e Damas continuam ímpares) já fica no ar a dúvida que definiu o belenense Jorge Martins como membro do triunvirato. O portimonense Vital, Alfredo ou Madureira não mereceriam esse incentivo, a aprendizagem e o retoque junto dos mestres da baliza?

É um ponto de vista, pois claro nada mais que isso, porque, se dúvidas residissem em torno da reconquista do trono por parte de João Pinto, aí estava o sector clínico (dr. Camacho Vieira e massagista João Silva) a proclamar que

«nunca o portista esteve tão bem»: e, todavia, emerge de uma doença que pode deixar marcas e de uma convalescença que nem sequer mereceu de Artur Jorge honras de pequeno teste na fogueira do «Nacional».

Ausente forçado o grande patrão da linha de «backs» é forçoso fingir que não temos ainda Eurico a procurar sucessor: na esperançosa juventude de Morato ou no traquejo de Frederico? Aí outra incógnita palpitando, pois se o sportinguista ombreia com o belenense José António no desempenho do lugar de «líbero», talvez o encargo de marcar directamente um contrário possa sobre para Sobrinho, emérito nesse papel do jogo. Então, com a faculdade de utilizar Bandeirinha numa tarefa mais defensiva ou João Pinto quando for necessário descer frequentemente pela ala direita, está resolvida uma das faces da questão, guardando-se Inácio ou Álvaro para a esquerda. Igualmente quando as circunstâncias o recomendarem: portista ante parceiros astutos, e benfiquista em duelos onde a sua impulsividade e juventude possam ser preciosas armas na conjugação com Futre. E, aqui, convém recordar que boa dose do brilho de Chalana no «Europeu» tricolor teve como base o mérito do lourinho que nasceu para «estrela» nos «Cracks de Lamego».

Enfim: é evidente que em cada um de nós, personagens de bancada, mora um espírito seleccionador e que cada cabeça terá sua sentença no mesmo tribunal. Acredita-se (perfeita e respeitavelmente) que a nossa embaixada no México poderá conseguir revalidar história bem antiga, o que seria óptimo e reconfortante para um país onde apenas as proezas desportivas conseguem servir de lenitivo para mil desilusões. Todavia, sem se embaixar em arco (bem longe disso) igualmente se avança para o desconhecido com pedra no sapato: se (como dizem velhas escrituras) «a melhor defesa é o ataque», que frente vanguardista teremos para oferecer, por exemplo, a uma defesa britânica que não põe pé em ramo verde quando o couro cai, em chuveirinho, nas suas dezoito jardas? É forçoso, portanto, que se encontrem soluções para o estilo de diversas combinações possíveis: e, verdade, muito a sério, não acreditamos que, depois de tanto tempo desbaratado e de nos exames prévios ter sido sempre alterada a estrutura do edifício (perante Luxemburgo, Finlândia e RDA nunca alinhou o mesmo «onze») se consiga testar convenientemente a nossa gente nos jogos particulares previstos em cidades mexicanas, com «teams» de segunda apanha.

No futebol, como em larga fatia do nosso historial, continuamos de passo incerto, ao Deus dará. Prouvera que uma benesse celestial abençoasse Torres e seus «muchache»: pelo menos até novo «Mundial», um Portugal inteiro viveria em carnaval. Tem sido sempre assim, depois de qualquer conquista: o pior é quando toca a pagar a factura da festa.



Pausa antes do treino: Jaime Pacheco, Sousa, João Pinto, Torres e os massagistas Cotovio e Helder

TERÇA-FEIRA, 13 DE MAIO DE 1986

Diário de Lisboa

17

Festival de Cinema do Algarve começa este mês

Setenta filmes oriundos de vinte países vão estar presentes na 15.ª edição do Festival Internacional de Cinema do Algarve, que irá decorrer de 21 a 25 deste mês em diversas localidades da região.

Duas equipas móveis de projecção cumprirão no decorrer do certame um vasto programa de sessões de divulgação de cinema em colectividades de recreio e escolas, em Portimão, Praia da Rocha, Lagos, Silves, Faro, Monchique e Olhão.

O festival abrange as secções de animação, documentário e ficção, onde vão estar em disputa vários prémios.

Dois galardões especiais serão também atribuídos ao melhor filme sobre o Algarve e à melhor obra realizada por um cineasta português.

No âmbito do festival, irá realizar-se um ciclo destinado exclusivamente ao cinema português, onde será prestada homenagem ao cineasta Vasco Pinto Leite.

Paralelamente ao certame, serão também inauguradas várias exposições de fotografia e pintura.

O Festival Internacional de Cinema do Algarve conta com o apoio de diversas entidades privadas e oficiais portuguesas e estrangeiras nomeadamente câmaras municipais, Ministério da Cultura, Instituto Português de Cinema, e «Federation Internationale du Cinema Super».

TRIBUNAL JUDICIAL DO SEIXAL ANÚNCIO

Pela 1.ª secção do 1.º Juízo do Tribunal Judicial da Comarca do Seixal, nos Autos de Acção Especial de Despejo n.º 21/86 movida pelo Autor Adelino César, casado, serralleiro, residente na Rua Feliciano de Sousa, 119 - 3.º esq. em Lisboa, contra o Réu EURICO GIL NETO TAVARES, pedreiro, residente em parte incerta, com última residência conhecida na Rua Vasco da Gama, 64 em Vale de Milhagos - Corroios - Seixal, é este Réu citado para comparecer neste Tribunal, no dia vinte e sete do próximo mês de Maio, pelas 11,30 horas, a fim de intervir na tentativa de conciliação a realizar nos Autos acima indicados, podendo fazer-se representar por procurador com poderes especiais para transigir. O Duplicado da petição inicial fica à disposição do Réu na Secretaria Judicial deste Tribunal. No caso da tentativa de conciliação se frustrar deverá o réu contestar a Acção no prazo de DEZ DIAS, a contar da data da tentativa, e decorrido o prazo de TRINTA DIAS dos editos e a falta de contestação importa a condenação no pedido que consiste no despejo do prédio urbano, sito em Vale de Milhagos - Rua Vasco da Gama, 64, freguesia de Corroios, Concelho do Seixal, inscrito na matriz predial respectiva sob o art.º 2664, pelo motivo de falta de habitação permanente.

Seixal, 30 de Abril de 1986

O Juiz de Direito Auxiliar; (Legível)

O Escrivão de Direito; (Legível)

D.L. 13/5/86 - 1.ª Pub.

Com filmografia apresentada na Cinemateca

Luís Berlanga ganha prémio de cinema espanhol

O realizador cinematográfico espanhol Luís Miguel Berlanga foi galardoado em Oviedo com o prémio «Príncipe das Astúrias» de Belas-Artes.

Luís Berlanga, de 64 anos, recebeu a notícia da atribuição do prémio, em Lisboa, onde está a decorrer, na Cinemateca, um ciclo sobre a sua filmografia.

Incluído numa retrospectiva do Cinema Espanhol, o ciclo «Berlanga» apresenta pela primeira vez todos os filmes do cineasta, à excepção de um «Los Jueves Milagros», por não ter sido possível encontrar uma cópia do filme.

Em declarações à Anop, Berlanga disse que a atribuição do prémio constitui «uma surpresa total», pois o seu nome não apareceu entre os das personalidades indicadas para a atribuição do galardão.

«Estava convencido de que na edição deste ano não seria distinguido ninguém do mundo do cinema», disse Luís Berlanga, afirmando-se satisfeito por ter recebido um prémio que, embora «jovem goza de muito prestígio em Espanha».

Berlanga, que foi membro do júri de atribuição do prémio «Príncipe das Astúrias» disse ter assistido a «discussões muito sérias, às vezes ferozes e nada manipuladas».

«Como cineasta e espanhol, sinto-me muito lisonjeado em poder dar um contributo para a cultura hispano-americana e para a divulgação desta cultura a nível mundial e até cósmico», disse Berlanga. «Devo, no entanto, reconhecer que sinto alguma má-consciência porque sou um homem que sempre defendeu a interpretação do cinema como fenómeno industrial e não cultural».

«Cheguei a defender que nós, como profissionais do cinema, deveríamos depender do Minis-

tério da Indústria ou do Comércio e não da Cultura» — disse.

Para Berlanga, o cinema continua a ser essencialmente espectáculo, o que não impede que o fenómeno cultural «possa vir ao de cima em determinadas películas».

«O bom cinema deve financiar-se a si próprio e não depender de subsídios e protecções oficiais ou institucionais. Aos cineastas da minha geração acontece-nos uma coisa curiosa: no tempo do franquismo não podíamos expressar-nos como queríamos porque existia a censura pelo que tínhamos uma indústria cinematográfica que nos proporcionava apoios económicos», afirmou o cineasta espanhol.

«Agora deixou de existir a censura, mas também não podemos fazer tudo o que gostaríamos por falta de meios, por falta de uma indústria espanhola de cinema dotada de meios cada vez mais importantes que são precisos», acrescentou.

Considerando a dicotomia entre o cinema comercial e os outros tipos de cinema «uma total falsidade ou uma perversão», Berlanga disse não acreditar que alguém faça um filme sem estar intimamente convencido que vai ter um êxito retumbante, e o «êxito mede-se pela bilheteira».

Para Luís Berlanga, o único aspecto negativo da atribuição do prémio é a necessidade do contacto com o público que «é sempre difícil».

«Em criança tinha um fascínio enorme por um filme que se chamava «O Homem Invisível» e durante anos pensei sobre a maneira de me tornar invisível. Mais tarde numa visão de adulto descobri que a minha preocupação era a procura de uma identidade totalmente átona, para poder ficar no anonimato permanente, não em relação a uma

popularidade que então não chegava a sonhar ter um dia, mas em relação à realidade mais quotidiana» — justificou o cineasta espanhol.

Interrogado pela Anop sobre se se considera um clássico do cinema espanhol, Berlanga disse: «isto de clássico confunde-se com a veteranaria. Hoje em dia chama-se clássico ao mestre, a um homem que conseguiu sobreviver no ofício por um tempo determinado».

«Quando jovens colegas me chamam mestre, penso sempre que o fazem com uma grande dose de ironia e pessoalmente experimento uma mistura de irritação e troça», acrescentou.

Sobre a evolução do cinema espanhol, Luís Berlanga afirmou que «está como sempre».

«Fazem-se aproximadamente o mesmo número de filmes, com a mesma proporção de obras boas, regulares e algumas absolutamente distorcidas», disse.

O realizador espanhol Fernando Trueba, que está em Portugal a proceder à realização de um filme na zona de Ponte de Lima disse à Anop que Berlanga é «o maior realizador espanhol vivo, apesar de alguns considerarem que as suas últimas películas não têm a força das anteriores».

Fernando Trueba disse que Luís Miguel Berlanga continua a trabalhar muito bem e que o seu último filme «La Vaquia» — que a Cinemateca Nacional apresentou no sábado — «merece totalmente o bom acolhimento que o público espanhol lhe deu».

«Apesar da crítica e sem pretender ofender Carlos Saura, o filme «O Verdugo», de Luís Berlanga, é ainda o maior filme espanhol de todos os tempos, bem como o «El Perfido», disse.



«A revolta das Palavras» do grupo francês «33»

SITU/BUC em Coimbra Gélidos polacos

Espectáculo no Teatro Gil Vicente, aliás, com a sala reduzida por exigências da visão do espectáculo. Público nitidamente interessado. É que o grupo «Scena Plastyczna», da Universidade Católica de Lublin (Polónia) provocou em 84 uma impressão muito forte, como aqui relatámos então, ao apresentar o espectáculo «Herbário», de Leszek Mazik, vinte minutos criativamente explosivos, duma perfeição que raramente se vê.

Desta vez o grupo polaco trouxe a SITU um espectáculo intitulado «Humidade», também com texto e encenação de Leszek Madzik.

Este espectáculo amplia, aprofunda, leva mais longe a proposta anterior. Trata-se de representar cada vez menos, melhor, de eliminar o conceito de representação, substituído pelo jogo de objectos, de luz, de música, de actores coisificados. Numa linha que tem a ver, como é dito no programa, com a teoria de Gordon Craig do actor-marioneta (o que aliás se presta à discussão).

No espectáculo anterior era ainda visível um rastro de vitalidade: havia luz quente e cores amáveis, os actores tinham ainda, no sofrimento a que eram submetidos, uma presença humana. Neste espectáculo, pelo contrário, há apenas elementos residuais, espectrais; a luz, quase nada, tornou-se fria; o negro e o cinzento dominam.

O teatro como função comunicativa, como sistema de signos, praticamente desapareceu,

substituído por formas de um mundo mineral, pelo cenário de uma inquisição de plástico; há a luz e a água, corpos e bonecos, corpos que são bonecos, bonecos, que são bonecos. Apagaram-se as fronteiras entre os seres e as coisas, entre o Ser e o Nada.

Vemos, sem claramente os distinguir, corpos e formas que passam por um espaço indistinto, enquanto, insistente, a música preenche obsessivamente o vazio. Rostos, braços e mãos; pernas e pés de enforcados; depois a repetição em forma de objectos; ondas de um lago invisível; nuvens de um céu sem forma. Durante quarenta minutos. Quarenta minutos de uma visão teatral, sem teatrelidade, da Morte.

É então que de súbito a música deixa de se ouvir. Nesse silêncio, o som dos pingos de água que escorrem dos cabelos e do corpo de uma actriz dependurada de um baloiço, esse som transforma-se em qualquer coisa de terrível.

É com alívio que saímos da sala. Mesmo sem Sol, a Praça da República é o real palpável e sobretudo saudável. Onde a esperança é ainda possível.

Escreve-se no programa que «humidade» é «aquilo que resta de um homem de dentro de uma lavagem ao cérebro, no sentido coloquial da palavra». Pergunto (-me) se o espectáculo não pretende fazer essa lavagem ao cérebro do pobre espectador desarmado, e ainda por cima espantado com tanta perfeição técnica?

Bolshoi pela primeira vez no Brasil

A Companhia de Bailado do Teatro Bolshoi, de Moscovo, estreou-se quarta-feira no Teatro Nacional de Brasília.

Foi a primeira vez, na sua história de quase dois séculos, que tal companhia se apresentou no Brasil, onde agora actuará

não só em Brasília mas também em Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Recife.

O Bolshoi deslocou-se a território brasileiro com 200 pessoas e mais de 80 toneladas de equipamento cénico.

O principal bailado que tem a apresentar durante esta digressão é «O Lago dos Cisnes».

Há alguns anos, durante o regime militar, a Companhia do Bolshoi fora impedida pela censura federal de ir ao Brasil.

Sindicato dos Músicos protesta contra RTP

O Sindicato dos Músicos qualificou de «afronta aos músicos portugueses» a decisão da RTP de entregar a um músico inglês «a responsabilidade de orquestrar e dirigir» a canção concorrente ao Festival Eurovisão da Canção deste ano.

A acusação é feita em telegrama enviado ao conselho de

gerência da RTP pela direcção do sindicato.

Para a direcção, que recorda ter a Radiotevisão, durante dois anos, realizado o Festival da Canção «sem músicos», a designação de Colin Frechter, a músico em causa, foi uma decisão «inútil e desnecessária».

No mesmo telegrama, o sin-

dicato reclama, dos responsáveis da Radiotevisão Portuguesa, «uma imediata mudança de atitude face aos nossos valores culturais».

Inquirida pela Anop sobre o assunto, a administração da RTP informou que recebera efectivamente o telegrama mas não tinha «nada a declarar».

Salão Internacional de Arte Fotográfica do Algarve

Os portugueses Eduardo Gageiro, Diogo Margarido e Avelino Marques, bem como o austríaco Willy Hengl e o belga Freddy Mary, constituem o júri da edição deste ano do Salão Internacional de Arte Fotográfica do Algarve.

Alguns dos trabalhos concorrentes, incluídos nas secções de cor, preto e branco e diapositivo, começaram já a chegar de todo o mundo, estando prevista a participação de mais de quatro mil fotógrafos profissionais e amadores dos cinco continentes.

Segundo revelou, em Faro, um responsável pela organiza-

ção durante a apresentação desta iniciativa do Rocal Clube de Silves, a maior parte dos concorrentes são europeus, sobretudo belgas e franceses, registando-se também um aumento de participações provenientes de países americanos.

O mesmo responsável disse ainda serem «raros os fotógrafos brasileiros que concorrem a este salão, apesar de todos os laços que ligam Portugal ao Brasil».

Referindo-se aos custos da organização deste certame, aquele responsável referiu que só no envio de regulamentos e fichas de inscrição «para os quatro cantos do mundo» são gastos cerca de três mil contos.

Tomás Taveira inaugurou exposição no Porto

Efectuou-se no passado dia 9, às 21.30 a inauguração de uma Exposição sobre Arquitectura, Desenhos e objectos do arquitecto Tomás Taveira na Galeria Árvore, no Porto.

Esta exposição que integra alguns dos últimos trabalhos deste arquitecto está a despertar grande interesse e curiosidade nos meios intelectuais do Porto, onde o tipo de arquitectura e de ensino, desenvolvido nos últimos anos tem sido bastante diferente do de Lisboa, podendo agora sem receio de erro dizer-se que são duas Escolas Estéticas opostas, tendo como representantes máximos: Tomás Taveira no sul e Siza Vieira no Norte.

Com esta exposição, Tomás Taveira procura ultrapassar as contradições de uma arquitectura ainda ligada ao ambiente cultural do fim dos anos 70, inserindo as suas novas invenções num universo inteiramente novo, cujo ponto de viragem é sem dúvida o BNU, sede do Banco Nacional Ultramarino, em Lisboa e a Escola de Formação Profissional de Faro.

Esta exposição seguirá depois para o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, onde será apresentada no fim de Setembro e princípios de Outubro estando a ser agendada para o Museu de Arte Moderna de S. Paulo, Brasília e Curitiba.

Presentes à inauguração, o governador civil do Porto e o presidente da Câmara do Porto, assim como a grande maioria das pessoas ligadas à cultura, ao mundo dos negócios e à banca.

Até quinta-feira em Lisboa

4.º Simpósio Internacional de Arquitectura

A Faculdade de Arquitectura de Lisboa organiza anualmente um Simpósio Internacional de Arquitectura, o qual vai já no seu 4.º ano de realização.

Este ano tem lugar de 12 a 15 de Maio no anfiteatro da Faculdade de Arquitectura, situado no Largo da Academia de Belas Artes (antigo Largo da Biblioteca Pública). As sessões serão diárias e terão o seu início às 9 horas e trinta minutos.

Este simpósio, organizado sempre sob a coordenação do prof. arq. Tomás Taveira, tem já uma certa tradição cultural tanto na Europa como nos Estados Unidos da América, tendo participado nele alguns dos mais prestigiados nomes da arquitectura e do design mundial, tais como: Charles Jencks, Stephen Kieran, Rob Krier, Maurice Culot, Michael Graves, Peter Eisenman, Alessandro Mendini, Franco Purini, David Morton e Pierluigi Nicolini.

O Simpósio deste ano é dedicado à Informação sobre a Arquitectura. (Formação do Gosto e Descoberta de Novos Talentos).

São intervenientes activos no



Simpósio:

1. Peter Davey, arquitecto que é o editor da revista inglesa «Architectural Review», responsável por uma parte muito significativa da informação mundial sobre a cultura arquitectónica.

2. Andreas Papadakis, «doctor» que é o editor da revista inglesa «Architectural Design» que tem tido um papel primordial na divulgação da arquitectura post moderna e neomoderna e ainda na divulgação da teoria da arquitectura.

3. Sharon Lee Ryder, publicista, antigo editor da mais significativa revista americana de design, «Metropolis», após ter passado pela «Progressive Ar-

chitecture», e sendo no momento presente a editora da parte de Arquitectura, Urbanismo e Design do jornal americano «Daily News».

4. Stanley Abercrombie, editor da mais prestigiada revista de desenho de interiores dos EU América, que se chama «Interior Design»; responsável por uma boa parte da mais culta informação sobre área do território da arquitectura.

6. Tomás Taveira, professor e arquitecto tem participado em todos os simpósios como coordenador e moderador da mesa-redonda final, tendo ao mesmo tempo feito em todos eles intervenções individuais; tem também a responsabilidade de toda a organização do Simpósio.

Ir-se-á discutir no Simpósio, não só o modo como a Imprensa especializada, mas também a Imprensa em geral aborda os temas de Informação e Formação do Gosto e da Descoberta de Novos Talentos relacionados com o Território da Arquitectura.

O Simpósio está aberto aos estudantes, aos profissionais e ao público em geral.



António Lobo Antunes

"Auto dos Danados": livro mais procurado

Pela segunda semana consecutiva, «Auto dos Danados» de António Lobo Antunes, foi o livro mais procurado em Portugal, à frente de uma lista que regista apenas uma novidade, «Viagem na Irrealidade Quotidiana», de Umberto Eco.

O livro de Eco, o autor de «O Nome da Rosa» (título que, na sequência do lançamento em Portugal, esteve cerca de dois meses no topo), entrou para o décimo lugar.

Relativamente à anterior edição do topo, melhoraram as suas posições «África Minha», de Karen Blixen (da terceira para a segunda), o «Atirador», de Glendon Swarthout (da sétima para a terceira), «Cartas à Filha» de Calamity Jane, (da sexta para a quarta), «A Caça ao Outubro Vermelho», de Tom Clancy (da nona para a oitava) e «A Bagagem do Viajante», de José Saramago (da décima para a nona).

Desceram «A Nebulosa de Andromeda», de Ivan Efremov (do segundo para o sexto lugar) e «Anatomia do Poder», de John Kenneth Galbraith (do quarto

para o sétimo).

Saiu «Viver e Morrer em Portugal — o Escândalo dos Transplantes», de Rui Cartaxana.

É a seguinte a lista de 29 livros mais procurados, de 29 de Abril a 5 de Maio, em todos os distritos do País, segundo um inquérito efectuado pela Anop (entre parêntesis, a classificação na semana anterior):

1. (1) — Auto dos Danados — António Lobo Antunes.
2. (3) — África Minha — Karen Blixen.
3. (7) — O Atirador — Glendon Swarthout.
4. (6) — Cartas à Filha — Calamity Jane.
5. (5) — Uma Vénus wpriva — Giorgio Scerbanenco.
6. (2) — A Nebulosa de Andromeda — Ivan Efremov.
7. (4) — Anatomia do Poder — John Kenneth Galbraith.
8. (9) — A Caça ao Outubro Vermelho — Tom Clancy.
9. (10) — A Bagagem do Viajante — José Saramago.
10. (—) — Viagem na Irrealidade Quotidiana — Umberto Eco.

Bryan Adams canta para a princesa Diana

Diana, princesa de Gales, agora em visita oficial ao Canadá, conversou domingo com o artista «pop» Bryan Adams, autor de uma canção em que pede à princesa para fugir e ir viver com ele.

Bryan Adams alarmou os organizadores do concerto «pop» a que a princesa Diana assistiu domingo cantando durante os ensaios a canção «Diana».

Porém, quando Adams foi

apresentado à princesa a canção com referências pouco elogiosas ao príncipe Carlos não foi mencionada na conversa e o príncipe apenas lhe apertou a mão dizendo que tinha gostado do concerto.

Adams compôs a canção «Diana» depois do casamento da princesa com o príncipe Carlos. A letra diz: «dia em que casou consigo eu quase enlouqueci. Diana o que vai fazer com um tipo como ele?»

Diana juro que é uma criança imprudente.»

A canção conclui: «ele talvez tenha muita massa, mas não é o homem para si.»

Na canção Adams oferece a Diana «liberdade da obrigação de ter de sorrir e apertar mãos» em troca do «amor que ele lhe traria».

«A princesa não se referiu à canção», disse Adams. «Mas estou muito feliz esta noite por ela ter falado comigo. Acho que ela é linda».

CML

uma cidade limpa é uma cidade viva

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da Patente de Invenção n.º 74 194 para: «PROCESSO PARA A PREPARAÇÃO DE COMPOSIÇÕES PARA A REGULAÇÃO DO CRESCIMENTO DE PLANTAS, CONTENDO TITÂNIO».

TRATA: CLARKE, MODET & C., LD.
PATENTES E MARCAS
RUA CASTILHO, 201 — 3.º/ESQ.
1000 LISBOA

Lisboa cidade limpa

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

4.º JUÍZO

ANÚNCIO

Por este Tribunal correm éditos de trinta dias, que começarão a contar-se da 2.ª e última publicação do anúncio, citando o réu JOSÉ LOPES MIRANDA, Herdeiros, Lda, na pessoa do seu legal representante para no prazo de vinte dias, findo o dos éditos contestar querendo a acção, na qual o Autor pede a condenação da ré a pagar-lhe a quantia de Esc. 658 277\$00, acrescida de juros vindicos à taxa legal desde 28.2.85, até efectivo pagamento e legais acréscimos, conforme melhor consta da p.i. à sua disposição nesta Secção.

Autor SOCIEDADE INDUSTRIAL DE VILA FRANCA, SARL, com sede na Rua dos Fanqueiros, 38 em Lisboa

Reu JOSE LOPES MIRANDA, Herdeiros, Lda, com última sede conhecida na Estrada Nacional 250 Aigueirão-Sutira

Lisboa, 16 de Abril de 1986

O Juiz de Direito
a) Alípio Duarte Calheiros

O Escrivão de Direito
a) M.ª Fernanda Marques Nogueira

«DL» 13/5/86 — 2.ª Pub.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE POMBAL

ANÚNCIO

Pela Segunda Secção deste Tribunal correm éditos de 30 dias contados a partir da segunda e última publicação deste anúncio, CITANDO o Réu ARMANDO MARQUES DUQUE, casado, comerciante, ausente em parte incerta do País e com última residência conhecida em Avenida Rainha D. Leonor, 25-A-Lisboa, para, em 10 DIAS, findos que sejam os dos éditos, contestar a Acção Sumária n.º 781/85, em que é Autora DIMOGRUPO — Sociedade Distribuidora de Materiais de Construção, Limitada, com sede em Travasso-Pombal, e Réu o acima identificado, pelos motivos constantes da petição inicial e que consiste na obtenção do pagamento da quantia de 170.764\$00 (cento e setenta mil setecentos e sessenta e quatro escudos), como tudo melhor consta do duplicado da petição e que se encontra nesta Secretaria à disposição do Réu sob pena de ser condenado no pedido.

Pombal, 2 de Maio de 1986

O Juiz de Direito,
ass.) António Pereira Madeira

A Escriutaria
ass.) Dina Marra Gamito Carneira

«DL» 13/5/86 — 2.ª Pub

TEATRO ESTÚDIO DE LISBOA APRESENTA NO

TEATRO VASCO SANTANA

ENTRECAMPOS
FEIRA POPULAR

CESÁRIO QUÊ?

TEXTO E ENCENAÇÃO DE:
LUIZ MARIA MARTINS

CENOGRAFIA DE: FERNANDO FILIPE; ACTORES POR ORDEM DE ENTRADA EM CENA: FERNANDA MONTE-MOR•CARLOS SANTOS•CLARA JOANA•HELENA FÉLIX•LUIZA ORTIGOSO•FERNANDA COIMBRA•JOÃO BRÁS•VÍTOR HUGO•MANUEL MENDONÇA•PEDRO PAIVA

Terça a sábado às 21.30
Domingo às 16

Teatro de Câmara para CÍCLO STRINDBERG A ILHA DOS MORTOS

A SONATA DOS ESPECTROS

De 3.ª a sábado às 21.30h
Domingo às 16h
2.ª feira - Descanso
De terça a quinta - preços reduzidos

no
TEATRO DO BAIRRO ALTO

R. Tenente Raul Cascais, 1-A
1200 LISBOA
Telef. 06 15 15/66 92 05

Cultura de massas tende a fazer baixar nível da criação artística

— diz o compositor Andrei Petrov

Novosti/DL

«Intensificação», «desenvolvimento intensivo» e «extensivo» não são conceitos exclusivamente do âmbito da economia. Aplicam-se igualmente à esfera da cultura, às artes. A afirmação é de Andrei Petrov num artigo difundido pela Imprensa soviética e onde este compositor leninegradense, ao apontar alguns dos problemas que se colocam actualmente aos artistas soviéticos, levanta a questão da cultura de massa e o nível da criação artística. Autor de algumas das mais importantes óperas, sinfonias e peças baléticas criadas, nos últimos anos, na URSS, Petrov acumula as funções de presidente da organização dos compositores de Leninegrado e de secretário da União dos Compositores da União Soviética.



O compositor leninegradense Andrei Petrov

trangeiras, patinagem artística, piano. E por que não violino, acordeão, flauta ou balalaika?»

«Tocar um instrumento causa alegria», diz Petrov que considera que «aprender música deve parecer-se o menos possível com uma lição devendo ser, sobretudo, um concerto acompanhado de conversação, prática intimamente ligada à música.»

Aprender a amar o belo, eis a tarefa complicada e importante da educação, segundo o compositor soviético para quem «a iniciação ao Belo opera-se com modelos elevados».

Não criamos para elites

Referindo-se à necessidade de uma arte de qualidade, seja qual for o público, diz Petrov:

«Eu sei que há muito descontentamento no que se refere ao nível pouco elevado dos concertos realizados no campo. Certos artistas pensam que tudo é bom para os habitantes das aldeias. Mas o nível de instrução elevado, a difusão da TV, fizeram aumentar, significativamente, as exigências dos camponeses.

A absorção das disparidades entre a cidade e o campo dá-se em grande parte, devido à expansão cultural.»

Os músicos leninegradenses têm desenvolvido uma intensa actividade na divulgação da sua arte nos meios rurais. Neste âmbito realiza-se o tradicional Festival Anual das Artes para as Regiões Rurais que acaba de decorrer em Leninegrado. O certame conta com a participação dos melhores artistas da cidade que, nessa altura, apresentam

no campo espectáculos idênticos aos realizados em «tournées» no estrangeiro.

A propósito deste acontecimento sublinha Petrov: «Além destes desembarques artísticos Leninegrado desenvolve, com êxito, relações de amizade entre as União de Artistas e os colectivos de trabalhadores. Desde 1970 que a União dos Compositores mantém laços estreitos com os trabalhadores de várias empresas entre os quais o grupo de produção 'Baltiiski Zavod', hoje um exemplo desse trabalho frutuoso.

«No começo do nosso relacionamento os cépticos encaravam estas relações como uma simples formalidade: 'na fábrica — diziam — vale mais tocar música ligeira'. E essa foi, com efeito, uma prática corrente durante muito tempo.

«Durante o concerto consagrado ao 40.º aniversário da Vitória sobre o fascismo, em Setembro passado, em que foi executada música sinfónica foi para mim extremamente gratificante ouvir pronunciar-se um júri de operários dos estaleiros navais que, sem utilizar termos musicológicos, fez uma avaliação correcta e profunda das obras difíceis que tinham acabado de ouvir.

«Os compositores leninegradenses vão, com muito gosto, às fábricas para dar concertos e costumamos trocar opiniões sobre os resultados do nosso trabalho. Mas quando se trata de interpretar as minhas próprias obras perscruto o público com uma enorme atenção. A reacção destes auditores interessa-me tanto como a opinião dos meus colegas. Nós não criamos para uma elite».

Prémio Círculo de Leitores

O Círculo de Leitores anuncia na terça-feira o nome do autor e o título da obra contemplados com o Prémio Literário do Círculo de 1986, aumentado para mil contos no âmbito das comemorações dos 15 anos da editora.

O júri que atribuiu o prémio foi constituído por Urbano Ta-

vares Rodrigues, João Rui de Sousa, Mário Ventura Henriques, Ana Mafalda Leite e Ernesto Melo e Castro.

O Prémio Literário do Círculo de Leitores é concedido bianualmente, tendo como objectivo incentivar a produção de originais de escritores portugueses no domínio da literatura de ficção.



«Bem-Vindo Sr. Sloane» em última representação no Teatro da Graça

Teatro

● Encontra-se já em últimas representações no Teatro da Graça a peça «Bem-Vindo Sr. Sloane», pelo Grupo Teatro Hoje, em cena a partir das 21 horas. Da autoria do dramaturgo inglês Joe Orton, a peça ficou com um dos símbolos dos anos 60 e dum teatro altamente contestatário dos fundamentos morais e políticos de uma sociedade hipócrita e decadente. Retrato da violência que se esconde por trás da retórica da moral e dos bons costumes do teatro de Orton, para usar uma expressão sua, «levantava a saia da sociedade e o cheiro que de lá vinha era pestilento». Fazio-o, contudo, pelo riso usando a via da comédia e da farsa e é por isso que as suas peças são cruéis e violentas mas ao mesmo tempo muito divertidas. A encenação é de Carlos Fernando, a cenografia de Dalton Salem Asseff, a tradução de Manuel João Gomes, a sonoplastia de Hermenegildo Gomes, luzes de Carlos Fernando e Mário Tojal, e a interpretação que tem sido destacada como um dos principais atractivos do espectáculo é de António Montez, Carlos Fernando, Filipe Domingues e Maria José. Últimos dias portanto para ver «Bem-Vindo Sr. Sloane», o que pode ser feito de 3.ª a sáb., às 21.00 e aos domingos só às 16.00.

● O Teatro Maya, da Polónia, apresenta-se hoje e amanhã, em Almada, com o seu espectáculo «Começando», a convite da Companhia de Teatro de Almada/Grupo de Campolide. Fundado em 1974 por Kazimierz Grochmalski, o Teatro Maya foi influenciado por um trabalho corporal fortemente expressivo, inspirado em Grotowski e por um espírito de livre contestação do movimento estudantil da altura. Radicado em Poznan, o Teatro Maya beneficia dum subsídio do Ministério da Cultura polaco, e alcançou um considerável renome quer na própria Polónia, quer no estrangeiro, onde se desloca frequentemente. «Começando», o espectáculo que o Teatro Maya apresenta em Almada, compõe-se de uma sucessão de filosos nos quais Grochmalski, o encenador, ilustra a filosofia do começo, com um homem e uma mulher que tentam estabelecer uma relação sem o conseguir. Três actores e dois músicos (que intervêm directamente no espectáculo) criam, com base num texto, imagens de forte carga poética sobre músicas diversas.

Conferências

● O impacto das novas tecnologias na Informação é o tema da conferência, serguída de debate, que o jornalista Joaquim Letria profere esta tarde, pelas 18.30 horas, no Auditório Um da Sociedade de Língua Portuguesa (R. de S. José, 41-2.º). Joaquim Letria, protagonista de uma carreira de especial dinâmica de linha nacional e internacional, tem o seu nome ligado à fundação de «O Jornal» e do «Tal & Qual», à rádio e à televisão.

● Na Biblioteca Municipal de Belém, o escritor dr. Carlos Correia profere, pelas 14.30 horas, uma conferência intitulada «Dialogando sobre a sua obra literária».

Música

● Por iniciativa da Câmara Municipal de Lisboa continua a decorrer no Teatro S. Luiz, pelas 18.30 horas, o ciclo «Música ao fim da tarde» dedicado à vida e obra de Beethoven, sob a direcção artística do maestro José Atalaya. Esta tarde, os solistas Clélia Vital (violoncelo) e Nella Maissa (piano) interpretam a Sonata op. 69, em lá maior; variações sobre o tema da «Flauta Mágica» e a Sonata op. 31 n.º 2, em ré menor.

● E na Fundação Calouste Gulbenkian prosseguem os «10.º Encontros Gulbenkian de Música Contemporânea», hoje com um concerto pelo grupo Metais de Lisboa, no Grande Auditório daquela Fundação, com início pelas 18.30 horas. O grupo interpreta obras dos compositores Joly Braga Santos, Filipe Pires, Clotilde Rosa e Paulo Brandão.

Alfas Triplex

— T. 806496

Alfa 1

ÁFRICA MINHA

(maiores 12 anos)
15.15, 18.15, 21.15 e 00.15 h

Alfa 2

O ENIGMA DA PIRÂMIDE

(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 3

O ANO DO DRAGÃO

(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa Club

T. 763319

COTTON CLUB

(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Shopping Center de Lisboa

Amoreiras 1

ÁFRICA MINHA

(maiores 12 anos)
15.15, 18.15, 21.15 e 00.15 h

Amoreiras 2

O ANO DO DRAGÃO

(maiores 12 anos)
13.45, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 3

O ENIGMA DA PIRÂMIDE

(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.45 e 23.45 h

Apolo 70

RUMBLE FISH -

JUVENTUDE INQUIETA
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24 h

Avila

— T. 539930

DARLY

(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Avis

— T. 547163

NA PONTA DO SEXO

(int. 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna

— T. 776098

ERA UMA VEZ NA

AMÉRICA
(maiores 16 anos)
15.00 e 21.00 h

Capitolio

— T. 372358

O GRANDE GOZO

(int. men. 18 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil

T. 530194

ÁGUA DE FERRO

(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Uma cena do filme de JOÃO BOTELHO, «UM ADEUS PORTUGUÊS» (Prémio do melhor realizador no festival do Rio de Janeiro e Prémio O.C.C.I.C de Berlim). Em exibição no cinema Quarteto.

Cineblanco

— T. 556824

LOUCAS AVENTURAS DE AMOR E SEXO

(maiores 16 anos)
14.30, 16.45 e 21.30 h
CONAN - O DESTRUIDOR
(maiores 12 anos)
24.00 h

Cine Camoes

T. 324194

REVOLTA NO PACÍFICO

(m. 12 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222

— T. 579460

O NOSSO AMOR DE ONTEM

(n. acons. men. 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
METEORO
(n/acons. 18 anos)
24.00 h

Cinemateca

ALBA DE AMÉRICA/1951

18.30 h
EL JUDAS/1952
21.30 h

Cine Portela

— T. 2524761

Estudio Anusha

OS SALTEADORES DA SELVA PERDIDA

(m. 12 anos)
16.00 e 21.45 h

Estudio Sheza

MÁSCARA

(m. 12 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine

— T. 549999

O SOL DA MEIA-NOITE

(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
FITZCARRALDO
(n/acons. 13 anos)
23.45 h

Condes

— T. 322523

REMO-DESARMADO E

PERIGOSO
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden

— T. 320768

O CARRO DE COMBATE

(m. 126 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

I studio

— T. 555134

ACADEMIA DE GÉNIOS

(m. 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estudio ACS

O HOMEM QUE VEIO DE LONGE — Papa João Paulo II

(m. 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

I studio 444

— T. 768078

DUELO SOBRE O ABISMO

(maiores 12 anos)
15, 17, 19, e 21.30 h

Fonte Nova

— T. 7145109

Sala 1

REGRESSO AO FUTURO

(maiores 6 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

Sala 2

A ROSA PÚRPURA DO CAIRO

(maiores 6 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Sala 3

AS MINAS DE SALOMÃO

(maiores 6 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Forum Picoas

— T. 541037

GAZIJA

(maiores 12 anos)
13.45, 16.30, 19.00 e 21.45 h

Gemini

— T. 734009

O ANO DO DRAGÃO

(maiores 16 anos)
13.45, 16.30, 19.00 e 21.45 h

Hollywood

— T. 802859

Sala 1

A JÓIA DO NILO

(maiores 6 anos)
14.30, 16.30, 18.45, 21.30 e 23.45h

Sala 2

REMO-DESARMADO E PERIGOSO

(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Imperio

— T. 555134

ESSES TERRÍVEIS AMORES

(maiores 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas

— T. 631162

Sala 1

REMO-DESAPARECIDO E PERIGOSO

(maiores 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Sala 2

TRÊS HOMENS E UM BERÇO

(maiores 12 anos)
15.30, 18.45 e 21.45 h

Londres

— T. 801313

TRÊS HOMENS E UM BERÇO

(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial

— T. 538743

ERA UMA VEZ NA AMÉRICA

(maiores 16 anos)
15.00 e 21.00 h

Nova

— T. 574362

AGNES DE DEUS

(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Odeon

— T. 326283

A REVOLTA DO HERÓI

(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Olympia

T. 325309

A SALADA DA CASA DAS GATAS

A partir das 14 horas
Sessões contínuas
Filme pornográfico
(int. men. 18 anos)

Pathe

— 821933

A ÚLTIMA ORGIA DO III REICH

(m. 18 anos)
14.00, 16.30 e 21.30 h

O TEMOR DOS BÁRBAROS

(m. 18 anos)
24 h

Politeama

T. 326305

PERIGO IMINENTE

(int. 13 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto

T. 771378

Sala 1

UM ADEUS PORTUGUÊS

(maiores 12 anos)
15.17, 19, 21.30 h
ULTRA-SECRETO
(maiores 16 anos)
23.30 h

Sala 2

PELA NOITE DENTRO

(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
CONAN, O DESTRUIDOR
(maiores 16 anos)
23.30 h

Sala 3

O ANO DO DRAGÃO

(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
AGUIRRE, O AVENTUREIRO
(maiores 16 anos)
24.00 h

Sala 4

RUMBLE FISH -

JUVENTUDE INQUIETA
(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.30 h
CAÇADORES NO ESPAÇO
(m. 16 anos)
23.30 h

N'Gola

— T. 573407

ASSALTO À 13.ª

ESQUADRA
(int. men. 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Restelo

T. 610375

COMANDO

(maiores 16 anos)
15.30 e 21.30 h

Cinema Rex

— T. 864756

REGRESSO AO FUTURO

(maiores 6 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Roma

T. 889192

ÁGUA DE FERRO

(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxy

T. 548560

O SILÊNCIO DAS MULHERES

VIOLADAS
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge

T. 579144

Sala 1

ÁFRICA MINHA

(m. 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Sala 2

PELA NOITE DENTRO

(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

Sala 3

O ENIGMA DA PIRÂMIDE

(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19 e 21.15 h

7.ª Arte

— T. 730715

O FIO DA SUSPEITA

(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star

— T. 804210

GENTE GIRA N.º 2

(maiores 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Terminal

— T. 371573

O FIO DA SUSPEITA

(maiores 12 anos)
13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Livoli

— T. 570595

O ANO DO DRAGÃO

(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim

T. 706666

O FLORESTA

ESMERALDA
(maiores 12 anos)
15.00, 17.30 e 21.45 h

Xenon

T. 368400

OLHOS INDISCRETOS

(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Zodiaco

— T. 570151

O DIVERTIMENTO

(filme indiano)
(n. acons. m. 13 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cinestúdio —

«Desaparecido em combate», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos)

AMADORA — Cineteatro

Lido — «As minas de Salo-

mão», às 15.30 e 21.15 h

(maiores 12 anos)

AMADORA — Babilónia —

«Darly», às 15.15, 18.30 e 21.15 h

(maiores 6 anos)

CACÉM — Cinestúdio Flores

«Regresso ao futuro», às 15.00 e 21.30 h (m. 6 anos)

CINETEATRO CHABY —

MEM MARTINS — «Des-

canso»

ESTÚDIO DOIS EME —

«Comandos em fúria», às 21.30 h (maiores 16 anos)

Linha de Cascais

CASINO ESTORIL — «O

hotel na Hampshire», às 15.30, 18.15 e 21.15 (m. 16 anos)

ALGÉS — CINEMA 2000 —

«Comando», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos)

OEIRAS — ALTO DA BARRA — SALA 1 —

«As minas de Salomão», às 15.15 e 21.30 h (maiores 12 anos)

SALA 2 — «Encontro», às 15.30 e 21.45 h (maiores 16 anos)

CASCAIS — MIRAMAR/

SALA 1 — «Espíões como nós», às 15.15 e 21.30 h (maiores 12 anos)

SALA 2 — «A jóia do Nilo», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

CARCAVELOS — ATLÂNTIDA CINE —

«Cocoon — A aventura dos corais perdidos», às 15.30 e 21.30 h (maiores 6 anos)

OX

Lisboa - PERMANENTE
AMARO DE SANTO
 AMARO: Teles, R. de João de Barros, 2.º andar (T. 638176);
 ALVALADE: 22, Av. da Igreja, 9-D (T. 780); **BAIRRO ALTO**: Azevedo, Irineu & Veiga, R. da Misericórdia, 24 (T. 323540); **BAIRRO DE MONTE PEDRAL**: Zema, R. General Justino, 21-A (T. 832580); **BENEFICA - CEMITÉRIO**: Simões, C. do Tojal, 102-A (T. 749649); **CAMPO DE OURIQUE**: Freitas Gazul, 32-B (T. 67166); **CAMPOLIDE**: Central de Campolide, R. General Taborda, 17 (T. 680304); **ESTEFÂNIA**: Estefânia, R. Pascoal de Melo, 90 (T. 544438); **LUZ**: MIAR: Central do Lumiar, Al. das Linhas de Torres, 254-B (T. 758063); **MARQUÊS DE POMBAL - PICOAS**: Correia Almeida, Av. Fontes Pereira de Melo, 2.º andar (T. 547385); **OLIVEIRA**: Martins, R. Cidade de Nançara, Edifício Paris, lote 534 (T. 333696); **PICHELLEIRA**: Mariz, C. da Picheleira, 140-B-S e R. Prof. Mira Fernandes, 1.º andar (T. 880703); **BRANDÃO - AMADORA**: Brito, R. do Colégio, lote 32-B (T. 993351); **ODIVELAS**: Central de Odivelas, Al. Infante D. Henrique, 1 (T. 9811203); **PONTE**: TINHA: Leitão Ribeiro, R. A do Falcão, 3-A (T. 993912).

REFORÇO - AJUDA: Mendes Gomes, C. da Ajuda, 222 (T. 638256); **ALIMRANTE GATO**: Coutinho: Estados Unidos, Av. dos Estados Unidos da América, 16-B (T. 885859); **ANJOS - RUA MARIA ANDRADE**: Renançaga, R. Damasceno Monteiro, 104-A-B (T. 831504); **AVENIDAS NOVAS**: Figueiras, Av. Marquês de Tomar, 20-22 (T. 544995); **ENCARNACÃO**: Zira, P. das Casas Novas, lote 66 (T. 311216); **HOSPITAL DOS CAPUCHOS**: Capuchos, R. Luciano Cordeiro, 2-A (T. 572076); **MERCADO DO CHILE**: Alcázar, R. Carvalho Araújo, 46-B (T. 841708); **PENHA DE FRANÇA**: Dinar, R. Conde de Monsaraz, 17-B (T. 842533); **RATO**: Soares, Av. Álvares Cabral, 1 (T. 684282); **SANTOS**: S. A. E. Silva Filhos, R. de São João da Mata, 72-74 (T. 661010); **SÃO DOMINGOS DE BENFICA**: Vitez, E. de Benfca, 373-B (T. 780548); **BURACA - AMADORA**: Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO**: Nova, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO**: Matos, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda - ALMADA: Central, R. de Oliveira, 11-B (T. 2750504). Permanente; **COVA DA PIEDADE**: Avelar Silva, R. Dr. Alberto Araújo, 19-A (T. 2750337). Permanente; **MONTE DE CAPARICA**: Guerreiro, lote 31, U. Moimho (T. 2950727). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA**: Carlos, Av. do Mar, 34-A (T. 2401060). Até às 19 horas; **FELJÓ**: Feljó, R. Borges Rego, 7 (T. 2290911). Até às 22 horas; **SESIMBRA**: Lopes, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028). Até às 19 horas; **LAZARIM**: Parreira, R. D. Silva Cristino, 15-A (T. 2042016). Até às 19 horas; **BARREIRO**: Mascarenhas, Neto, R. D. Francisca Azambuja, 1 (T. 2074446). Permanente; **LOJA DA BANHEIRA**: Alian, Nacional, 178-B (T. 2040). Até às 19 horas; **CORROIOS**: Lino, Alfarrim, Sesimbra (T. 2232841). Até às 19 horas; **CRUZ DE PAU**: Duarte Ramos, R. de Bafatá, 11, loja 30, Cent. Comercial Belsul (T. 22424). Até às 22 horas; **ALDEL**: PAIO PIRES: Central, Nacional, 9 (T. 2210365). Até às 22 horas; **MONTIJO**: São

Linha de Cascais —

ALGÉS: H. Amaral, R. X, lote 146, Algés de Cima (T. 2104556). Permanente; **LINDA-A-VELHA**: Pinto, R. Antero de Quental, 9 (T. 4190610). Até às 19 horas; **TIRES**: Guimarães, L. Duarte, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDE**: Carvalho, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO**: Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA**: Luz, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS**: Pargana, Av. Eng. bonnevillie Franco (T. 2435147). Permanente; **OELAS**: Oelras, L. Henrique de Paiva Couceiro (T. 2430485). Até às 22 horas; **CARCAVELOS**: Vilar, Av. Maria da Conceição, lote B (T. 2470777). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA**: Godinho da Silveira, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAZIL**: Alair, Av. Gago Coutinho, BAIRRO DAS Caixas de Previdência (T. 2472948). Permanente; **MURTAL**: Primavera, R. das Parreiras, 2 (T. 2472278). Até às 22 horas; **SASSOEIROS**: Amaral Semblano, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE**: Imani, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MA-DORNA**: Madeira, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA**: Abrantes, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL**: Ostende, R. de Espinho, 1 (T. 260391). Até às 22 horas; **CASCAIS**: A. Costa, R. Freitas Reis, 24-C (T. 280214). Permanente.

Linha de Sintra —

AMADORA: São Jorge, R. Pedro do Negro, 5. Reboleira (T. 4938703). Permanente; **Romeiro**, Urbanização Casal de São Jorge, lote 116. Até às 22 horas; **DA-MAIA**: Confiança, R. Bartolomeu Dias, lote D (T. 9710231). Até às 22 horas; **QUELUZ**: Serra e Pinto, Av. D. António C. Sá, 50-GE (T. 4377619). Até às 22 horas; **CAMARATE**: Mendonça, L. 25 de Abril, 135-C (T. 2573158). Até às 19 horas; **CACÉM**: Araújo e Sá, E. de Paço de Arcos, lote 1-B (T. 9240781). Permanente; **MEM MARTINS**: Miranda Garcia, Est. Mem Martins, 173 (T. 9214103). Permanente; **MERCÊS**: Claro Ruano, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA**: Araújo, C. da Rinchoa, 2 (T. 9260404). Até às 22 horas; **COLARES**: Abreja (T. 9290880); **SÃO PEDRO DE SINTRA**: Valentim (T. 9230456). Permanente.

Outras Farmácias —

MOSCAVIDE: Banha, Av. de Moscavide, 22-A (T. 2518518). Até às 22 horas; **SACAVÉM**: Soares, L. José L. Morais, 15-A (T. 2518025). Permanente; **LOURES**: Saraiva, Av. da Retal pública, 86 (T. 9831240). Permanente.

Teatro do Bairro Alto

R. Tenente Raul Cascais, 1-A — Tel. 66 15 15
 De 3.ª a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00

Teatro da Cornocópia

Ciclo Strindberg. «A ILHA DOS MORTOS» e «A SONATA DO ESPECTRO».

Almada — Acad. Almadaense

R. Capitão Leão, 64
 Tel. 275 21 75

«O CAPOTE», de Gogol. Pelo Grupo de Campolide. Encenação de Joaquim Benite, interpretado por Adelaide João, António Assunção, Canto e Castro, Carlos Gonçalves, Luís Vicente e Vítor Gonçalves.

1.º Acto Clube de Teatro — Os Marginalizados

Palácio dos Anjos, Algés

Às sextas e sábados, às 21.30

«O NOIVADO NO DAFUNDO», de Almeida Garrett, numa versão de Armando Caldas

«O ILUSTRE CONFERENCISTA», de Roque e Lyra, com cenários e figurinos de Gila. Música de Carlos Alberto Moniz. Cenografia de Ruben Matos e encenação de Armando Caldas

Teatro da Graça

T. de São Vicente, 11 — Tel. 87 56 26

De 3.ª a sábado, às 21.00; domingos só às 16.00

«BEM-VINDO SR. SLOANE», de Joe Orton. Encenação de Carlos Fernando. Cenografia de Dalton Salen Assel. Intérpretes: António Montez, Carlos Fernando, Filipe Domingues e Maria José.

Teatro Villaret

Av. Fontes P. de Melo — Tel. 53 85 86

De terça a domingo, às 21.30; domingos, às 16.00

«POUCO BARULHO», de Michael Frayn. Encenação e direcção de Varela Silva. Com Nicolau Breyner, Manuela Maria, Morais e Castro, Guida Maria, Victor de Sousa, Rosa do Canto, Isabel Maria, Jorge Nery e Henrique Santos.

Casa dos Tabuenses

R. Poais de S. Bento, 75 — Tel. 60 18 66

Sábados e domingos, às 16.30

«A RUA DOS FANTASMAS», de Javier Villafane. Pelo Maizum. Encenação de Adolfo Gulkyn. Intérpretes: Carlos P. Vasconcelos, Isabel Bezelga e Silvina Pereira.

Teatro do Bairro Alto

R. Tenente Raul Cascais, 1-A — Tel. 66 15 15

Sala Manuela Porto

De terça a sábado, às 15.30; aos domingos, às 21.30

«A MULHER QUE MATOU OS PEIXES», de Clarice Lispector. Adaptação/encenação de José Caldas. Intérpretes: António Fonseca, Manuel Lourenço e Margarida Carpinteiro.

Teatro Nacional D. Maria II

Rossio — Tel. 372246

Sala Experimental

De 3.ª a sáb. às 21.45., sáb. e dom. às 16.30

«Auto da Barca do Inferno» de Gil Vicente pela Ass. Cultural Marionetas de Lisboa. Direcção de Carlos Cabral. Manipulação e vozes de Ana Costa, Carlos Varela, David Lopes, Fernanda Teixeira, José Neto e José Ramalho.

Teatro Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 06 37

De terça a domingo às 21.45; domingos, também às 16.00.

«O CORONEL EM DOIS ACTOS». Adaptação de F. Nicholson. Encenação de Varela Silva. Interpretação: Alina Vaz, António Feio, Camilo de Oliveira, Dulce Guimarães, F. Nicholson e P. Marcelo.

Teatro Aberto

P. de Espanha — Tel. 770969

Às 21.30

«VOLPONE», de Ben Jonson pelo Grupo Novo. Encenação de Norberto Barroca. Cenários e figurinos de José Costa Reis. Música de Paulino Garcia. Intérpretes: Adriano Luz, Alexandre de Sousa, Amílcar Botica, Ana Oliveira, Fernanda Policarpo, Isabel Ribas, Joaquim Rosa, José Beato, José Jorge Duarte, José Raposo, Mário Garcia, Melim Teixeira, Miguel Duarte, Sara Lima e Vítor Norte.

Teatro Vasco Santana

Entrecampos — Feira Popular
 — Tel. 76 86 90

Teatro Estúdio de Lisboa

De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00

«CESÁRIO QUE?». Texto e encenação de Luzia Maria Martins. Cenografia de Fernando Filipe. Intérpretes: Fernanda Montemor, Carlos Santos, Clara Joana, Helena Félix, Luísa Ortigosa, Fernanda Coimbra, José Brás, Vítor Hugo, Manuel Mendonça e Pedro Paiva.

Comuna

P. de Espanha — Tel. 726 08 18

De 3.ª a sábado, às 21.30; aos domingos, às 17.00

«CALÍGULA». Texto e encenação de Luzia Maria Martins. Encenação de João Mota. Intérpretes: Almeno Gonçalves, Abel Neves, António Melo, Alfredo Brissos, Carlos Paulo, Cecília de Sousa, Isabel Medina e João Mota, entre outros.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 16 729

HORIZONTAIS:

- Divindade. Tira as escamas a.
- Tratam por tu. Equipas.
- Nota musical. Seguiu. Bis-muto (s.q.). Tempo do verbo ir.
- Ondas curtas. Esmoncamos.
- Suspiros. Encolerizar.
- Rio da Suíça. Gempo do verbo ser.
- Tabaco moído para cheirar. Senhores.
- Aperfeiçoar. Donzela de Orleães.
- Freguesia do concelho de Alenquer. Nome dado aos cinco magistrados eleitos cada ano em Esparta.
- Nome de mulher. O mais.
- Época. Restos mortais.

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11

VERTICAIS:

- Antiga moeda de cobre indiana. Vasto.
- A moral. Sufixo que designa estado.
- Cidade da China. Suplica.
- Dança popular em Elvas e Campo Maior. Roça em que trabalhavam escravos (Bras).
- Conjunção. Artigo definido. Charneca.
- Tempo do verbo ser. Apelido. Em a. Pertences.
- Freguesia do concelho de Odemira. Monarca.
- Educaras. Freguesia do concelho de Esposende.
- Amónio (s.q.). Martelão.
- Amão grande. Batráquio.
- Membros de aves. Doutrina.

Resolvi completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVAS MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 568

HORIZONTAIS:

- Arquipélago da Malásia, no mar da China.
- Antiga cidade da Bética. Destino (fig.).
- Romance de Emílio Zola. Apre!
- Idem. Indolência.
- Cidade de Portugal. Viração.
- Sódio (s.q.). O mais. Duzentos e dois em romano.
- Decímetro. Ataviara.
- Isto é. Ratar.
- Nome do trono imperial da Etiópia. Momices.
- Armária. Carta de jogar. Antepassado.
- Guarnecei de asas. Tirar a cortiça.

VERTICAIS:

- República do Norte da Europa, no Báltico.

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11

- Naquele lugar (inv). Freguesia do concelho de Santo Tirso.
- Manteiga fresca, na Índia. Grande.
- Indignada. Ave conhecida na Amazônia como pássaro-trombeta.
- Partido Comunista (abrev.). Médico dinamarquês que recebeu o Prémio Nobel da Medicina em 1943.
- Terceiro. Aumentam.
- Reis. Na filosofia fenomenológica, o acto de conhecer ou de pensar algo.
- Via e sede de concelho (Portalegre).
- Transpirar. Missivas.
- Undécimo mês do calendário árabe. Ovário dos peixes.
- Pegaria. Ribeira de Portugal.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 16 728

HORIZONTAIS:

- QUEM. NÃO. Ga.
- Ulm. Cabeça.
- Jo. Noda. Ata.
- Bagal. Bom.
- Tornado.
- Ja. Os. Nós.
- Mit. Ir. Seis.
- Magoar.
- Coram. Aar.
- Alas. Agasta.
- Oom. Grão. Em.

VERTICAIS:

- Qui. TEM. CÃO.
- Ulo. Imolo.
- Em. Britaram.
- Naná. Gas.
- CAÇA. COM.
- Nadadora. Ar.
- Abalos. Riga.
- Oé! Ao.
- Cabancias.
- GATO. Oi! Até.
- Amassaram.

PROVÉRBO: Quem não tem cão caça com gato.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 14 567

HORIZONTAIS:

- Catalunha.
- Alia. Ruaras.
- Amoras. Gola.
- Zás. Zatu.
- Ad. Co. Eirol.
- Pategos. Ura.
- Rússia.
- César. CC.
- Casalinho.
- Alar. Dia.
- Rasa. Aarhus.

VERTICAIS:

- Caazapa. Bar.
- Almada. La.
- Tios. Cás.
- Aar. Cercara.
- Azagues.
- Ursa. Ossada.
- Nu. Tessália.
- Hagui. Iriar.
- Aro. Rua.
- Alvor. Cheu.
- Usa. Lasco.

Antena Um

16.00: A gaita dos sete folos; 17.00: Pequeno jornal; 17.15: Musicomania; 19.00: Informação e música; 20.00: Música portuguesa; 20.15: No estúdio e no estúdio; 20.30: A voz da solidariedade; 21.00: Movimento; 21.30: Imaginário. Notícias de hora a hora.

Programa 2

16.00: Música do século XX; 16.32: Árias de óperas; 17.00: Integrais; 17.20: Pianistas; 18.00: «Ritual à Memória de Bruno Maderna», de Boulez; 18.40: Concerto sinfónico; 20.40: Música orquestral; 21.00: Música de câmara; 22.00: Solos instrumentais; 22.30: Música portuguesa; 23.00: Intercâmbio musical; 23.50: Solos instrumentais; 00.10: Sinfonia, n.º 2, em dó maior, op. 61, de Robert Schumann; 01.00: Pecho. Notícias de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

15.00: Dora a hora; 17.00: A feira mágica; 19.15: Musical; 20.00: Conta corrente; 21.00: Discos pedidos; 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Religiosos; 22.30: Tempo de desporto; 23.00: Vigésima quarta hora; 02.00: Guarda-nocturno. Notícias de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

16.00: O som da frente; 17.00: Rock em stock; 18.00: Círculo em FM; 19.00: Em órbita; 20.00: Nova geração; 21.00: Jazz; 22.00: As mil e uma noites; 00.00: Morçoso Hotel; 02.00: Guarda-nocturno. Notícias de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Onda Média

15.00: Ré maior; 18.30: Transmissão do tempo; 19.00: Quilómetros; 19.30: Quando o telefone toca; 20.00: Conversa de amigos; 21.00: Encontro; 22.00: Diário do desporto; 23.30: Clube dos colecionadores; 23.50: A vez e a voz; 23.55: Meditando.

Onda Média Regional-Voz do Minho e Voz do Porto
15.00: As boas tardes da Renascença; 18.30: Ligação à rede nacional; 19.00: Jornal das regiões; 19.30: Diversos; 20.00: Ligação à rede nacional.

Voz de Lisboa

15.00: A Rádio da cidade; 18.30: Sete colinas; 20.00: Diálogo; 20.30: Transmissão do tempo; 21.00: Música no espaço; 23.30: Diário do desporto; 23.57: Meditando.

FM-Estéreo

13.10: Os cem mais; 19.30: Transmissão do tempo; 20.00: Serra de estrelas; 22.00: Oceano Pacífico; 23.55: Boa noite. Notícias a todas as horas.

RTP/1

18.00 — Sumário

18.07 — Tempo dos Mais Novos

A emissão de hoje é preenchida com mais um episódio das séries «A Arca de Noé» e «O Urso Teddy».

18.45 — País, País

19.15 — Trânsito

19.45 — Boletim Meteorológico para a Agricultura

19.55 — O Livro Grande de Petete

20.00 — Telejornal

20.30 — Boletim Meteorológico

20.40 — Corpo a Corpo

(46.º episódio): Alice pede a Amauri que a deixe morar em casa de Zoraide, mas Amauri nega-se a fazer isso e diz que vai levá-la de novo para casa da mãe dela. Alice chega a casa e vai logo ao telefone, liga para Cláudio e os dois marcam uma saída. Amauri liga para Lúcia e os dois combinam encontrar-se no dia seguinte em casa de Eloá, que está vazia. Bia pede a Palmira o endereço do antigo chefe dela, na fábrica de computadores que foi fechada, para saber o motivo do encerramento repentino. Teresa vai procurar Guiomar e convence-a a ajudar na carreira do filho. Lúcia e Amauri encontram-se em casa de Eloá enquanto Alice a Cláudio saem para jantar fora.

21.30 — Panorama

«Mensagem a Portugal»: Uma homenagem da nação brasileira a Fernando Pessoa e a todas as mulheres e homens portugueses que de aquém e de além mar escreveram uma das mais belas e heróicas páginas da história da humanidade.

22.30 — Estranhos Poderes por Arthur C. Clark.

(7.º Episódio). Serão as filhas gémeas de John e Florence Pollock a reencarnação das suas irmãs também gémeas mortas num acidente de viação dezassete meses atrás? Será que Ray Bryant, um jornalista de meia-idade, é a reencarnação do sargento Reuben Stafford, um soldado da guerra da Crimeia? Artur C. Clarke fala-nos destes e doutros casos de reencarnação, por vezes tão estranhos que é difícil concluir se não serão efeitos de imaginações criativas...

22.55 — 24 Horas

23.25 — Remate.

RTP 2

16.30 — Europa TV

16.35 — Tempo dos Mais Pequenos

«Tic-Tac», «Emília» e «O Raposão» são os desenhos transmitidos hoje neste habitual espaço dedicado aos mais novos.

17.00 — Count Down — Contagem Rock

17.40 — O Tempo

17.45 — Série Juvenil: Pierre Fabien

18.20 — O Mundo Amanhã

O tempo; Eurorepórter



«Estranhos Poderes por Arthur C. Clark»: hoje mais um programa na RTP 1



Na emissão da Europa TV, «Retrato a Corpo Inteiro» de Joan Collins

18.35 — A Ciência dos Nossos Dias

18.55 — Joan Collins: Retrato de Corpo Inteiro

19.50 — Documentário: «papel feito à mão».

20.00 — Notícias

20.05 Videopolis

20.40 — Falar de Macau.

«Luta de Cães»: considerado costume bárbaro pelos ocidentais, a luta dos cães é, afinal, mais uma tradição de Macau. Produzido e realizado pela TDM (Televisão de Macau).

21.10 — Cinema Português em Retrospectiva

«A Canção de Lisboa»: Trata-se de uma das mais famosas obras do cinema português, uma comédia exemplar que ainda hoje é um modelo do género. Surgida no ano em que o Estado Novo se dotava da sua Constituição, «A Canção de Lisboa» é uma explosão de talento, humor e criatividade, revelando um lote fabuloso de actores que o cinema sonoro, o humor revisteiro naquilo que tem de melhor e a carisma pessoal de alguns deles (António Silva e Vasco Santana, nomeadamente) viria a tornar os sustentáculos da saborosíssima comédia à portuguesa no cinema.

O diálogo de José Galhardo (em que terão colaborado também Fernando Frago e Chianca de Garcia), enraizado na mais profunda tradição popular lisboeta e numa prática rodadíssima na revista, é um dos pilares deste filme que em tom de comédia observa com indistigável simpatia as gentes de Lisboa, na sua vida quotidiana, no seu bairrismo inocente e ambições simples.

Trata-se de um filme cheio de achados e invetividade, baseado numa equipa jovem que arrisca num terreno novo, quando a grande êxito anterior do cinema português fora o do dramatismo fatalista de «A Severa». «A Canção de Lisboa» abriu um caminho que viria, nos anos seguintes, a ser explorado com felicidade por vários cineastas, mas onde se viria a criar a comédia popular, ainda hoje com lugar destacadíssimo no cinema português.

Realce ainda para a música soberba de Raul Portela e Raul Ferrão, estrondoso êxito popular que os anos não apagaram.

Realizador: Cottinelli Telmo. Intérpretes: Vasco

Santana, Beatriz Costa, António Silva, Teresa Gomes. Duração: 118 minutos. Ano de estreia: 1933. Género: comédia. Fotografia: Preto e Branco.

22.40 — Últimas Notícias

AMANHÃ

RTP/1

11.00 — Onde fica Isto?

11.30 — Espaço 11/13

12.45 — Vereda Tropical.

Jamil sai, correndo, do seu quarto, empurra Theda e mete-se num táxi. Veronica dá ordens a Vilela para despedir as grevistas da fábrica, incluindo Silvana.

A propósito de falarem sobre o seu romance, Bina vai a casa de Bertazzo para o ver. Gabi conta a Alfredo o plano de Oliva para assumir a presidência do Clube, plano que envolve a destruição profissional de Luca. Catarina desautoriza a irmã, permitindo a entrada das operárias grevistas na fábrica. Luca abandona o trabalho quando Bertazzo o avisa do contrato com o Cantareira. Silvana espreita a sala onde Oliva e Da Paz conversam.

13.15 — Jornal da Tarde

13.35 — Ciclo Preparatório TV.

18.00 — Sumário.

18.07 — Tempo dos Mais Novos.

18.45 — País, País.

19.15 — Telemundo.

19.55 — O Livro Grande de Petete

20.00 — Telejornal

20.30 — Boletim Meteorológico

20.35 — Vamos jogar no Totobola.

20.40 — Corpo a Corpo

21.25 — Noite de Cinema — «Adeus Columbus»

23.15 — 24 Horas

23.40 — Remate.

RTP 2

16.30 — Europa TV

16.35 — Tempo dos Mais Pequenos

17.00 — Count Down — Contagem Rock

17.40 — Meteo

17.45 — Spectrum: As notícias em Revista

18.20 — O Mundo Amanhã

18.30 — Série Juvenil — «A Teia do Poder»

19.29 — Documentário: «Retrato do pintor K. Willink»

20.00 — Pare, Escute e Olhe

20.30 — O Mundo Barroco

21.25 — Notícias

21.30 — Foi êxito na TV

22.30 — Últimas Notícias.

SOS
CLÍNICA DE TELEVISÃO A CORES
A MELHOR ASSISTÊNCIA AO SEU TELEVISOR E VIDEO
GARANTIMOS RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
SERVIÇO DE SERVIÇO PERMANENTE
T. 88 27 86 - 89 98 26
Av. S. Ildefonso de Deus 11-B - R. de Macau 8-11 LISBOA

MELO
INFORMÁTICA
MICROCOMPUTADORES
AMSTRAD — ATARI
TIMEX — SINCLAIR — Q.L.
JOSÉ DE MELO & SILVA, LDA.
Escritório: R. Bernardino Ribeiro, 15 - cave/dt.
Loja Zédores: R. Conde Redondo, 5 Loja C
Loja Melo: R. Gonçalves Crespo, 18-C (INAUGURAÇÃO 1/10/86)
Tel. Zédores: 54 00 04 - Tel. Melo: 52 56 00 - 1100 LISBOA
Demonstrações 3.ª e 5.ª das 18 às 20 horas

GRUNDIG seleccionou para si...

RTP/1

21.30 — Panorama

RTP 2

20.05 — Videopolis

GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.
Rua Bento Jesus Caraca, 1
Cruz Quebrada-1495 LISBOA
Telef. 4197570

«Corpo a Corpo»



MARÉS DE HOJE			
PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
05.34	3,30 m	10.57	1,40 m
17.45	3,50 m	23.28	1,40 m
Dia 14			
06.13	3,20 m	11.38	1,60 m
18.25	3,30 m		

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS:	
BRAGANÇA	10°
VIANA DO CASTELO	11°
VILA REAL	10°
PORTO	12°
COIMBRA	12°
CABO CARVOEIRO	14°
CASTELO BRANCO	13°
PORTALEGRE	10°
LISBOA	13°
ÉVORA	12°
BEJA	12°
FARO	16°
SAGRES	15°
PONTA DELGADA	8°
FUNCHAL	18°

Papa mandou mensagem pelo bombeiro-ciclista

Fátima não encheu mas a fé não murchou

Fátima vive hoje o 69.º aniversário do aparecimento de Nossa Senhora aos pastorinhos com uma mensagem do Papa e com menos peregrinos que o ano passado, porque as cerimónias decorrem em dias de trabalho, ao contrário do que aconteceu no ano anterior em que coincidiram com um fim-de-semana, registando uma afluência de cerca de três milhões de pessoas, segundo fontes do próprio santuário.

As cerimónias deste ano, durante as quais foi lida, esta manhã, uma mensagem gravada que o Papa João Paulo II entregou no dia 30 de Março, no Vaticano, ao bombeiro-ciclista de Leiria, Carlos Vieira — destinada aos peregrinos — além deste facto apresentou-nos um outro: a participação de treze bispos angolanos nos actos religiosos. Além desses treze bispos angolanos — que pediram aos peregrinos para que rezassem pela paz em Angola — as cerimónias tiveram ainda a presença de 23 portugueses e um sueco.

Carlos Vieira cumpriu esta manhã, entre Leiria e Fátima, o percurso de 2565 quilómetros entre o Vaticano e a Cova da Iria, tendo saído de Roma no dia 1 do corrente com a mensagem, curta, gravada pelo Santo Padre.

Entretanto, inúmeros portugueses participaram na tradicional peregrinação do Mont Roland (Jura), em França, em honra de Nossa Senhora de Fátima.

Ensino Superior

Trabalhadores ameaçam com greve

Trabalhadores do ensino superior reuniram-se no primeiro encontro nacional para analisar a situação daquele grau de ensino à luz dos projectos de lei de bases do sistema educativo.

Os problemas laborais foram também objecto de debate e decisões, com base no caderno reivindicativo apresentado pela Federação dos Sindicatos de Função Pública ao Ministério da Educação e Cultura.

Foram decididas as seguintes formas de luta: convocar plenários regionais (Lisboa, Porto e Coimbra) de trabalhadores das carreiras de biblioteca, arquivo e documentação, entre 22 e 24 do corrente, para decidir as formas de luta, se não houver uma resposta positiva do Governo à sua proposta de reestruturação de carreiras.

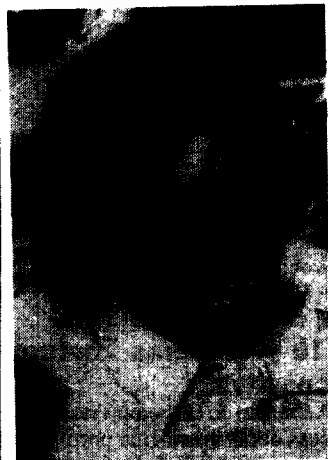
Foi igualmente decidida a realização dum plenário de trabalhadores dos serviços sociais das Universidades de Lisboa para 20 de Maio, na cantina II, para analisar a situação e decidir formas de lutas, nomeadamente a greve, pela publicação dos decretos regulamentares que consolidem a integração daqueles na Função Pública.

Os trabalhadores do Ensino Superior exigem do Ministério da Educação e Cultura que no fim de Maio apresente os quadros de pessoal das escolas superiores de Belas-Artes, Conservatório de Música de Lisboa e do Porto e das Escolas Superiores Agrárias de Coimbra e Santarém. Se o Ministério não corresponder a esta exigência, os trabalhadores reúnem-se em plenário nos primeiros dias de Junho a fim de marcar formas de luta, designadamente a greve.

Queimada num prédio de Carcavelos

Um incêndio de origem ainda não determinada destruiu esta madrugada o rés-do-chão de um edifício localizado na Quinta de São João, em Rebelva, Carcavelos, tendo provocado queimaduras de segundo grau numa das locatárias e intoxicação pelo fumo em mais cinco inquilinos. A locatária vítima de queimaduras, Helena Cristina Vidal, de 27 anos, teve de ficar internada no Hospital de São José, enquanto os cinco intoxicados foram assistidos no Hospital de Cascais, após o que tiveram alta.

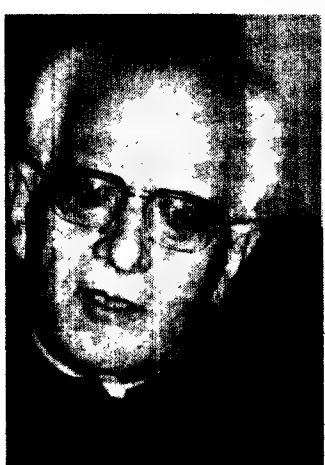
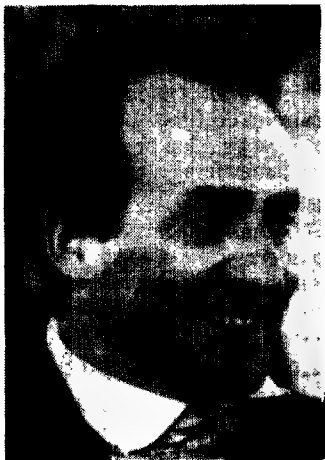
D/E/C/A/R/A/S/



MICHAEL JACKSON assinou um contrato com a Pepsi Cola, por três anos, cujo valor não foi ainda revelado mas que se presume seja um dos mais altos pagos até hoje a um artista. O presidente da Pepsi, Roger Enrico, disse que Michael Jackson participará em vários anúncios e gravará duas canções, sendo que uma delas fará parte do seu próximo álbum.

JUAN CARLOS, rei de Espanha, acaba de ser distinguido pela Fundação Goudenhove — Kalergi, vinculada à União Paneuropeia, com o prémio para o ano de 1986. Este galardão, que pretende homenagear personalidades que se tenham distinguido por serviços prestados à Unidade da Europa e que é constituído por uma medalha de ouro e por um diploma, será entregue em Junho, na capital espanhola.

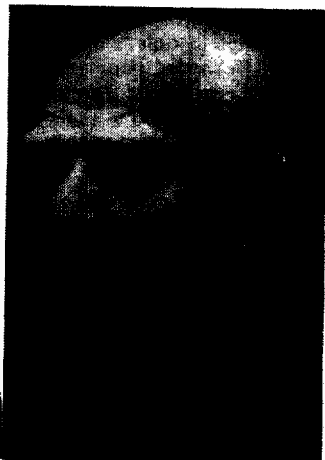
ALBERTO MORAVIA considera que o intelectual «é a única figura positiva criada



pela burguesia». «O intelectual burguês pode ser escritor, artista, professor, jornalista ou tradutor, mas pensa e, por isso, pode emitir juízos morais e cumprir uma importante função na sociedade», explicou o escritor italiano, durante uma conferência sobre a sua obra, na Universidade Complutense de Madrid.

GABRIEL GARCIA MARQUEZ a novela «Crónica de uma Morte Anunciada» deste escritor colombiano, vai ser transposta para o cinema pelo realizador italiano Francesco Rosi, que já partiu rumo a Mompox, uma pequena localidade colombiana a sul de Cartagena, onde decorrerão as filmagens. De acordo com os projectos de Rosi, o filme deverá estar concluído em Setembro, «quando começam no trópico as grandes chuvas já não é possível trabalhar».

D. ANTÓNIO FERREIRA GOMES, bispo resignatário



do Porto, e o bispo de Coimbra, D. João Alves, são dois dos colaboradores do último número da revista *Communio*, que abre com um estudo do cardeal Joseph Ratzinger sobre a essência da Europa. D. Ferreira Gomes reflecte sobre a «Europa e a fé cristã — do Concílio ao Sínodo extraordinário», enquanto o trabalho do bispo de Coimbra aborda a «Segunda evangelização da Europa».

DANIEL BARBOSA, que foi professor universitário e ministro nos governos de Salazar e Marcelo Caetano, faleceu ontem com 77 anos. Daniel Barbosa leccionou na Faculdade de Economia e no Instituto Superior Técnico. Em 1945 foi nomeado governador do então distrito autónomo do Funchal e em 47 assumiu as funções de ministro da Economia. Um mês e cinco dias antes do 25 de Abril de 1974, Marcelo Caetano confiou-lhe a pasta da Indústria e Energia.

Siemens e Centrel discutem minutas

A empresa alemã federal Siemens e a portuguesa Centrel estão a estudar as minutas dos três contratos que irão celebrar para o fornecimento de centrais digitais aos CTT — informou a agência NP de fonte das duas empresas.

Trata-se de um projecto de contrato relativo à transferência de tecnologia, de um segundo acerca dos investimentos a efectuar e de um terceiro sobre o fornecimento propriamente dito.

Os três documentos foram propostos na semana passada pelo Instituto de Investimento Estrangeiro e pelos CTT e referem-se à parte de mercado, ainda não claramente definida, que será atribuída a um dos dois fornecedores previstos — uma firma em constituição com capitais da Siemens, da Centrel e do IPE (Investimentos e Participações do Estado).

Ao outro fornecedor, cuja selecção será feita até ao final de Junho, candidataram-se três firmas: a sueca Ericsson, a norte-americana ITT (que tem uma filial portuguesa no sector de telecomunicações, a Standard Eléctrica) e a francesa Alcatel.

Setenave em greve acusa o Governo de esbanjamento

Os trabalhadores da Setenave (construção e reparação de navios) estiveram ontem em greve, prosseguindo uma luta encetada no fim-de-semana contra os salários em atraso, a falta de encomendas e o bloqueamento da negociação do seu caderno reivindicativo.

Uma fonte da Comissão de Trabalhadores da Setenave informou que, na semana de 19 a 23 de Maio, não foram pagos os salários de Abril, os trabalhadores desencadearão novas formas de luta.

A mesma fonte acusou o Governo de esbanjar dinheiro com o aluguer de barcos ao estrangeiro quando um estaleiro moderno como a Setenave, há 8 anos não tem encomendas de novos navios para a frota nacional.

SETE PONTO SETE

SUPLEMENTO SEMANAL DO DIÁRIO DE LISBOA. SAI ÀS TERÇAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. RESPONSÁVEL EDITORIAL: JOÃO MENDES. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO 44, 1.200 LISBOA. TELEF. 320271/320272. TELEX: 12363

Trovante ganham novo «fã»



Págs 2 e 3

Dó Ré Mi

E ÊÊ... Oóóh... Braços erguidos, corpos oscilando até às mãos ao som da chamada: eis um pedido de **encore** que Soares não conhecia ainda, a julgar pelos comentários enlevados que fazia, no seu camarote, para José Nuno Martins, sabe-se lá se já a pensar na próxima eleição presidencial.

A história da ida de Soares ao concerto dos Trovante conta-se em duas palavras e é um golpe de mestre: familiares seus e ele próprio conheciam e estimavam a música do grupo. A Presidência recebeu, como sempre recebe, convite para o recital. Desta vez, porém, era José Nuno Martins que convidava, ele que tão por dentro esteve da eleição do Presidente. Era ele e os próprios Trovante, como nos dizem de Belém. A curiosidade pessoal de Soares somou-se a razão de Estado: os 15-20 anos estão, como nunca, afastados da política? Ninguém, desde deputados a governantes, sabe «por onde lhes pe-

gar»? Há que fazer como Mitterrand, que decidiu ir pessoalmente à feira de banda desenhada de Angoulême: se os 15-20 anos não vêm à política, é porque a política nunca vai até eles.

Às dez da noite de sábado, em ponto, Soares expõe-se portanto, do alto do seu camarote, a um misto de espanto, de entusiasmo, de despeito e de adesão: as palmas ganham às vaías e ele associa-se ao aplauso. Depois **A Portuguesa** irrompe, frouxa e mal afinada: o Coliseu põe-se de pé e cala-se, ainda mais perplexo e já um pouco comovido. Tudo acaba muito depressa e o espectáculo arranca logo a seguir: Soares ganhou o primeiro round.

Sobre o espectáculo, ver páginas 2 e 3. No fim, os Trovante, mais alegres e pulantes do que nunca, sobem em corrida ao camarote presidencial. Eufóricos e inundados em suor, estreitam o homem que ousou vir. Luís Represas fica a

conhecer de muito perto o after-shave do Presidente. Este dá-lhes espaço, o camarote transforma-se em tribuna, Soares aplaude-os de lado. Mais abraços. Eles cantarão mais uma, a pedido do Presidente. É o delírio. Soares ganhou o round final.

«Ele quis homenagear, através dos Trovante, toda a música portuguesa jovem, todos os novos compositores» — dizem-nos, protocolares mas ainda entusiasmados, os serviços da Presidência.

Os mais jovens de entre o público gostaram de tudo, e nunca tinham pensado que um Presidente da República viesse bater o pé com eles diante do grupo que passaram a idolatrar.

Quanto aos mais velhos, não sabemos bem: perguntem a Sérgio Godinho e Janita Salomé, por exemplo, que lá estavam, o que têm a dizer sobre o que viram e ouviram...

J.M.



Wim Wenders
e a ética
da fotografia

Pág. 5



Trovante, para os jovens dos

SÁBADO, 10 de Maio, 22 horas, Coliseu dos Recreios: o público ergue-se ao som do Hino Nacional, tocado em honra do Presidente da República. Pouco depois, as luzes apagam-se e Luís Represas, vocalista dos Trovante, surge em palco entoando algo que faz da sua voz mais um instrumento do que um veículo da palavra. O pano abre-se para dar a ver os outros seis Trovante que o acompanham. De repente, o movimento cessa no palco e ouve-se a voz de José Nuno Martins, a quem compete apresentar o grupo. Em escassos minutos o cenário está delineado: um público quase delirante quando ouve o nome e a música dos Trovante em contraste com a quase solenidade com que escuta o Hino e recebe Mário Soares. No palco e no camarote nobre músicos e Presidente demonstram saber do seu ofício.

Como em Junho de 1984, os Trovante entraram e saíram do Coliseu, no

sábado, como vencedores a quem já não fosse exigido qualquer gesto de conquista. Estiveram dois anos afastados daquele palco, mas a lotação do Coliseu esgotou para os dois concertos inicialmente previstos, obrigando-os à realização de um terceiro, no domingo. Estiveram dois anos sem gravar, mas o seu álbum «Sepas» entrou já para o «Top 20» dos mais vendidos em Portugal e, no Coliseu, a assistência demonstrou conhecer as suas mais recentes composições. A popularidade dos Trovante é incontestável junto de um público que oscila maioritariamente entre os 15 e os 20 anos, mas que integra também gente de idade inferior ou superior aos limites referidos, fazendo recordar o velho «slogan» da revista Tintin «para jovens dos 7 aos 77 anos...».

Eles são, no panorama da música portuguesa, um fenómeno pratica-

mente único, embora se reclamem de uma herança forte, a da chamada música popular portuguesa. Numa entrevista concedida em Maio de 1984, ao Sete Ponto Sete, afirmavam sentir-se próximos de um Zeca Afonso ou de um Fausto, recordados no Coliseu através de duas composições. Diziam então que existe «uma tendência em todo o mundo para a simplicidade em música». «Essa simplicidade, essa depuração, são características do Zeca, do Fausto, e nós julgamos partilhar delas». Mas a essa tendência «universal», eles procuram, dizem, juntar algo de português: «O nosso ritmo é mais lento, não é o do 'stress' europeu! Lisboa não é Frankfurt! Tem ainda escadinhas, becos, calçadas, rampas...».

Fado

Tinham então descoberto o fado, presente em «84» com Travessa do



Luís Represas



Fotos de José Tavares



sete aos setenta e sete anos

Poço dos Negros, e que volta em «Sepes» com **Fim**, uma das melhores composições deste álbum. Com a descoberta do fado começava para os Trovante o episódio da música urbana.

A pertença à cidade era já, no entanto, reclamação antiga do grupo, como pudemos comprovar através da consulta de entrevistas publicadas neste mesmo suplemento em 1978 e 1981, quando da edição dos álbuns «Em Nome da Vida» e «Baile no Bosque». Falavam então na sua vontade de manter ritmos rurais, sem que tal os levasse a menosprezar «perfis melódicos que têm muito a ver com a cidade». Defendiam a heterogeneidade dos ritmos populares, de um «litoral ribeirinho» a um «interior muito mais duro», passando pelo folclore urbano, o «fado como ritual, a canção no limite extremo da voz».

Com «Sepes» afirmam querer ul-

tra passar a ruralidade, para se fixarem no urbano. Falam do equívoco da música tradicional, para contraporem a natureza citadina de todos eles. Mas querem continuar a ser portugueses e de novo citam o fado como exemplo de música urbana. A repetição do mesmo esboçada na «teoria» que pretendem desenvolver em torno da sua música, foi, no entanto, ultrapassada nos concertos do Coliseu, onde a par da influência do fado no já citado **Fim**, julgámos reconhecer os «Doors» de «Apocalypse Now» na abertura de «Aerograma», composição sobre a guerra colonial, a mão direita de Chic Corea no solo de Manuel Faria que introduz «Linha das Fronteiras», e o ritmo das mornas cabo-verdianas a ganhar espaço contra o que chamam de «brasileirismos».

A partir deste e doutros cruzamentos de ideias e influências, os Trovante

conseguiram erguer um som próprio, uma marca distintiva já patente em discos como «Chão Nosso» e «Em Nome da Vida», datados de 1977 e 1978 respectivamente, e que o tempo tornou mais apurada. Em 1981, quando da edição de «Baile no Bosque», afirmaram-nos que ele reflectia «uma maior aprendizagem instrumental e uma maior maturidade como músicos». Sobre «84» disseram-nos que este era o «disco mais português que até então tinham feito», que nele tinham tentado abrir novas pistas e que o fado estava no futuro. Sobre «Sepes» afirmam reflectir um processo de assumir a sua natureza urbana e o tempo presente. Em entrevista a um semanário acrescentavam ainda que com o seu álbum anterior tinham esgotado um filão (o da chamada música popular?).

Na verdade quando dos concertos de 1984, interrogamo-nos sobre qual seria o futuro do grupo, se teimasse em re-

petir as mesmas soluções musicais. Após este espectáculo do Coliseu, resta-nos reconhecer que os Trovante souberam dar, a tempo, um salto na continuidade. Sendo os mesmos ainda, eles distanciam-se já dos Trovante que, em 1981, revelaram a sua capacidade em entusiasmar o público presente no Campo Pequeno, na festa do «Sete», ou que, em 1983, tornaram possível, na Aula Magna, a fusão do espectador e do artista.

Superficialidade

As previsões por eles feitas na altura tornaram-se realidade. Há cinco anos, Artur Costa dizia-nos: «com este espectáculo do Campo Pequeno estamos talvez no limiar de outra época: o público já quer de nós outras coisas que não seja preenchermos segundas partes de espectáculos» e José Martins acres-

centava, criticando a habitação a um estilo patente nos espectadores portugueses: «O que nos interessa é que o público desenvolva a capacidade de estar aberto à qualidade. De então para cá, nomes como o do Fausto, Sérgio Godinho, Rão Kyao e, claro, os Trovante, foram suficientes para encher o Coliseu dos Recreios. Sábado, eles encheram as pessoas de música e de festa, falaram de uma guerra que já passou, deram os parabéns à música portuguesa por finalmente o camarote presidencial se encontrar ocupado, abraçaram, no final, Mário Soares, voltaram várias vezes ao palco. Eles têm qualidade, são profissionais, são jovens e sabem ainda transmitir ao seu público essa sensação de superficialidade tão cara aos tempos de hoje, que talvez seja, afinal, a expressão «urbana» de tomar posse dos acontecimentos antes que eles nos apanhem a nós...

Clara Viana



José Salgueiro



Artur Costa



Fernando Júdice

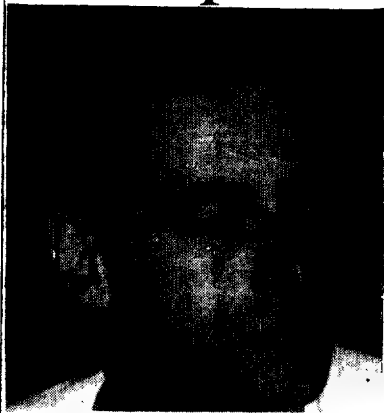


Manuel Faria



João Gil

Sinais dos Tempos



Ney novo

Nem base de palco pôs na cara, e nem no intervalo mudou o fato de linho branco. Ney Matogrosso está novo, acabou com as penas de índio na cabeça e no rabo e já não dá às cadeiras como uma corista. Tudo isto esteve à vista no seu último espectáculo, no Golden Room do Rio de Janeiro. Enquanto à música, até *Besame Mucho* cantou, ele que há anos, quando começou com os **Secos e Molhados**, pensava que o cantor, lá em casa, era o irmão. Toda a gente gostu, e já só ele se lembra de quando foi recusado no teste de canto para um papel na *Missa* de Ruth Escobar, e de quando roubava o almoço no supermercado.



Ouvintes novos

Escutas telefónicas? Só os «suspeitos de terrorismo» as vão sofrer, segundo a Lei de Segurança que o governo decidiu quinta-feira levar à Assembleia antes do fim do Verão. Um juiz e o MAI (circunstancialmente Eurico de Melo) terão, caso a caso, de acender o verde para que o polícia escute. Tudo está em conhecer naturalmente, quem é, quando e porquê, «suspeito de terrorismo», e em que circunstâncias se sabe que determinado cidadão, por o ser, esteve sob escuta.

Leilão em Loures

Severiano Falcão tentou impedir o maior leilão efectuado em Portugal desde o 25 de Abril: aquele que, visando uma receita de cem mil contos, vendeu de quinta a sábado passados mobiliário, pintura e tapeçaria do século XVIII, pertencentes à Quinta da Fonte Santa, em Caneças. Os haveres foram comprados até ao 25 de Abril pelo banqueiro Miguel Quina através da Cimobim. Com as nacionalizações, o BB&I tornou-se proprietário, e a Finangeste administradora. Agora, a Finangeste precisou de leiloar para realizar capital. Severiano Falcão considerou tratar-se e «depradação do património público».

LIMBOS

Filosofar é sonhar

DESCARTES atribui grande importância à descrição de um interior propício à filosofia, porque, para ele, filosofar e sonhar não se distinguem.

Teorizando a luz, o filósofo aparenta-se com o pintor, o seu movimento procede do da pintura — ele tem de trabalhar com a sombra e com a luz a fim de fazer emergir alguma verdade.

O **Discurso do Método** apresenta-se à partida como uma fábula das fábulas, porque elas oferecem um prazer próximo do sonho acordado, e se mostram indispensáveis para combater o tédio do discurso teórico: «para que o tamanho deste discurso vos aborreça menos, envolverei irte dele na invenção de uma fábula...», escreve Descartes no seu **Le Monde** (capítulo V). Do mesmo modo que é necessário fechar as janelas, e transformar o fogo aberto das lareiras em aquecedores, também por vezes é indispensável saber preservar o nosso rosto do exterior, escondendo-o atrás de uma máscara (cf. **Préambulos**: «avanço mascarado»). A verdade exige a sombra porque é um sonho, uma representação.

A luz não conseguiria escapar à representação, e esta às sombras, o que explicaria também porquê Descartes, ocupando-se do problema da luz, convoca o personagem do cego. Ver o sol da verdade equivale a caminhar (sem cair) nas trevas, visto que «não poderíamos duvidar de que o sol tem em si essa luz que nos ofusca quando olhamos demasiado fixamente» (1).

O filósofo vê ser-lhe atribuída a sombra por morada e de resto, longe de o incomodar, esse lugar será aquele mesmo de onde virá o gozo proporcionado por sonhos e divagações.

Pensamos que convém mostrar o modo como, em Descartes, a luz que é preciso procurar e encontrar, advém da voluptuosidade do corpo. O prazer em descobrir a verdade não poderia dissociar-se daquele que se tem em dormir. Visto que os meus sonhos são como quadros e pinturas (1.ª meditação), e que eu não poderia impedir-me

de representar a luz como num quadro, portanto por meio de sombras, como não admitir que toda a filosofia se resume a uma história de amor de um homem-máquina consigo próprio, «na sua cama» (1.ª Meditação) ou em roupão de quarto (1.ª Meditação) diante da luz de um fogo. E também se poderia provar a existência própria e a Deus durante o sono, que nada mudaria: «é certo que sou e existo mesmo que esivesse sempre adormecido» (1.ª Meditação), ou ainda, «mesmo que eu durma, tudo o que se apresenta ao meu espírito com evidência é absolutamente verdadeiro» (5.ª Meditação). Não apenas o sono não diminui o carácter apodíctico da verdade-luz, como é condição essencial da emergência desta. Exactamente porque a verdade releva infalivelmente da representação, Descartes mergulha com delícia no sono, deleita-se com essas horas em que os espíritos animais não atingem a medula, terreno neutro, tela branca propícia à criação de quadros ou de fábulas, fábula que será nada menos do que um discurso do método.

Para chegar aí, é preciso dormir, pelo menos, dez horas por dia: «Estimo-a (à reputação) muito menos que ao repouso e à tranquilidade que possuo. Aqui, durmo dez horas por noite sem que nenhuma preocupação me acorde. Depois de o sonho ter longamente passeado o meu espírito por bosques, jardins e palácios encantados, onde exprimo todos os prazeres imaginados nas fábulas, misturo insensivelmente o meu sonho acordado com o da noite...» (2). Aos sonhos da noite sucedem os sonhos acordados do dia, o corpo e o espírito permanecem sob a influência dessa força inquietante e que é ao mesmo tempo fonte de prazer. Também é preciso dizer que, depois de ter «sofrido a violência do sono» (!) (3), Descartes se entrega ainda ao sonho durante o dia, deitado à sombra num bosque. Na sua carta a Huygens em 19 de Agosto de 1638,

Descartes assimila os seus detractores a moscas cujo voo incomodaria, por instantes, o sono do adormecido. Moscas que não perceberam, evidentemente, que a decolagem não se opera senão ao cair da noite, quer dizer, na penumbra do sono em que sonharei enfim que voo... «se tivesse asas para voar, como Dédalo...» (4).

As moscas, insignificantes, sujas, aborrecidas, orgulham-se e alegram-se com o seu voozinho barulhento e cansativo, e assim aparecem como o exemplo privilegiado do exemplo perturbador do sonho: «como às vezes, quando dormimos, quando somos picados por uma mosca, e pensamos que fomos atravessados por na espada» (5).

De facto, nada de mais crispante do que essas pessoas que não sabem dormir — porque se trata, de facto, de um saber, de uma arte de filosofar, como anotamos nesse convite ao sono feito por Descartes à princesa Elisabeth: ele aconselha-a a seguir o seu exemplo, quer dizer, a não consagrar senão «algumas horas por ano aos pensamentos que ocupam o entendimento» (6). Nada de mais irritante, portanto, do que esses insones que protagonizarão o inimigo: «os meus inimigos não dormem», ou do que esses importunos que, ao sair-se de casa de uma princesa, nos arriscamos a encontrar. Que há de mais insultuoso, de mais desprezível, do que classificar um homem de **desperto**: (Ver também a carta a Pollot de 8 de Janeiro de 1644, em que Descartes estabelece a diferença entre ele e o seu adversário em termos de sono e de vigília: «o meu adversário, que julgo não dormir tão bem como eu»).

Assim, não nos espantemos ao ver Descartes encomendar uma cama em França! Não uma grande cama, mas uma cama que dê lugar aos sonhos, uma cama em que tudo se torne possível: o Mundo, o Homem, Deus. Seja, portanto, «uma pequena cama de campanha; porque as daqui (da Holanda) são muito incómodas e não há colchões» (8).

Janelas indiscretas XXV

Deitado em seu leito, à sombra de seus sonhos, o matemático basta-se a si próprio, tornar-se-á **autárquico** (9), e acederá, assim, ao gozo. Nada de mais doce que a solidão, «eu ficava todo o dia fechado, só, no quente onde alimentava à vontade os meus pensamentos» (10), a tranquilidade e o repouso: «a minha solidão, sem a qual dificilmente eu poderia avançar na procura da verdade; nela consiste o meu principal bem nesta vida» (11).

Com efeito, nenhum gozo pode igualar aquele que a ciência dá: «eu tinha experimentado tão extremos contentamentos desde que começara a servir-me desse método, que não acreditava possível receber outros mais doces, nem mais inocentes nesta vida» (12).

No seu gozo narcísico, o corpo ensonado acede à ciência e revela a geradora de vida. Descartes indica assim que os resultados da sublimação constituídos pela arte e a ciência (verdade=quadro=narrativa da fábula), longe de satisfazerem um só, e único, indivíduo, contribuem, além disso e sobretudo, para imortalizar a espécie, recriando-a e dando-a à luz sem cessar, a ela, ao mundo e a Deus. E este parto infinito não pode ter lugar senão num quarto onde reinem a penumbra e o calor.

Chaké Matossian

Notas:

- (1) *Principes de la Philosophie*
- (2) *Lettre à Balzac*, 15 de Abril de 1631
- (3) *Lettre au p. Mersenne*, 11 de Outubro de 1638
- (4) *Lettre au p. Deriennes*, 22 de Fevereiro de 1638
- (5) **O homem**
- (6) Carta de 28 de Junho de 1643i
- (7) A Pollot, 8 de Abril de 1644
- (8) A Ferrier, 18 de Junho de 1629
- (9) A Hogelande, 8 de Fevereiro de 1640
- (10) *Lettre à Elisabeth*, 9 de Outubro de 1649
- (12) **Discurso do Método**



Nu adormecido, 1950 — Óleo sobre tela, Lucian Freud

Wim Wenders: a ética da fotografia

Wim Wenders, o realizador de *Paris, Texas*, expõe em Beaubourg. O quê? Fotografias. Clichés feitos em 1983 no Oeste americano, a montante das verdadeiras referências do filme e o adaptarão às paisagens e à utilização da cor. Fotos de um cineasta, mas também palavras de um criador desiludido da sétima arte e que não hesita em dizer: «As fotografias têm uma consciência, uma moral daquilo que fazem, enquanto que o cinema foi profundamente atingido, esvaziado, pela publicidade e pela televisão. Na fotografia há uma ética.»

«**NUNCA** mais voltamos a encontrar o que vimos», diz, contemplando os seus clichés, o herói de *Alice dans les villes*, interpretado por Rudiger Vogler. A fotografia de referência é o contrário, e foi para flamar ao encontro do seu sonho que durante três meses, num mobilehome, primeiro na companhia de um chefe de produção, e depois, da sua assistente Claire Denis, Wim Wenders percorreu 2.500 milhas no Oeste americano, fazendo à volta de três mil diapositivos e também fotografias por sua conta e risco, uma selecção das quais apresenta actualmente no Centro Pompidou (1).

A entrevista teve lugar numa divisão super-aquecida do primeiro andar do Centro, onde, durante uma hora e meia, sentado de perfil, a barra escura dos óculos escondendo-lhe o olhar, Wenders, fiel à sua legenda, explica-se em tom monocórdico, com voz doce quase cantante, e olhando-nos somente uma ou duas vezes.

Depois de ter criado uma tensão que quase atingia o mal estar, o cineasta quarentenário, solitário e superdotado, agradece a nossa paciência e vai-se embora como veio. Já está longe, intenso e melancólico, flutuando entre dois sonhos, entre dois continentes, entre dois filmes.

— Durante dois meses fez fotos de referência para *Paris-Texas*, mas as fotos que expõe no Centro Pompidou não são fotos de referência. Que estatuto lhes atribui?

— Foi outra maneira de preparar o filme. Estas fotografias foram todas feitas em 1983 com uma máquina de formato grande, para meu prazer pessoal, e a fim de apanhar as cores e a luz do Oeste americano. Há vinte e cinco anos que faço fotografias, quase sempre a preto e branco, mas como *Paris-Texas* é um filme a cores pensei que também deviam ser a cores as fotos de preparação do filme.

Isto exigiu coragem porque, para mim, a foto é a preto e branco. E depois, o formato grande obriga a procurar um ponto de vista, avançamos, recuamos, esperamos que a luz seja boa, tiramos uma fotografia e pronto. Foi por isso que aceitei fazer uma exposição. Mostrar fotos de referência teria duplicado o trabalho do filme.

— O preto e branco era para si a cor da viagem. Como se fez a passagem à cor?

— Antes, perdia-me nas cores. Os meus filmes a cor não me pertencem tanto como os filmes a preto e branco. É por isso que faço tantas fotos de preparação.

As cores do Oeste americano são muito especiais. Primeiro, o céu é

quase sempre azul, não sé azul mas de um azul que não existe na Europa. E há as outras cores. Eles não têm relação entre si mas cada uma delas é tão forte que pensamos: «Eis a cor verde, ou azul, ou vermelha, eis o verdadeiro vermelho». Assim, a pouco e pouco, tomei confiança no meu direito de pegar nas cores e, durante a filmagem, senti-me à vontade com elas.

A cor era para mim uma abstracção, o preto e branco parecia-me mais realista. Isto explica-se. Se olharmos a história do cinema vemos que a cor é uma coisa que foi acrescentada. Foi o que se passou enquanto eu fazia todas estas fotos. Mas quando se começou o filme a cor já não me dava a impressão de estar a mais, tornara-se evidente, não era preciso falar nela, estava ali.

— Isso não se deve também ao facto de, depois de seis ou sete anos passados nos Estados Unidos, você ter dominado o olhar com que via a América?

— Não creio, e pergunto a mim próprio se isso de um olhar sobre a América existe. Sobretudo no Oeste. Em face dos grandes espaços vazios damos-nos conta de que não há olhar. Nas cidades é diferente, sobretudo se se viveu lá durante alguns anos, mas no Oeste, se se chega com um olhar, já não se vê nada. Só o que já se conhece.

Claro que vemos sempre aquilo que queremos ver o só fotografamos aquilo que já conhecemos, mas, no Oeste americano, quando se viaja sozinho e se acorda de manhã, nunca nada é pa-

recido, encontramos-nos, por assim dizer, na Lua.

— Tinha consigo duas máquinas. Uma Leica para as referências, as fotos rápidas, e outra para fixar a memória. O que é que determinava o uso de uma e de outra?

— Fazer uma fotografia com uma Leica é muito fácil e eficaz. Entre o instante em que se vê o que se quer fotografar, e o de carregar no botão, não chega a decorrer um segundo. Tudo corre à velocidade da luz, não se pensa na foto seguinte. Fiz assim dois mil ou três mil diapositivos para um lembrar de certos locais.

A outra máquina é completamente diferente. Primeiro é pesada, hesitamos antes de olhar lá para dentro, o seu quadro não é do cinema, tem um formato 6x7 quase quadrado, como uma tela, e permite um trabalho que não existe ou é quase inconsciente com a Leica ou com qualquer outra máquina reflex.

— O que é que o levava a fotografar uma paisagem de preferência a outra?

— Creio que todas as minhas fotos têm mais ou menos a mesma fonte. Na sua maioria há a escrita que se destaca, há o horizonte e algo feito pelos homens. Vêem-se bombas de gasolina, cinemas, painéis publicitários, lojas e casas. O que impressiona no leste americano é que tudo o que o homem construiu morre muito depressa.

Não é por causa do sol nem do clima mas porque a paisagem não é vivível. Há cem ou duzentos anos foi conquistado com um novo continente, com enorme optimismo, mas não foi um êxito.

Hoje, o Oeste volta a ser um deserto. Ainda há algumas auto-estradas, mas as estradas desaparecem, aquilo é demasiado grande, as pessoas vão de avião, toda a civilização — as pequenas cidades, as bombas de gasolina — está a diminuir, tanto que se pode imaginar que em breve não haverá mais nada, que o Oeste voltará a ser o que era há duzentos anos quando pertencia aos índios.

Parece-me que isto se vê principalmente em tudo o que está escrito na paisagem, como os cartazes. A escrita é uma maneira de conquistar o mundo, ela fica depois de as pessoas que escreveram já não estarem ali. Dir-se-ia que

houve uma catástrofe, mas não, a natureza é que é mais forte, e isso enteneceu-me muito.

Às vezes, numa casa ou num lugar da paisagem, vê-se um objecto que cai. Foi aí que parei para fazer estas fotos, como quando era pintor e parava, com as minhas tintas e os meus papéis. É outra diferença entre as minhas fotografias e as de referência. Os dois outros mil diapositivos são fotografias feitas em, na verdade, termos que parar. Claro que paramos, mas quando fazemos a foto já estamos de novo em movimento.

— As fotos de referência são pois um primeiro arranjo do cenário, da cor e também, evidentemente, da luz do filme. Em que medida se serviu delas durante as filmagens?

— Para *Paris-Texas* fiz, na verdade, referências excessivas. Mais de três meses, do Texas do Arizona. Se visse os mapas... Andei por toda a parte. Só com a memória dessas referências podia fazer trinta filmes, mas no caso de *Paris-Texas* isso era verdadeiramente útil porque toda a segunda parte do filme foi mais ou menos improvisada. As referências excessivas salvaram-me a vida. Eu sabia sempre que havia um lugar próximo onde se podia filmar esta ou aquela cena. Tinha algumas de reserva a outras. Tinha-as escolhido logo que as vi. Inventei mesmo cenas para as poder aproveitar.

— Há para si um elo entre a referência e a escrita do filme?

— Decerto que sim. E mais particularmente neste filme. Os cinco primeiros minutos foram escritos por causa de um lugar encontrado por acaso, nem mesmo estava um plano, não havia estradas para lá chegar. Sam Shepard não conhecia todos os lugares das filmagens, e eu mandava-lhe fotografias e escrevia os diálogos segundo a descrição do local.

— Disse que há muitas palavras, imagens (publicitárias) e sinais nas suas fotografias. Falando de Au fil du temps referiu-se a Walker Evans. Ao fazer *Paris-Texas* pensou em Robert Frank?

Não, porque, justamente, o trabalho de Robert Frank não é imaginável a cores. Não tentei despovoar o Oeste. Pelo contrário. Muitas vezes esperei que alguém aparecesse finalmente. Há vazio nas minhas fotos porque é assim mesmo, e é por isso que não é visível. É impossível fazer fotografias que não sejam projecções, cada foto dá uma definição da relação entre a própria pessoa e o mundo e é certo que aí há muito a aprender com Robert Frank.

— Viveu três meses num mobile-home que cumpria todas as funções e era ao mesmo tempo escritório de produção e quarto de dormir. É verdade que ouve uma música diferente em cada paisagem?

— Não se pode dizer da mesma maneira como se fosse um acto consciente. Há uma afinidade entre o rock'n roll e a liberdade que se encontra quando se viaja sem objectivo durante vários meses. Todas as manhãs se pode escolher ou não escolher onde se vai, a música define um ambiente ao acaso de uma cassette, há concordância ou não há. Às vezes é um acaso, a música está a mais, ela reforça um ambiente que já existia, e, no entanto, um dia, ao ouvir blues no carro, com Sam Shepard, demos conta de que tínhamos as mesmas cassettes. Portanto não era um acaso.

— Foi pintor, ou antes, creio, pintor paisagista. Que lhe resta disso quando olha para uma paisagem?

— Resta o desejo de pôr uma moldura. Para um pintor há sempre, antes de mais, um pedaço branco de determinada dimensão, o quadro é dado pelo branco do papel e põe-se-lhe qualquer coisa dentro. É uma maneira de enquadrar diferente da do fotógrafo. Para o fotógrafo o quadro surge quando ele olha pelo visor, ele define-o pelo exterior, ao passo que o pintor faz o contrário.

Um pintor é alguém que se encontra num quarto onde não vê nada, e que abre uma cortina. O fotógrafo não tem cortina, tem uma janela, avança ou recua, mas a janela já está aberta. É vago.

Não consigo exprimir o que quero dizer mas parece-me que guardei uma noção de quadro que é antes de mais uma folha branca.

— Diz que o cinema perdeu a sua capacidade de olhar, de ser um problema do olhar. Acha que com a fotografia é diferente?

— Sim, creio na verdade que a fotografia aprofundou cada vez mais o seu olhar, manteve-se intacta como forma e como acto, muito mais intacta que o cinema. Encontram-se em todo o mundo fotógrafos que têm uma consciência e uma moral daquilo que fazem. Há no seu trabalho uma forma, um estilo, ao passo que no cinema estilo, forma e consciência do acto se perdem cada vez mais. O cinema foi profundamente atingido, esvaziado, pela publicidade e pela televisão. Há uma ética na foto, enquanto que o cinema é catástrofe.

— Conhece-se a relação das suas personarans com a foto, mas você próprio, que relação mantém pessoalmente com a fotografia? Quem são os fotógrafos que mais aprecia?

— Há muitos fotógrafos de quem gosto, os velhos sobretudo, e antes de todos Walker Evans, porque foi através dele que comecei a apreciar a fotografia. Há também Atget e Meyerowitz. Mas os nomes escapam-me, é como quando me perguntam: «O que estás a ouvir neste momento?»

— Num texto intitulado «Le rêve américain», publicado na Revista Autrement, você escreveu: «Há já sete anos que vivo nos Estados Unidos. Aprendi a diferença entre o que esperava da América e a realidade americana». Isto significa que deixou de sonhar com a América?

— Sim e não. Quando sonho com a América sei agora que se trata de um sonho. Posso pensar nos Estados Unidos de modo objectivo, frio, duro ou desconsolado e mesmo horrorizado, mas posso sempre sonhar com eles. O Oeste continua a ser para mim uma paisagem de sonho, é a paisagem de Ulisses, hoje, no século XX. É uma paisagem onde ainda posso imaginar histórias míticas, mas é uma paisagem, não é um país. Foi o que aprendi durante estes sete anos. Posso pensar na América como país. É outra coisa que pensar nos Estados Unidos. Pensar na América está ligado ao sonho, mas pensar nos Estados Unidos pode estar ligado ao pesadelo. Escrevi o nesse texto. O sonho apresenta-se como um pesadelo pelas imagens que produz.

Patrick Roegiers

Nota:

(1) Wim Wenders, «Written in the West», no Centro Georges Pompidou.



«América»

■ Como é vista com binóculo europeu

DIZ-ME um amigo historiador que a ideia que os europeus formam da América, a terra do jazz e da «science fiction», é inevitavelmente má, e justifica-o com a característica de sermos chauvinistas, até nós portugueses, que nestas questões ou outras de igual timbre esquecemo-nos do facto de Portugal ser a Europa mais periférica por também sermos a mais ocidental. Mas isto do chauvinismo tem muito que se lhe diga — por exemplo que é termo aplicado ao modo de ser francês, e nós, que até sofremos de invasões francesas em tempos recuados, talvez sejamos os mais francófonos do continente.

Outros latinos, a Espanha como a Itália, não o são indubitavelmente, uns como empenhados mediterrânicos, os italianos com uma suficiência cultural espantosa mas absolutamente interiorizada (com, entre outros domínios, uma sociologia desenvolvidíssima mas pouco falada cá fora). De resto, encontramos o quê? Um outro chauvinismo completamente alheio, o alemão (em decorrência o austríaco), a dispersividade saxónica, sem vontade nem génio, e pouco mais. A Bélgica é redundante, os países escandinavos quase gelam culturalmente. É isto a Europa. De facto, só a França detém efectivo ímpeto cultural, favorecido pelo seu natural expansionismo pós-colonialista. O ministro da Cultura do governo anterior, Jack Lang, percebeu-o convenientemente, e daí que desafiasse o imperialismo cultural americano: tinha com que o substituir. Logo, para bem ou para mal, a França é realmente a vanguarda europeia — o essencial do pensamento da Europa encontra-se lá radicado (embora pudesse estar na Alemanha, mas, recorde-se, há duas Alemanhas, estigmatizadamente angustiadas). Descartes e Rousseau imperam, fazem a Europa. É assim.

Mas se se chegou à consciência de que a cultura americana era desafiável foi preciso não invocar o passado mas sim construir a alternativa a um imaginário presente, feito de coisas que acontecem agora, com a sua característica profusão, paradoxo, riqueza e mutabilidade. Só que, de facto, a cultura francesa ou de sua influência não o conseguiu, apesar de tudo. E daí o desespero irónico de Jack Lang ao aparecer em público vestido com alta costura nacional, arma estratégica para uma guerra já um pouco estapafúrdia.

Museu do Horror de Figuras de Cera

O fascínio cultural americano, com todo o seu «kitsch», mau gosto e plasticidade, para além de vectores outros que atingem as raízes do delirante e do sublime, continua indiferenciadamente actuante.

Um conto de Patricia Highsmith não deixa de funcionar metaforicamente numa conjectura. «A Gravata de Woodrow Wilson» refere-se a um Museu do Horror de Figuras de Cera, e lá se sucedem em exposição alguns «du-

plos» de figuras realçadas em eventos históricos, como Marat, ou de recentes acontecimentos sensacionais, como Sharon Tate. São representações de mortes violentas, estão ali como memória cerimonizada em espectáculo, reposição factual, cénica, com os intervenientes devidamente posicionados. Pois bem, um dos habituais visitantes do museu resolve um dia matar três dos seus empregados e colocá-los nos lugares da alusão. Um deles, uma mulher que estrangula, vai parar ao banho de Marat, como Charlotte, outro torna-se Marat ele-mesmo e o terceiro coloca-o na cena de Woodrow Wilson, a da assinatura do armistício de 1918. A matança torna evidente o sangue fingido que compunha os quadros. Toda esta encenação tem lugar à noite, e de manhã, quando chega o primeiro público, todos percebem que aquilo é verdadeiro: «Há aqui mortos! Verdadeiros!»

Delicioso, porque sintetiza numa pequena ficção o que é a América, no sentido lato que cultura pode ter — uma duplicação engenhosa da realidade, naquilo que Umberto Eco num livro agora traduzido para português, «Viagem na Irrealidade Quotidiana», chama de «Falso Absoluto», de tal maneira se apresenta melhor que o próprio real. As figuras de cera são substituídas por seres humanos — as mortes encenam-se sim, mas são autênticas, até mais precisamente devido ao cenário. Na América, o que não se representa não tem existência real, não acontece o que não está em cena.

É esta dimensão teatral da vida que espanta o europeu, que não precisa fingir nada. Os americanos, como povo jovem, fazem-no constantemente: são milhentos os museus nos vários estados, os próprios parques naturais são dados como museus a quem os visita. E igualmente assim estão a Disneylândia, Hollywood, a cidade de Nova Orleães, tal como faz notar Eco na obra referida.

Hologramas

Não por acaso a escola hiper-realista de pintura e escultura é americana, prosseguindo na tendência da réplica, reinventando o objecto real justamente porque o aperfeiçoa. Tivemos ocasião de ver há uns anos na Gulbenkian uma mostra do hiper-realismo, e infelizmente, na altura as ilacções dos críticos não foram longe na observação do que estava exposto enquanto parte de um fenómeno americano geral. A exactidão e precisão sendo tais que se ultrapassam mesmo os limites do concretamente observável, vindo deformar na direcção da supra-realidade, um real inatingível, se é que isso tem sentido.

Mas a América teve de ir ainda mais longe, propondo-se uma realidade perfeitamente imaterial, beneficiando dos desenvolvimentos tecnológicos. É o caso dos hologramas, que tanto serviram a William Burroughs em «Cidades da Noite Vermelha» em seqüências de enforcamentos rituais de sinal intensamente erótico. Um holograma põe



diante de nós figuras virtuais, que se movimentam e podemos observar consoante os vários ângulos, mas que depois, pura e simplesmente, desaparecem, «fake» que não pode deixar de ser.

Claro que Umberto Eco tinha que se interessar pelos hologramas, europeu que é apreendendo a actualidade americana — fá-lo-á logo no início da sua «Viagem». Trata-se do grande ideal do império das representações que são os Estados Unidos — o ícone sem modelo, tactilmente impossível, sem consistência alguma. O cinema, metalinguagem, já se havia imposto como imaterialidade, mas o holograma ultrapassa agora, com o avanço da tecnologia laser e da computação, a imaginação mais audaz. A imaterialidade de que fala Lyotard tem a ver com a América, necessariamente e antes do mais.

Seria até interessante verificar o que há de americano nas formulações pós-modernistas francesas.

E não estranha que também o italiano Eco, neste seu «Viagem na Irrealidade Quotidiana» que vimos comentando, tal como o havia feito o americaníssimo Burroughs, conecte a holografia com a imagética sexual. Escreve assim: «As duas raparigas, muito belas, estão nuas, agachadas uma em frente da outra. Tocam-se com sensualidade, beijam-se, lambem a ponta dos seios uma da outra. Actuam encerradas numa espécie de cilindro de plástico transparente. Mesmo quem não seja voyeur de profissão é tentado a circum-navegar o cilindro, de modo a vê-las também de costas, e de três quartos, e do lado oposto.» Lembremo-nos: o universo holográfico criado por Burroughs era igualmente homossexual,

como se o seu imaginário se concentrasse em si maior intensidade erótica e maior magnetismo visual. Apresenta-se, portanto, uma situação sexual fortemente conotada, de modo a contrastar em absoluto com a afinal falsidade do que se vê, uma tridimensionalidade etérea. Sem dúvida que isto é muito melhor que os filmes de Andy Warhol em que pedaços de carne humana pareciam cair sobre os espectadores ridiculamente munidos de óculos especiais.

A diferença entre William Burroughs e Umberto Eco na referência de ambos está em que o primeiro fazia-o integrando, e este revela a sua admiração. O pasmo é mesmo, não nos iludamos, a postura do europeu visitante nos Estados Unidos.

Continua na pag. 7



Continuação da pág. 6

Blade Runner

Apesar de tudo, e mesmo que satirizando o Super-Homem e a coca-cola, os donuts e Reagan, o Pato Donald e Michael Jackson, os europeus continuam a olhar para a América. Não há remédio. Mesmo os que afirmam ela já ter «passado de moda» fazem-no embaraçadamente, escondendo frustrações.

Sartre, numa sua «Situação», não escondia a perplexidade de europeu. Havia ido certa vez a determinada cidade americana, e quando lá voltou ela muito literalmente já não existia. Os americanos são nómadas, e isso é difícil de entender para um europeu com milhentas raízes. Curioso até que ponto a inexistência de um passado influi nos comportamentos presentes, exceptuando-se talvez um único caso, só que não se trata da coadunação a qualquer ancestralidade, obviamente, e sim a uma mitologia: os texanos são os únicos americanos que nascem e morrem no mesmo sítio. Kerouac com o célebre «Pela Estrada Fora», e depois Henry Miller com «Pesadelo Climatizado» são fundamentais no que espelham em meio ao desvaio da não-pertença americana — percorrer território EUA é para os personagens dos dois livros, descontando as ilações mais directas que têm em termos de conjuntura intelectual, como que buscar a sua identidade íntima mas necessariamente volante, parcial, solta. Não creio que ambos os títulos tenham sido bem lidos na Europa, na comodidade de serem apenas interpretados enquanto, nomeadamente no caso de Kerouac, símbolo literário «beatnik».

Mas falemos de mais outros interesses europeus pela América. Estávamos habituados, por aqui, a tomar como linha da frente da banda desenhada a francesa e belga, e esquecíamos-nos que antes do seu sucesso o que dominava eram os «comics» americanos e que as primeiras realizações BD europeias foram daí decalcadas. Bom, «Métal Hurlant» veio repor os termos, com a sua estética rock, e a partir de determinada altura proliferou muito a matriz «Mad», em alternativa aos super-heróis, que na verdade nada dizem aos europeus. Foram-se buscar referências a esse «antes», e os «novos gafistas» que há pouco estiveram em Portugal são exemplo vivo disso. Um álbum de Bilal sobre Los Angeles pode ser, neste contexto, paradigmático, não somente por saltar o Atlântico, na lógica do fascínio, mas fundamentalmente por ser um olhar sobre a cidade americana mais misteriosa e terrificamente futurística: cosmopolita, imensamente povoada, mas impessoalizada e fria, tecnicista e poluída, habitada por gente que quotidianamente perde pulmões e coração e estômago, um «mundo» de ficção científica.

Los Angeles é uma urbe de sonho, de pesadelo. Ao lermos «Blade Runner», ou vermos o filme tirado do livro, é essa uma das metrópoles de que logo nos lembramos. Na obra de Umberto Eco que vimos referindo, um dos textos inclui traços dessa ambiência. Em «A Nova Idade Média» o autor anota a proposta teórica de Roberto Vacca do que segundo este será um retorno à Idade Média, entendida negativamente a fácil decadência apocalíptica de um normal dia-a-dia urbano, industrial, capitalista, até uma nova estrutura «feudalizante», de pequenas comunidades sobreviventes e fechadas, com autoridade e propriedade a nível pessoal e violência de tipo medieval, tendo acontecido entretanto o colapso dos transportes, o saqueio dos supermercados, a falência das comunicações, a inoperatividade policial e das

Forças Armadas. Cada habitação é de quem a ocupa, cada vívere de quem o obteve: é essa a lei. A ideia, pois, de que a América chegou a tal dimensão de frágil complexidade que qualquer falha mais grave no sistema total desmoronar tudo e alterar radicalmente a ordem das coisas — «Blade Runner» começa precisamente aqui, e logo Batman deixa de ter sentido. Eco, que não tem da Idade Média a mesma noção pessimista, contrapõe a Vacca um outro cenário, afirmando estar a acontecer já, agora, uma nova Idade Média, e em vários planos: o da des-centralização e crise dos poderes centrais, auto-administração de interesses, exaustão agrícola e natural, vagabundagem existencial, insegurança, diferenciação cultural, produção artística objectual, transição permanente.

De qualquer modo, tanto Roberto Vacca como Umberto Eco fazem analogias que só europeus se poderiam lembrar — um americano nunca traçaria paralelos com o feudalismo, mesmo sabendo que os Estados Unidos têm a alucinada prática de reconstrução de passados que não são seus.

O americano o que faz é projectar no futuro, na alteridade: escreve «Blade Runner», uma narrativa em bairros de prédios desertos mas aqui e ali ocupados por seres solitários e assustados, nuclearizados, mutantes. Hologramas do imaginário americano. Os personagens do álbum de Bilal é assim que são, porque a BD francesa é hoje o que a americana não pôde continuar a ser devidamente. Culpa de Disney?

Sintra-Los Angeles

Mas quando se diz que a Europa dirige o olhar para a América devemos entendê-lo tal e qual — trata-se exactamente de um olhar. Vejamos os filmes do alemão Wim Wenders, «O Amigo Americano», «Hammet», «Paris-Texas», casos de cinema-objecto de sedução. A câmara deslumbra, quer abarcar o máximo até no imperceptível. As sequências no deserto em «Paris-Texas» são de um «Voyeur» no conhecimento ansioso de uma aridez, uma solaridade, um vitalismo que na Europa não existem, os personagens encontram-se mergulhados num meio transbordante mas põem-se à tona das coisas, querendo respirar. «Hammet» conjuga uma referência previsível, não só porque a pátria do policial são os EUA mas pelo muito que dizem os livros policiais americanos (para mim um Raymond Chandler, um Dashiell Hammet valem mais que qualquer autor da chamada «sociologia americana» se é para fazer um levantamento que nos leve a concluir o que é afinal a América). «O Amigo Americano» é a invocação ao Outro, mudança de um eurocentrismo para já um género diverso de atenção.

É sintomático que Bilal e o seu colega argumentista, Christin, em conversa com Jorge Colombo num semanário, falem de Wenders e de «O Estado das Coisas», esse filme meio passado em Sintra (um pouco da Europa aristocrática) e meio passado em L.A. (esse espaço de delírio realizado). «O Estado das Coisas» implicava a osmose entre o cá e o lá, mais o espírito subjacente. Em «Los Angeles/L'Étoile oubliée de Laurie Bloom» o folhear das páginas impõe a interrogação inevitavelmente subjectiva e de resposta indeterminada de onde acaba o exacto e começa o fantástico, ou se de facto existirá mesmo uma fronteira a dividi-los. Mas é evidente que o olhar é organicamente europeu, parte da «Sintra» da Europa, e por isso talvez um californiano não reconhecesse a

cidade». Todas as localizações nos Estados Unidos que o livro de Eco faz girar em volta desse limiar e tornam a girar orbitalmente, porque é aí que está o mapa americano e inclusive o que sobra para ele remete.

O que sobra: é comumente sabido que o jazz é hoje uma música tocada em todo o mundo, mas os músicos americanos do estilo lembram continuamente, quando em digressão no estrangeiro, que o jazz é americano — fê-lo há algum tempo, na nossa rádio, o saxofonista tenor Bennie Wallace, para aborrecimento de muitos que acham o género internacional apropriado. Os jazzistas europeus adaptaram-no à sua sensibilidade, e exemplo áureo disso é o chamado «som ECM», a editora discográfica e, mais do que isso, escola criada pelo alemão Manfred Eischer. Um Wallace, que é branco, reivindica a condição americana do jazz, contra os defensores do «folclore universal», mas os músicos negros reagem mais aversamente, consideram o jazz tocado por europeus com desprezo: por ser intelectual, erudito mesmo e até nas vizinhanças da

música «séria» contemporânea, por ser linear, por reverter o «beat», diferentemente dos «arranques, acelerações e abrandamentos» (que podem ser exemplificados pela música que John Zorn está a fazer, inspirado nas alterações rítmicas dos desenhos animados, ou melhor, no que tal vem ao encontro do jazz) que Umberto Eco é tentado a usar como definição americana, aplicada por exemplo na televisão, o saltar de canal para canal, as interrupções constantes da publicidade: autêntica esquizofrenia rítmica. E note-se: é precisamente a ausência desta acentuação de tempo que o cinema de Wenders tem, e o identifica como europeu.

Um sonho americano

Se a obsessão sexual em literatura de um Miller ou de um Bukowski não seria «natural» num europeu, se nenhum europeu poderia ter escrito, como Norman Mailer, «O Parque das Corças», a propósito dos bastidores da indústria americana do cinema, ou «Um Sonho Americano» sobre certa amoralidade característica, se isto é um

facto, no entanto não é difícil ao americano adaptar-se ao esquema europeu.

Retenham-se estes elementos: os discos da ECM estão, inesperadamente (?), a ser comprados na América; os criadores de moda franceses têm clientela fixa; «O Nome da Rosa», de Umberto Eco vendeu bem por lá; é usual encontrarem-se decalques da arquitectura suíça, por exemplo; o pintor inglês David Hockney é incensado; a «esquerda americana» observa Mitterrand. O que quer dizer tudo isto?

A «Interview» de Warhol entrevistando Madame Mitterrand, Wim Wenders tornando-se o guardião do «novo cinema americano» são os sinais presentes de coisas que vêm já de muito atrás, fixações. É óbvio que Bukowski quer ser nesta América do século XX o Baudelaire e o Rimbaud do XIX europeu (um «maldito» — bah!). Que Philip Glass se candidata à sucessão de maior da ópera, linha de tradição europeia inalterada. E que o medíocre Reagan sonhe ser uma Thatcher de gravata. Quem se fascina mais por quem? Quem se ilude?

Rui Eduardo Paes

«Paris-Texas» e «Blade Runner»: dois «novos» olhares sobre a América



Cadernos de Picasso

Edição em fac-símile dos esboços do artista, ou por que caminho se encaminha um cérebro para a concretização do seu sonho.

A posteridade de Picasso é mais simples do que a sua progenitura: não há mês sem que se abram ou editem, nos quatro cantos do mundo, exposições ou livros de homenagem ao pintor, ao escultor ou ainda ao gravador. Uma exposição em Tubingen evoca o desenhador. A galeria Jean Krugier, em Geneve, expõe as obras cubistas da coleção Marina Picasso (até 18 de Junho). Finalmente, a Pace Gallery de Nova Iorque expõe, com o lindo título «Je suis le cahier» (em francês no texto), uns setenta e cinco cadernos de desenhos provenientes da sucessão do artista e que entraram nas colecções de Bernard, Claude, Marina e Paloma Ruiz Picasso.

Como a galeria é privada não é de excluir, que alguns desses cadernos possam ser vendidos. Mas é inútil procurar ali os que contêm os desenhos para *Les Femmes d'Alger*: todos ou quase todos se encontram no museu Picasso de Paris, que não participa, tal como o museu Picasso de Barcelona, nesta exposição. Foram, no entanto feitos fac-símiles de certos cadernos particularmente célebres, o que dá uma visão muito ampla da vida «preparatória» do artista.

Por essa ocasião foi editado um livro-catálogo. Todos os cadernos de espiral foram desmontados e expostos, página por página. Serão refeitos no fim da exposição, isto é, no dia 1 de Agosto.

Picasso não é barato e as viagens são caras. Os livros também, infelizmente. Mas alguns valem a pena. Eis um que nos sugere o seguinte: «Seria muito curioso fixar fotograficamente, não as etapas de um quadro, mas as suas metamorfoses. Aparentar-nos-íamos talvez do caminho que um cérebro toma para a concretização do seu sonho...» O cérebro que assim sonha é o de Picasso, citado por Zervos (*Cahiers d'art*, vol. 10, n.º 7/10, 1936). Uns cinquenta anos mais tarde, Brigitte Baer como que re-

tomou essa ideia para o tomo 3 de *Picasso peintre-graveur*.

O tomo 1 deste «catálogo comentado da obra gravada e dos monotipos» nasceu em 1933 com o olhar e a pena do suíço Bernhard Geiser, que morreria em 1968, um ano depois da publicação do tomo 2. Retomando o trabalho de Geiser, Brigitte Baer não deixa de saudar o autor dessa «biblia de referência para todos os museus, bibliotecas e outras instituições no mundo». O seu tomo 3 não é, no entanto, o fim do caminho, visto só tomar em conta os anos de 1935 a 1945. Haverá um quarto daqui por dois anos (1946-1952). E aconselha a prudência que não se sugira nenhuma data para o quinto e último. Kornfeld, editor de Berne que empreendeu essa obra prevenir-nos-á decerto na altura.

No entanto o tomo 3 basta-se a si próprio. Ele cobre o período mais importante da obra gravada do artista. É também o período que vê a intervenção de um impressor «genial», diz Brigitte Baer: Roger Lacourrière. Ele põe a sua técnica à disposição de um Picasso em que o gravador atingiu a plena maturidade. São as gravuras mas conhecidas e talvez as mais importantes: *La Tauromachie*, *Faune dévotant une dormeuse*, *La Femme au tambourin*...

Cada fase de cada uma destas obras foi reproduzida, minuciosamente e descrita, com o detalhe das técnicas utilizadas. «Porque os jovens perguntam sempre: Como é isto feito?», explica a autora, que acrescenta: «É uma das razões pelas quais não consigo trabalhar no Gabinete das Estampas da Biblioteca Nacional».

São assim dadas sete fases da *Mino-tauromachie* (Março de 1935), isto é, mais duas do que em geral se conhecia, e às quais se acrescentou a última fase, impressa à mão, em cor. *Le Faune* (1936), que se lembra de Rembrandt e que é para Brigitte Baer «a mais célebre e mais bela das pranchas da sequência



Vollard», está em todas as suas fases, seis ao todo. *La Femme au tambourin* (cinco fases reproduzidas) sofreu um leve rejuvenescimento. Parece, com efeito, que deve ser datada de 1939 e não de 1938, como se tem feito até agora. Quanto à *La Femme qui pleure* (1937), sabe-se que as duas fases editadas que tinham estado em depósito no Moma de Nova Iorque, reuniram-se à *Guernica*, no Prado.

É difícil ser-se económico quando se fala de Picasso: «Picasso é o maior de todos, diz-nos ainda verbalmente o autor desse trabalho monumental, talvez o único gravador do século. Com Dürer, Rembrandt, Goya e Toulouse-Lautrec,

é um dos quatro ou cinco maiores gravadores de todos os tempos. Não pode haver dúvidas acerca disto. Como diz um dos meus amigos, mesmo que a sua pintura desaparecesse um dia, a sua gravura e a sua escultura ficariam».

Tudo isto vale os 2.000 francos que custa a obra: «Um trabalho de louco».

A Biblioteca Nacional pensa fazer uma pequena exposição, no fim de Maio, a fim de apresentar a obra.

F.E.

* *Picasso peintre-graveur*, tomo III, 350 páginas, 388 reproduções, 101 das quais a cores. Ed. Kornfeld.

Kroetz no Teatro do Século

ESCRITA na Alemanha de 1975, a peça «Caminho para a felicidade», de Franz Xavier Kroetz, agora apresentada no Teatro do Século, é um monólogo para uma mulher que bem se pode enquadrar no Portugal dos nossos dias. (*)

De facto, trata-se aqui da solidão provocada para cada um nesse ambiente em que o jugo é o do desemprego, ou o emprego a prazo e atrás dele aqueles que disso tiram proveito mantendo, nesta como noutras sociedades em vias de industrialização, uma massa de pessoas em situação de insegurança, podendo ficar sem emprego de um dia para o outro. Pessoas para quem coisas como a alegria ou a felicidade são coisas passageiras, da imaginação, viagens curtas como esta que agora se retrata.

O papel, que será desempenhado por Lucinda Loureiro, consistiu num grande desafio e numa experiência totalmente nova para a actriz, que, saindo do seu espectáculo anterior, «Embalagem Perdida», de Vera Feyder, se encontra agora a braços com um trabalho totalmente diferente, dirigido por Rogério de Carvalho, em que é levada a tomar forma num meio social que não é o seu, rodeada de fantasmas e problemas que até agora não lhe diziam respeito mas passaram a dizer, pois



Lucinda Loureiro

sente-se satisfeita com o seu trabalho. Deu-lhe o que podia dar, foi revolvida por outra mulher e agora seremos nós a julgar se essa operação mágica em que o teatro consiste chegou ou não a bom porto.

Para o encenador, Rogério de Carvalho, embora se trate de uma persona-

gem rodeada de dados muito concretos, não se pretende, na abordagem que foi feita, confundir a realidade com a representação teatral. São dois mundos que se cruzam, que coexistem, aquilo que se passa na representação, não se pretendendo identificar textualmente com a realidade. Aliás, o próprio es-

pectáculo, pode resumir-se como um acto de enunciação daquilo que é dito, sendo esta uma característica muito ligada ao facto de se tratar de um monólogo. Havendo uma unidade de tempo (tanto o espectáculo como a «viagem» duram uma hora) de facto isso acaba por ser falso, pois dentro dessa hora cabem outros tempos, sendo entregue todo um universo interior em que cabem espaços muito mais vastos. Além disso, num espectáculo com estas características, acaba por ser tão importante ou mais a sonoridade do que ali é dito, ou seja o tratamento «musical» dado à voz da personagem do que o conteúdo do seu discurso levado ao pormenor.

Uma peça que nos diz respeito a todos, com problemas que o nosso quotidiano não pode nem deve ignorar.

Manuel Cintra

(*) Viagem para a Felicidade, de Franz Xavier Kroetz/ Encenação de Rogério de Carvalho/ Interpretação de Lucinda Loureiro/ Tradução de Maria Adélia Silva Melo/ Cartaz de Alberto Lopes/ Banda sonora de Rogério de Carvalho e Alberto Lopes/ Produção Teatro do Século.

Quintas, Sextas e Domingos às 18h30, Sábados às 21h30.

Mensagens Pessoais

Andar

Em prédio de 2 andares, S. João do Estoril, bom preço, com telefone, marquise fechada, gás canalizado, aquecimento em todas as divisões, e roupeiros no r/chão com escada de caracol interior para a cave que tem um grande quarto e uma super arrecadação com janelas para a rua. Tel. 2687024, António Duarte. R. Silva Lobo 193, r/c., esq., S. João Estoril.

Caparica Junho-Julho

Caparica apartamento junto praia, alugo Junho-Julho contactar telefone 834464 (13h e 20h).

Vendo móveis de quarto

Bom roupeiro em tola com cama. Guarda-fato de casal em castanho e eucalipto com espelho bom. Cómmoda e mesa de cabeceira iguais ao guarda-fato. Camas individuais em castanho muito fortes, iguais, bonitos. Vendo as duas ou só uma. Telefonar da parte da tarde, 898336.

Senhora

Muito honesta e educada sabendo costura oferece-se para boutique ou casa particular três tardes por semana. Tel. 545138.

Coleccionador

Faz colecção de autocolantes, calendários de bolso, carteiras de fósforos, rótulos de garrafas, maços de tabaco. (I.N.C.M.), Av. António José de Almeida — 1092 Lisboa Codex

Máquina de filmar

Vendo por 15 000\$00, câmara CANON AUTO ZOOM 518 Super 8. Tel. 4375839.

A fonte de Madalena

Novidade! Rogério Gonçalves, escreveu «A FONTE DE MADALENA». Memórias e ficção anos 1920/40. Disse a criticabã lvida vivida com amor, com fraternidade, com olhar de poeta». Ver livrarias e em breve Feira do Livro. Para contacto autor, Apartado 1333 — Arroios, 1009 Lisboa Codex.

Fontanelas

Campo/mar a 7 quilómetros de Sintra. Vende-se terreno com localização privilegiada em Fontanelas/Gouveia. 3500 m com projecto de moradia aprovado. 6000 contos. Tel. 54 59 55 ou 31 22 57.

Selos — postais

«Desejo trocar selos por postais ilustrados com leitores e leitoras do Diário de Lisboa». Fernando José dos Santos, Rua Laureano de Oliveira, 8-1.º, Moscavide — 1885 Lisboa

Regulamento

Cada leitor poderá enviar-nos, até à quarta-feira de cada semana, as suas «mensagens pessoais», que o Sete Ponto Sete publicará gratuitamente na edição seguinte. Cada mensagem não deve ter mais de 60 palavras (incluindo a identificação), e nem o Sete Ponto Sete e nem o Diário de Lisboa de Lisboa podem ser os destinatários das respostas, quer dizer: cada mensagem deve mencionar a morada ou telefone do seu autor. Dactilografe ou redija muito legivelmente o seu texto, e envie-o para «Mensagens Pessoais» Sete Ponto Sete, «DL», Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA.